

ARTUR MONTEIRO BENTO

**A COMUNIDADE CABOVERDIANA NO RIO DE JANEIRO:
Memória Híbrida, Identidade e Diferença.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Documento, Centro de Ciências Humanas e Sociais/UNIRIO, como requisito para obtenção do título de Mestre em Memória Social e Documento.

Orientadores:

Profa. Dra. Josaida de Oliveira Gondar.
Prof. Dr. Miguel Angel de Barrenechea.

Rio de Janeiro

Março/2005

Brasil. Catalogação-na-publicação

Bento, Artur Monteiro.

A Comunidade Caboverdiana no Rio de Janeiro: memória híbrida, identidade e diferença.

Rio de Janeiro: PPGMSD/UNIRIO, 2005, 119 p.

Dissertação Mestrado – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

1. Memória híbrida 2. Identidade 3. Diferença 4. Recriação 5. Miscigenação.

Termo de Aprovação

**A COMUNIDADE CABOVERDIANA NO RIO DE JANEIRO: Memória Híbrida,
Identidade e Diferença.**

ARTUR MONTEIRO BENTO

Apresenta a Dissertação

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Auterives Maciel - UFF.

Profª Dra. Josaida de Oliveira Gondar - UNIRIO.

Prof. Dr. Miguel Angel de Barrenechea -UNIRIO.

Prof. Dra. Regina M. do Rego Monteiro de Abreu – UNIRIO.

Aprovado com conceito “A”, e recomendação para sua divulgação.

UNIRIO
Março/2005

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus,
que me deu toda uma vida para me inquietar,
os amigos para dividir as angústias,
coragem para realizar e muitos caminhos
para percorrer.

AGRADECIMENTOS

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/CAPES por ter investido na minha qualificação profissional.

Ao meu pai, Quintino Malaquias Bento, pela dedicação silenciosa.

A minha mãe, Auta Ana Monteiro Bento, pelo exemplo de coragem e proteção que sempre nos deu.

A minha irmã, Maria Auxilia Monteiro Bento, pela crença no amanhã.

A todos os meus irmãos pela confiança na minha capacidade.

A Joana Évora e Iria Martins, pelo contato indireto com a Comunidade Caboverdiana no Rio de Janeiro.

Aos imigrantes caboverdianos, pela recepção calorosa e simpatia.

Aos Profs. Drs. Miguel Angel de Barrenechea e Jô Gondar, orientadores desta dissertação, pela seriedade com que conduziram meu trabalho e pelas críticas que propiciaram um maior aprofundamento nas questões polêmicas da pesquisa.

Ao corpo docente do curso de Psicologia da Universidade Gama Filho/UGF, em especial aos Profs. Luis Moacir Nascimento Pereira, Jorgelina Ines Brochier, Ana Lúcia Barreto Bhering, Dra. Luiza Atalia Fontes, pelo apoio e credibilidade.

Aos meus companheiros de Mestrado, minha alegria por termos seguido sempre juntos.

A Profa. Dra. Evelyn Goyannes Dill Orrico, coordenadora do curso de Mestrado, pelas discussões frutíferas durante as aulas.

A Profa. Dra. Lúcia Maria Alves Ferreira, pelo aconchego e incentivo.

Ao Prof. Dr. Marcos Aurélio Santana, pela valiosa contribuição durante as aulas.

A Profa. Dra. Icléia Thiesen Magalhães Costa, pela oportunidade do exercício de construção do conhecimento de uma forma plural.

A Profa. Dra. Regina Maria do Rego Monteiro Abreu, pela presença crítica e construtiva no cotidiano da sala de aula e pelas contribuições durante o exame de qualificação desta dissertação.

Ao Prof. Dr. Auterives Maciel, por ter aceitado o convite para contribuir para esta dissertação com seus estudos sobre memória.

EPÍGRAFE

Pouco conhecimento faz que as criaturas
se sintam orgulhosas.
Muito conhecimento, que se sintam humildes.
É assim que as espigas sem grãos erguem
desdenhosamente a cabeça para o céu,
enquanto que as cheias a baixam
para a terra, sua mãe

Leonardo da Vinci

RESUMO

BENTO, Artur Monteiro. *A Comunidade Caboverdiana no Rio de Janeiro: memória híbrida, identidade e diferença*. Dissertação de Mestrado em Memória Social e Documento. Rio de Janeiro: PPGMSD/UNIRIO, 2005, 119 p.

O presente trabalho aborda a recriação da memória e identidade dos imigrantes caboverdianos no Rio de Janeiro. Apresenta a transmissão de alguns hábitos e costumes do país de origem, na perspectiva de uma memória híbrida, noção proposta a partir do conceito glissantiano de cultura híbrida. A pesquisa discute a construção de uma memória híbrida em termos teóricos e a partir de depoimentos orais colhidos na pesquisa de campo que serviu de base para entendermos as trajetórias, a integração, os modos de vida e a permanente recriação da memória que se faz na comunidade do Rio de Janeiro. Também analisa os riscos de uma memória híbrida dentro dos limites oferecidos pela pesquisa participante.

A análise das entrevistas e a observação de campo evidenciam que, embora exista uma perda de laços comunicativos com Cabo Verde, a comunidade local recria alguns hábitos e costumes da antiga terra mesclando-os aos da cultura brasileira, produzindo, assim, um novo modo de vida, ou seja, uma nova forma de perceber-se e reconhecer-se como caboverdiano.

ABSTRACT

BENTO, Artur Monteiro. *Capeverdian Community in Rio de Janeiro: hybrid memory, identity and difference*. Rio de Janeiro: Master Dissertation on Social Memory and Document of University Federal do Estado do Rio de Janeiro. UNIRIO, 2005, 119 p.

This work describes the recreation of the memory and identity of de capeverdians in Rio de Janeiro. It relates the transmission of some habits and customs from their native country, in a hybrid memory perspective from a notion of the glissant concept of hybrid culture. This research discuss the building of a hybridal memory on theoretical terms and from interviews gathered on field research which served as a basis for the understanding of the trajectories, integrations, ways of life and the permanent recollection that takes place on Rio de Janeiro community. It also discusses the risks of a hybrid recollection on the limits provided by participative research.

The interviews anlysis and field observations states that although the loss of communicative bonds with Cape Verde, the local community re-enalts some of their habits and customs from their former lands, merging their customs to those of brasilian culture, produzing a new way of life, or rather, a new form to realize and recognize themselves as capeverdian people.

Key- words: hybrid memory, identity, difference, hybridization, miscigenation.

SUMÁRIO

Introdução	10
1. A proposta de uma memória híbrida	17
2. A memória caboverdiana e o fenômeno migratório	33
2.1. Migração e reterritorialização no Rio de Janeiro	41
3. Descrição da comunidade caboverdiana no Rio de Janeiro	48
3.1. Breve apresentação de alguns elementos da cultura caboverdiana	61
3.2. A recriação da memória e identidade da Comunidade Caboverdiana no RJ	70
3.3. A diferença como desafio na recriação da identidade	77
4. A memória híbrida: uma memória em devir	82
Considerações finais	88
Bibliografia	90
Anexos (entrevistas)	94

INTRODUÇÃO

Esta dissertação estuda a recriação da memória e da identidade dos imigrantes caboverdianos, no Brasil, através de suas falas e da observação de seus modos de vida, focalizando a Comunidade Caboverdiana no Rio de Janeiro como cenário principal deste processo.

Segundo o historiador português *António Carreira*¹, a migração de Cabo Verde para o Brasil aconteceu no período de 1900 a 1973. Nossa pesquisa, porém, nos informa que os imigrantes atuais, tema desta dissertação, instalaram-se nesta metrópole entre 1950 e 1972 como imigrantes portugueses oriundos da província de Cabo Verde/ colônia de Portugal, à procura de um novo espaço que lhes garantisse melhores condições de vida. Esta mudança de espaço representa uma fuga dos problemas sociais, econômicos, políticos e geográficos vividos em seu país de origem. Neste contexto, optamos por analisar a comunidade local por esta ser pouco conhecida e investigada, tanto no Brasil como em Cabo Verde. Não há estudos sobre os imigrantes caboverdianos no Brasil, porém alguns pesquisadores têm desenvolvido seus trabalhos sobre as comunidades na França, na Itália e em outros países. O sociólogo Monteiro pesquisou a comunidade caboverdiana na Itália e redigiu o trabalho intitulado: *Comunidade imigrada visão sociológica: o caso da Itália*². Por outro lado, *Silva* estudou a comunidade na França e escreveu: *La communauté capverdienne en France: ses groupes et ses images*³.

No Brasil, nossa pesquisa é pioneira, abrindo a possibilidade de que esta comunidade possa ser estudada pelos investigadores interessados nas questões sobre memória, identidade e diferença e sobre a cultura caboverdiana, sendo também importante para a divulgação da Comunidade Caboverdiana no Brasil e em Cabo Verde.

Para pensar a Comunidade Caboverdiana no Rio de Janeiro propomos a noção de memória híbrida a partir do conceito de cultura híbrida do sociólogo martinicano Édouard Glissant, que será abordado com maior riqueza de detalhes no primeiro capítulo.

Pensamos que já em Cabo Verde a construção da memória se dá sob uma forma híbrida: a memória híbrida, neste caso, significa o encontro e a interpenetração dos

¹ CARREIRA, A. *Migrações nas ilhas de Cabo Verde*. 2ª ed. Cabo Verde, Praia: ICL, 1983. Confere ainda a obra do autor, (1884). *Cabo Verde: aspectos sociais, secas e fomes do século XX*. 2ª ed. Lisboa: Ulmeiro.

² MONTEIRO, C. A. *A comunidade imigrada visão sociológica: o caso da Itália*. Cabo Verde: Mindelo, Gráfica do Mindelo, 1997.

³ SILVA, M. R. Ferreira. *La communauté capverdienne en France: ses groupes et ses images*. Tese de Doutorado em Hautes Etudes en Pratiques Sociales. Faculté des Ciencias et Pratiques Psychologiques et Sociales. Université A. Et L. Lumière. Lion II, França, 1988.

vestígios etno-culturais das memórias dos escravos africanos com as memórias dos colonizadores no território insular caboverdiano. Com relação à comunidade no Rio de Janeiro, a memória híbrida passa a significar a mescla entre elementos culturais caboverdianos e brasileiros ou, mais especificamente, cariocas, de um modo que os primeiros se alteram a partir do encontro com os segundos, instalando-se um processo de permanente recriação da memória.

Vale lembrar que estes imigrantes deixaram de ter contatos freqüentes com o país de origem, porém os que assim o fizeram realizaram em média uma a duas visitas num período compreendido entre 30 a 50 anos. Entretanto, continuam mantendo e recriando alguns dos seus hábitos e fundaram a Associação Caboverdiana na cidade de Mesquita, em 1983. Essa recriação é uma forma de expressão da memória híbrida que caracteriza os caboverdianos, traço que se torna ainda mais forte nas comunidades que criam fora de seu país. Uma memória híbrida instaura um espaço novo mas que, ao mesmo tempo, traz vestígios de várias coletividades, onde cada resto cultural constitui um foco capaz de conectar-se com outras manifestações culturais a qualquer momento.

Com o objetivo geral de analisar os processos de recriação da memória e da identidade dos imigrantes caboverdianos foram delineados, nesta dissertação, os seguintes objetivos específicos: discutir os processos de integração dos imigrantes caboverdianos no Rio de Janeiro; refletir sobre a miscigenação e hibridez na construção da memória dos imigrantes caboverdianos; estudar as diversas representações que os imigrantes caboverdianos constroem sobre Cabo Verde; contribuir para a cultura de Cabo Verde e para a divulgação dos modos de vida da comunidade caboverdiana, no Brasil.

A hipótese central que norteará este trabalho é a de que os caboverdianos constroem, tanto em Cabo Verde quanto na comunidade no Rio de Janeiro, uma memória híbrida que favorece a sua fácil inserção e crescente assimilação dos modos de vida brasileiros pelos imigrantes. O fato destes imigrantes encontrarem aqui uma cultura também híbrida permite uma maior expansão das características de sua própria cultura e de sua memória. Assim, algumas perguntas norteiam a análise que será empreendida aqui: como esses imigrantes se colocam diante da cultura do país de acolhimento? Como se dá a recriação de novos hábitos, costumes e valores, a partir de um entrecruzamento entre a sua cultura e a nova sociedade? Será justamente essa recriação que os mantém coesos? Esta abertura a novos hábitos e costumes poderá colocar em perigo a sua memória, que desse modo tenderá ao desaparecimento?

Para esclarecer essas questões não se pode ignorar que, desde a chegada dos imigrantes caboverdianos ao Rio de Janeiro, existiram diversos fatores que contribuíram para que a memória deste povo fosse recriada ao longo dos tempos. Aqui, muitos traços desta memória vêm se diluindo devido à intensa miscigenação e abertura a novos comportamentos. Esta miscigenação é própria da cultura caboverdiana, já no seu país de origem. Pois, na natividade, parece que a recriação de alguns hábitos culturais tem sido fundamental para a criação da própria memória e identidade caboverdiana. A integração e a abertura a modos de vida diferentes se devem à diversidade sociocultural que contribuiu para a formação desta cultura, isto é, suas origens se fundam numa miscigenação que, no Rio de Janeiro, facilitou a recriação de alguns hábitos e propiciou uma boa integração da comunidade nesta metrópole.

Seja como for, o notável interesse que vem ocorrendo na pesquisa acadêmica sobre o hibridismo cultural incentiva o pesquisador a aprofundar esta problemática. No entanto, para isso, torna-se necessária a reflexão sobre a cultura caboverdiana. Neste caso, vale destacar que o desenvolvimento dessa pesquisa nos remete, em primeiro lugar, à miscigenação sociocultural que deu origem à construção de uma memória e identidade mestiça e híbrida que acolhe e tolera as singularidades. Assim, conhecer o processo de construção da memória caboverdiana é o modo pelo qual se inicia nossa pesquisa sobre as trajetórias dos imigrantes caboverdianos e seus descendentes no Rio de Janeiro.

Nesta ordem de idéias, vale lembrar que o pesquisador, caboverdiano, entrou em contato com a Comunidade Caboverdiana no Rio de Janeiro, em 2001, através de uma *família*⁴ da ilha de Santo Antão, residente na ilha de São Vicente/Cabo Verde, que lhe deu o endereço e uma *encomenda*⁵, para entregar ao *filho*⁶, casado no Rio com uma caboverdiana, e que se encontra neste país desde 1970. No Rio de Janeiro, o pesquisador telefonou a esta família, que lhe informou como chegar na cidade de Nova Iguaçu. Este casal o recebeu de braços abertos e convidaram-no a passar o resto do dia com eles. No dia seguinte, um dos filhos do casal o acompanhou à casa de outros caboverdianos que moravam nos arredores. Curiosamente, em todas as casas teve tratamento familiar,

⁴ Família: Dona Joana Évora e a filha Iria Martins.

⁵ Encomenda: uma lata de atum de Cabo verde, uma carta e uma bolsa de camoca (milho torrado e muido)

⁶ Augusto Nascimento, imigrante caboverdiano, natural da ilha de Santo Antão, casado com Dona Ilda, imigrante caboverdiana, natural da ilha de São Nicolau; residente no bairro Grajaú, cidade de Nova Iguaçu.

ofereceram-lhe um lanche, e convidaram-no a conhecer as dependências da casa. Na despedida, alguns lhe deram uma *encomenda*⁷, e lhe pediram para voltar novamente.

Convém notar que, devido à *diáspora*⁸, a imigração caboverdiana tornou-se um tema importante não apenas para os cientistas sociais, mas também para os próprios caboverdianos que se preocupam com a manutenção de sua identidade. Assim, tornou-se interesse do Estado, representado pelo *Instituto das Comunidades*⁹, conhecer mais profundamente a diáspora caboverdiana e os modos de vida dos imigrantes, tendo em conta os problemas que acontecem com os descendentes em todos os países nos quais a imigração se deu. Enquanto os primeiros imigrantes, aqueles que saíram de Cabo Verde à procura de uma vida melhor, mantêm uma forte ligação com o país de origem, os descendentes começam a distanciar-se da cultura caboverdiana, devido à intensa miscigenação cultural. Por este motivo, a preocupação com a manutenção dos laços da descendência com Cabo Verde tornou-se uma política do Estado. Tanto que o Instituto das Comunidades atribuiu pela primeira vez em 2003 o prêmio “Olhares de Descendências” a pesquisadores com trabalhos na área social sobre as “Gerações Saídas da Descendência Caboverdiana na Diáspora”.

Com relação à pesquisa de campo, trabalhamos principalmente com a observação participante e entrevistas com membros da Comunidade Caboverdiana no Rio de Janeiro. Nossa metodologia, de cunho qualitativo, inclui: observações de campo, tomada de anotações, fotos e entrevistas abertas com imigrantes caboverdianos. Essas entrevistas visaram coletar informações sobre os processos de construção da memória pela comunidade local, e foram realizadas com 10 (dez) imigrantes caboverdianos e 5 (cinco) descendentes, sendo que 3 (três) residentes na cidade de Nilópolis/bairro Olinda, e 7 (sete) na cidade de Nova Iguaçu/bairro Grajaú. Também entrevistamos uma brasileira, casada com um imigrante moçambicano que convive com a comunidade local, totalizando 16 (dezasseis) entrevistas. Articulando nossos subsídios teóricos às entrevistas, realizamos uma reflexão sobre suas falas, privilegiando alguns aspectos: as lembranças do país de

⁷ Encomenda: uma bolsa de leite, uma fruta e uma bolsa de Nescau.

⁸ Diáspora: refere-se a dispersão da população caboverdiana para o exterior. Entendemos que trata-se de uma saída forçada por fatores geográficos, climáticos, políticos, econômicos, sociais e históricos. Assim, em quase todos os países de acolhimento de imigrantes deu-se a formação de comunidades, associações etc. Porém, existem comunidades que mantêm uma ligação permanente com Cabo Verde, mas há outras que interromperam os contatos, parcial ou totalmente. O Instituto Nacional de Estatística (2003) estima 458.748 residentes em Cabo Verde (www.ine.cv), enquanto que o Instituto das Comunidades (2003) estima 517.780 imigrantes no exterior.

⁹ IC: um órgão do Estado direcionado às comunidades no exterior, com sede na Praia, capital de Cabo Verde. Avenida Amílcar Cabral 50, CP 237, Praia, ilha de Santiago, República de Cabo Verde. www.gov.cv/ic

origem, os hábitos e costumes trazidos para o Rio de Janeiro, a possível transformação desses hábitos devido à aculturação no novo espaço, os hábitos e costumes que permaneceram em suas memórias, visando relacionar as lembranças do espaço vivido em Cabo Verde a seus modos de vida atuais. Assim, através dos sentimentos, das lembranças, das experiências de regresso, da manutenção e criação de modos de vida, procuramos identificar como a memória e a identidade dessa comunidade são construídas no Rio de Janeiro. Nessa direção, com efeitos de esclarecer a memória híbrida caboverdiana, adotamos como método, a observação participante da Comunidade Caboverdiana no Rio de Janeiro e de sua Associação, tendo como foco os modos de vida dos imigrantes. Com este propósito, seguiremos algumas diretrizes sobre observação participante, entrevistas e histórias de vida, principalmente aquelas que fazem parte do universo teórico de Jean Copans e Daniel Bertaux.

Para *Copans*¹⁰, a observação participante está baseada no registro das conversas cotidianas, das entrevistas e da experiência individual de campo, pois trata-se de uma observação auditiva e visual que visa compreender a vida social e cultural. Esta observação é desenvolvida no seio de uma sociedade, de um grupo, que se ergue das relações institucionais, interindividuais ou coletivas. Sendo assim, a observação participante permite ao pesquisador reconhecer seu espaço e o de seus entrevistados, mas esta observação resulta de uma série de escutas, de diálogos e de trocas sociais. Ao contrário, a foto é um complemento ou um prolongamento dos processos de observação, pois o diálogo, os comentários, as crenças, os dados descritivos, muitas vezes atravessam as imagens. Assim, tanto as anotações quanto as fotos enriquecem e alargam o campo de observação.

*Bertaux*¹¹, por sua vez, nos adverte de que em uma entrevista aberta as questões são colocadas como um campo de possibilidades, ou seja, elas estão voltadas para a história de vida, a escolha das trajetórias, os modos de funcionamentos, os contextos de ações dos sujeitos envolvidos. Na história de vida, a pessoa narra um episódio da sua história vivida e exprime os conteúdos de uma parte das suas experiências que passam por percepções, reflexões, lembranças.

¹⁰ COPANS, J. *L'enquête ethnologique de terrain. Introd: du terrain avant toute chose! Cap. 3 L'observations participante e Cap. 6. L'observation*. Paris: Nathan Université, 1999, pp. 5-24, pp. 34-46 e pp. 78-90.

¹¹ BERTAUX, D.. *Les récits de vie*. Cap. 4. *Le recueil de récit de vie*. Paris: NATHAN/VUEF, 2001, pp. 31-45, pp. 51-64.

Para o autor, a memória é constituída a partir dos acontecimentos e dos fatos vivenciados pelo sujeito, individual ou coletivamente. Assim, o processo de registro da memória se realiza através de observação, entrevista, foto, entre outros, nos quais se busca reconstituir a memória e a identidade do grupo.

O fato de o pesquisador pertencer a esta comunidade faz com que os imigrantes o recebam de braços abertos, o que facilita a sua inserção e participação na comunidade. Contudo, esta facilitação de acesso pode acarretar algumas dificuldades quanto ao seu distanciamento do objeto de estudo. É este o maior desafio metodológico desta pesquisa. De todo modo, o pesquisador participa das atividades desenvolvidas por esta comunidade e sua associação, partilhando dos hábitos e costumes mantidos por estes imigrantes. Ao mesmo tempo em que participa da vida da comunidade, ele se distancia para tentar compreender e analisar como os imigrantes recriam sua memória e identidade neste novo espaço.

Os capítulos apresentados desta dissertação tentam responder às questões do tema proposto. Assim, no primeiro capítulo analisamos a memória híbrida à luz de alguns teóricos que articulam a memória à construção de uma identidade social. Neste sentido, procuramos pensar a memória híbrida em um contexto social e histórico, remetendo para uma concepção de memória dinâmica que existe no interior de universos múltiplos e em processo de metamorfose. Realizamos uma abordagem etnográfica e também empregamos a metodologia da observação participante para captarmos as lembranças que são recriadas no Rio de Janeiro, bem como a estratégia usada pela comunidade na transmissão de alguns hábitos e costumes da antiga terra.

No segundo capítulo, relacionamos a memória caboverdiana com o processo migratório. Aqui, focalizamos a migração como um processo histórico motivado não só pelas condições deficitárias do arquipélago e a busca de novos espaços para garantir melhores condições de vida, mas também desencadeado pelo espírito de aventura e abertura para conhecer novos grupos. Refletimos sobre o processo de integração dos imigrantes no Rio de Janeiro, que representa uma mudança espacial e social com reflexos sobre a sociedade de partida e de destino, nomeadamente sobre a percepção e organização de seu sistema simbólico e social. Discutimos sobre a mestiçagem cultural acontecida em seu país de origem, que facilitou a integração destes imigrantes no Rio.

No terceiro capítulo, descrevemos e analisamos a Comunidade Caboverdiana no Rio de Janeiro como sendo um grupo social singular, sem estabelecer comparação com outros grupos existentes nesta metrópole. Refletimos sobre as lembranças, as criações, os convívios comunitários e as trajetórias dos imigrantes, de modo a pensarmos a evolução dinâmica da memória e identidade desta comunidade local. Abordamos os mecanismos usados por esta comunidade para a recriação da memória e da identidade, bem como a forma em que é transmitida a cultura recriada no Rio de Janeiro. Analisamos alguns hábitos e costumes, visando detectar transformações, evoluções ou permanências nos iniciais deste grupo.

No quarto capítulo, avaliamos os riscos que uma memória híbrida e mestiça representa para a cultura caboverdiana, de modo que essa reflexão possa instigar novas investigações nos pesquisadores interessados em desenvolver suas pesquisas sobre culturas abertas. Aliás, indagamos sobre as conseqüências da globalização e suas incidências na memória de uma comunidade específica, como a caboverdiana.

1. A PROPOSTA DE UMA MEMÓRIA HÍBRIDA

Analisar a Comunidade Caboverdiana no Rio de Janeiro é abordar uma comunidade cuja memória é híbrida e mestiça. Contudo, essa hibridez encontrada na comunidade é própria da cultura caboverdiana, que constrói desde o país de origem uma memória múltipla, constituída, desde o início por um entrecruzamento de fatores e tendências.

Na construção da cultura caboverdiana, utilizamos o termo memória híbrida para significar o encontro e a interpenetração dos vestígios etno-culturais das memórias dos escravos africanos com as memórias dos colonizadores que ocupavam o arquipélago. Neste caso, entendemos por vestígios a diversidade de fragmentos culturais trazidos pelos escravos das suas tribos para Cabo Verde, além da incorporação de alguns hábitos e costumes europeus já bem alterados, devido às reelaborações sofridas pelo contato com uma outra cultura. Esses escravos chegam ao arquipélago isolados de todas as suas referências, mas portadores de universos simbólicos vividos e compartilhados. Apesar de pertencerem a tribos distintas, os escravos não colocaram suas culturas em oposição, já estando dominados e misturados nos navios negreiros.

Convém ressaltar que os escravos provenientes de diversas identidades étnicas, no sentido de serem portadores de um acúmulo de heranças culturais que permitem distingui-los de outros grupos sociais, foram espoliados das suas línguas maternas, arrancados à força das suas raízes e trazidos para Cabo Verde, perdendo contato com suas tradições, tais como: sistema de parentesco, casamentos, utensílios de trabalho, artefatos, religião, alimentação, até a forma de enterrar os mortos de acordo com preceitos, tabus e superstições. Em outras palavras, perderam o contato com a sua “memória coletiva”, isto é, com os seus “quadros de referências sociais”, segundo *Halbwachs*¹². Este autor concebe a memória coletiva como a memória dos membros de um grupo que reconstrói o seu passado a partir dos quadros de referências sociais que podem ser as instituições, os rituais, os costumes, os hábitos, os aniversários, os períodos de férias, calendários etc. Estes quadros ajudam a recordar acontecimentos específicos. Sendo assim, a memória coletiva tem funções identitárias e normativas, visto que transmite e propõe modelos e paradigmas de condutas dos membros do grupo.

¹² Cf. NAMER, G. “Reediter les cadres sociaux de la mémoire de Maurice Halbwachs”. In: HALBWACHS, M. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Éditions Albin Michel, 1994.

Todavia, o colonizador também perdeu o contato com suas origens devido ao distanciamento resultante das precárias condições de navegação da época e das péssimas circunstâncias climáticas, geográficas, sociais e políticas existentes em Cabo Verde. Assim, o homem branco não pôde transmitir a cultura européia na sua integridade, ainda que os missionários encarregados pela conversão dos escravos não encontraram resistência de crenças que dificultasse a evangelização, uma vez que cada escravo convivia já com crenças diferentes das suas próprias. Por outro lado, devido ao isolamento e à desproteção dos seus grupos de origem, eles se submeteram à doutrina cristã, mas misturaram as contribuições da cultura européia com os vestígios das memórias africanas. O convívio das diferenças, portanto, marca Cabo Verde desde o início, dando origem a uma memória híbrida sempre disposta a se mesclar. A partir disso, nasce uma memória em devir, em construção, em permanente reelaboração.

Neste ponto, Semedo afirma que:

“Cabo Verde constitui um dos raros países de proveniência escravocrata onde a convivência cultural apagou quase na totalidade, os preconceitos étnicos. O homem caboverdiano define-se essencialmente como uma identidade cultural, num mosaico de gente com diversas tonalidades somáticas e fisionômicas”¹³.

O nosso entendimento nos aponta que os povoadores esqueceram as diferenças etno-culturais, mesclando-se as diversas contribuições culturais, tanto africanas quanto européias. Disso resulta um povo que, apesar de parecer homogêneo, é bastante heterogêneo. Porém, nota-se alguns hábitos comuns que os diferenciam de outras culturas, mas aproximam-se de diversas outras, dada as semelhanças muitas vezes reconhecidas como resquícios culturais de outros povos.

Em virtude disso, cremos que as diversas linguagens, como forma de compreender e interpretar o mundo trazidas pelos povoadores se misturaram, processando-se uma memória híbrida e mestiça que se pauta em laços afetivos e de solidariedade, mas também significando uma forma de resistência à fixação de uma identidade etno-cultural. Nessa direção, é possível assinalar que tanto o europeu quanto os escravos abandonaram muitas diferenças etno-sociais e recriaram alguns de seus vestígios, das suas características iniciais, fazendo surgir uma memória atravessada por diferentes expressões culturais que não os isolaram e nem conduziram à formação de guetos, na medida em que permitiram

estabelecer o exercício do diálogo intercultural, aprendizagem com a diferença, a não discriminação, tolerando as singularidades.

Neste contexto, enfatizamos que a memória caboverdiana surge do encontro dos vestígios culturais transplantados das terras de origem, resultando em uma memória híbrida, mestiça, singular, mas multifacetada que se mostra sempre disposta a ir ao encontro da diversidade cultural, social e histórica. Entretanto, essa hibridez, não significa eliminar disputas, conflitos e divergências presentes nas interações sociais, mas pressupõe a tomada de consciência da diversidade cultural, isto é, de crenças, valores e costumes que oferecem múltiplas escolhas.

Vale ressaltar que o conceito de memória híbrida utilizado nesta dissertação deriva da noção de cultura híbrida glissantiana, a partir do seu trabalho: *Introduction à une poétique du divers*¹⁴. Neste sentido, vale lembrar, com Glissant, a importância das culturas híbridas ou compósitas, por ele diferenciadas das culturas atávicas, que se relacionam com a idéia de uma identidade “pura”. Estas últimas são culturas fechadas em si mesmas, a partir de um discurso homogêneo que se torna hegemônico por se considerar possuidor da verdade, negando o outro ao esmagar as diferenças.

“São culturas que procuraram se expandir e sobrepor-se àquelas com que vieram a se deparar em seu curso histórico. Seria esse o caso das culturas européias e das orientações expansionistas, autoritárias e dominadoras que vieram a adotar durante o período colonial. Para tanto, desenvolveram a idéia de um mito fundador para dar legitimidade ao seu domínio”¹⁵.

Já as culturas híbridas são abertas ao contato, se misturam e se conjugam com aquelas que têm outros valores e formas de ser. São culturas que resultaram da mistura de elementos contraditórios e não possuem uma feição “original”. Além disso, estão sempre em movimento contínuo e em processo de transformação.

Vale ressaltar as diferenças na veiculação dessas culturas: “as atávicas foram difundidas, sobretudo através de textos impressos; as compósitas, na oralidade por meio de contos. Esses dois tipos de culturas podem coexistir, lado a lado em um mesmo território”¹⁶.

¹³ SEMEDO, J.M. *Um arquipélago do Sahel*. In: AHN. *Descoberta das ilhas de Cabo Verde*. Cabo Verde, Praia, Sépia Paris, 1998, p. 36.

¹⁴ Cf. GLISSANT, É.. *Introduction à une poétique du divers*. Paris: Gallimard, 1996.

¹⁵ JUNIOR, B. A. *Fronteras múltiplas, identidades plurais: um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural*. São Paulo: Senac, 2002, p. 16.

¹⁶ *Idem.*, p. 16.

Nessa perspectiva, a identidade cultural é resultante desse processo de miscigenação, na qual a identidade é “rizomática”, termo tomado de Deleuze e Guattari¹⁷, que vai de encontro à idéia de uma cultura com limites bem definidos. Glissant parte do princípio de que a cultura híbrida não tem raiz fixa por estar em constante movimento e em diálogo com outros sujeitos culturais. Assim, a mestiçagem é um processo em movimento contínuo que inviabiliza a busca de raízes “puras”, como ocorre na sociedade caboverdiana.

Glissant pensa a identidade a partir da análise crítica do “Mesmo”¹⁸. Para o autor, o “Mesmo” é uma visão unívoca imposta pelo Ocidente que representa uma identidade fechada sobre si. Para ele, o Ocidente se enraíza neste conceito de identidade-raiz. Ao contrário, ele propõe o conceito de identidade-rizoma, que respeita o “Diverso”, as diferenças consentidas. “O diverso, que não é caótico nem estéril, significa o esforço do espírito humano em direção a uma relação transversal, sem transcendência universalista”¹⁹.

Sendo assim, a memória híbrida é constituída por linhas em zigue-zague, transversais, pois “ o diverso tem necessidade da presença dos povos, não mais como objeto a sublimar, mas como projeto a por em relação. Como o mesmo começou pela rapina expansionista no Ocidente, o diverso nasceu através da violência política e armada dos povos”²⁰. Neste caso, o diverso é a aceitação das diferenças e a possibilidade de convivência com a diversidade sociocultural sem pretender impor verdade nenhuma. O diverso é aberto ao contato, ele se expande pelos elos que se estabelecem com outras comunidades, ou seja, o diverso passa pela totalidade dos povos, segundo Glissant. Posto assim, a diversidade leva a construção de uma identidade-rizoma, que está sempre à procura do outro para travar relações. Aliás, o pensamento rizomático valoriza uma identidade múltipla que estaria na base da “poética da relação” segundo a qual a identidade, é produto de uma relação com o outro, porém a relação “ é a implicação moderna das culturas, em suas errâncias, sua reivindicação estrutural de uma igualdade sem reserva”²¹.

Creemos que a identidade rizomática vê o outro como projeto de acordo, a partir da aceitação das singularidades. Acreditamos ser possível estender essas reflexões de Glissant

¹⁷ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil plátos: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: 34, 1995.

¹⁸ GLISSANT, É. *O mesmo e o diverso*. In: *Le discours antillais*. Paris: Seuils, 1992. Tradução Mormélia Parise, comentário Graciela Ortiz (UFRGS). <http://www.cdrom.ufrgs.br/glissant/index.html>.

¹⁹ *Idem.*, p. 6.

²⁰ *Idem.*, p. 6.

²¹ *Ibid.*, p. 8.

ao campo da memória social, propondo a noção de memória híbrida como um instrumento teórico importante para pensar os grupos ou comunidades cujas referências sociais e culturais estão se entrecruzando de maneira dinâmica, como é o caso da comunidade caboverdiana, nosso objeto de estudo.

Assim, na esteira de Glissant, concebemos a memória híbrida como sendo uma “memória metamorfoseada”, na qual não se encontra um registro “puro” de uma herança cultural vinculada a uma etnia específica. Entendemos por memória metamorfoseada o processo de transformação dos vestígios de traços culturais que foram tomando forma a partir de interconexões de elementos heterogêneos com um resultado imprevisível, uma memória em devir, memória mutável que é e não é mais. Sendo assim, mantemos a posição de que não havia o caboverdiano, em si, mas uma miríade de caboverdianos que foi se constituindo a partir dos vestígios diversificados, visto que sofreram uma reelaboração de acordo com o contexto escravocrata. Desta maneira, a memória híbrida facilita o diálogo aberto com a multiplicidade de interações, sem discriminação, respeitando as diferenças e singularidades.

A respeito da palavra “puro”, podemos recorrer, didaticamente, a dois pólos extremos de discussão que denominamos de abordagem essencialista e abordagem mestiça. A primeira se dirige a uma memória cristalizada, estável, fixa com princípios universais; a segunda é voltada para uma memória aberta em contínua mudança que se refaz constantemente através de uma rede de interações aonde emergem significados. Nesta, seria contraditório falar de “puro”, visto que a memória híbrida é algo em devir, em reelaboração, admitindo-se a um maior número de experiências culturais diversas. Sendo assim, podemos atrelar a memória híbrida a noção de cultura como uma “construção histórica que se fez na dinâmica dos contatos entre povos e culturas diferenciadas”²².

Podemos pensar, todavia, que todas as memórias nasceram da interpenetração de elementos heterogêneos e até contraditórios. Não há, de fato nenhuma memória que seja “pura”, ainda que algumas possam tentar estancar a partir de um determinado momento, o resultado de uma mistura. Neste caso, falaremos de condições que possibilitam o fechamento de uma memória e não de outras. Mas, aqui, o termo “puro” foi usado como contraponto para explicar a memória híbrida. Nesta, não há reivindicação de uma memória oficial por parte de um grupo dominante e nem enfrentamentos para impor uma identidade

²² JUNIOR, B. A. *Fronteiras múltiplas, identidades plurais: um ensaio sobre a mestiçagem e hibridismo cultural*. São Paulo: SENAC, p. 21

unívoca, calcada em preceitos culturais e normas de conduta, uma vez que a memória híbrida intensifica a relação e o diálogo com outros povos. No caso de Cabo Verde, a busca solidária permitiu ir além dos obstáculos e limites enfrentados e, com isso, aliviou a passagem do desenraizamento para a integração sociocultural. Sendo assim, a memória coletiva, não se reduz a um grupo étnico. A memória híbrida não conduz a uma delimitação clara da identidade do povo caboverdiano e nem na construção de uma identidade oficial forjada pelos grupos dominantes. Nesta ótica, a memória híbrida não propõe modelos fixos de comportamentos, visto que não tem mitos fundadores como nos casos onde a memória coletiva liga seus membros a uma tradição. A este respeito, Elíade nos informa que o mito:

“narra um acontecimento que teve origem no tempo primordial, como uma realidade veio a existir, seja a realidade total - o Cosmos - seja um fragmento apenas: uma ilha, uma maneira de trabalhar fora inicialmente estabelecido, um comportamento humano, uma instituição”²³.

Com isso, podemos visualizar como ocorreu a construção da memória cristalizada e entender a maneira particular do homem se relacionar com o mito de origem. Se pensássemos Cabo Verde com estes instrumentos, teríamos que dizer que o arquipélago foi associado à dominação de outros povos, além da imposição de um pensamento homogêneo pautado numa essência que justifica a realidade imposta pelo Ocidente às colônias do ultramar. Mas seria possível reduzir a esta explicação a construção de sua cultura e de sua memória?

Como observa Cripta:

“O mito afirma-se por si mesmo, pelos próprios termos nos quais se constitui. Não só não necessita de justificações, mas é, enquanto documento originário, a justificação de tudo o que existe e da maneira de existir das coisas. Em consequência, a vida individual e coletiva, determinada por esta consciência mítica, está sempre vinculada a essa totalidade ontológica”²⁴.

Nessa perspectiva, a memória híbrida é produto de uma construção social elaborada a partir de fragmentos de múltiplos significados. Trata-se de um espaço aberto onde as características comuns, ainda que pareçam constituir um traço identitário, deixam de representá-la devido a constantes reelaborações.

²³ ELIADE, M.. *Aspects du mythe*. Paris: Gallimard, 1963, p. 15.

²⁴ CRIPPA, A. *O mito e a cultura*. São Paulo: Convívio, 1975, p. 12.

Assim, torna-se quase impossível interpelar a memória e reivindicar uma tradição cultural no sentido clássico em Cabo Verde, pois o pensar híbrido se expressa nos sentidos, valores e percepções sobre experiências imediatas, vivenciadas e compartilhadas, que garantem, em parte, o reconhecimento dos seus membros e de suas identidades híbridas, isto é, suas formas de ser, advindas de múltiplas influências, dos mais diversos entrecruzamentos de crenças, valores e costumes. Além disso, há uma tendência a não se apegar ao passado ou aos costumes elaborados no espaço híbrido. No entanto, os povos híbridos procuram fortalecer seus laços afetivos e de solidariedade que os vinculam a um passado feito de dor e sofrimento, relegando para o segundo plano os hábitos e costumes elaborados na natividade.

Tal constatação dificulta pesquisas a partir do aporte de uma herança étnica cultural. Entretanto, da análise de comportamentos podemos fazer uma leitura das trajetórias passadas através das situações observadas no presente e inferir algumas hipóteses sobre a incorporação dos vestígios do passado comum na feição das comunidades híbridas.

Por trabalhar junto a uma comunidade de imigrantes caboverdianos no Rio de Janeiro, tivemos acesso a todo um conjunto de comportamentos e modos de vida que nos encaminham a novos modelos explicativos, tentando construir formas de reflexão possíveis para compreendermos os processos híbridos que aí se desenvolveram, bem como as alternativas, soluções e estratégias usadas para recriar e transmitir sua memória. Nesta direção, concluímos que a memória híbrida não privilegia a busca de raízes identitárias e tende a levar em consideração a diversidade sociocultural. Encara a tradição como um permanente devir, onde vivem todas as demais realidades sociais. Essa memória acolhe diferentes culturas, valores, crenças, pois o convívio com o diferente possibilita a ampliação de horizontes.

No que diz respeito a Cabo Verde, sua história de escravidão marcou profundamente o presente, pois ela começou com o tráfico negreiro. A falta de uma língua comum, de uma religião e de valores compartilhados, fez com que o estabelecimento de uma memória coletiva, unívoca, isto é, de quadros fixos de memória, nos termos de Halbwachs, fosse muito difícil. Daí, constrói-se uma memória que conserva vestígios de várias memórias, impedindo a demarcação de fronteiras de identidades fixas. Desta forma, a memória híbrida é um campo aberto de negociações e conflitos, em que algumas características são valorizadas e outras esquecidas: esta fluidez é ainda mais intensa no

caso de uma memória oral. Pois mesmo que a hibridez cultural tenha favorecido a integração dos imigrantes caboverdianos nesta grande metrópole, essa integração envolve outras questões que merecem ser consideradas dentro de um conjunto de fatores muito mais complexos.

O processo de povoamento do arquipélago de Cabo Verde é marcado por uma miscigenação etno-cultural e as consequências da mesclagem se evidenciam na construção de uma memória que se mostra sempre disposta a se mesclar, tanto no Rio de Janeiro como em Cabo Verde. Contudo, se essa hibridez cultural a distancia da hipótese de uma origem pura, tanto européia quanto africana, e a diferencia das outras culturas mais atávicas, a aproxima dos países que sofreram os efeitos de mestiçagem como o Brasil, Martinica etc.

Neste contexto, vale ressaltar que Cabo Verde foi avistado em 1460 por navegadores a serviço de Portugal. Sendo que, “a maioria dos historiadores portugueses pretende que o arquipélago era desabitado aquando do seu achamento”²⁵. Entretanto, a hipótese de que o país teria sido avistado por outros povos é refutado pela maioria, até que haja documentação que o comprove. Seja como for, em 1462 teve início o processo do povoamento do arquipélago, segundo a “Carta Régia de 12 de Junho de 1466”²⁶, com povos oriundos de diferentes partes do mundo, destacando-se os escravos africanos e os próprios colonizadores que ali se fixaram para a exploração das riquezas.

Assim, durante séculos Cabo Verde viveu sob o regime colonialista português. O contato com o resto do planeta era efetuado através dos navios que ali chegavam. A dificuldade de comunicação com Portugal, decorrente das condições de navegação da época, também favoreceu o processo de miscigenação e hibridez cultural, além de se tornar um importante ponto de apoio do tráfico negreiro entre os principais continentes.

A este respeito, Semedo nos informa que:

“entre os finais do século XV e meados do século XVI, a ilha de Santiago transformou-se num importante entreposto comercial na rota de navegação entre a Europa, a África, a Ásia e a América. Esta actividade comercial centrada principalmente no porto da Ribeira Grande, levou a promoção desta localidade ao título de cidade em 1553”²⁷.

²⁵ ANDRADE, E. S. *As ilhas de Cabo Verde. Da descoberta à independência nacional (1460-1975)*. L'Harmattan, 1996., p. 33. Tradução do Francês por Amélia Sanches Araújo.

²⁶ ANTT, Chancelaria de D. Afonso V, liv. 14, fl. 104, Livro das ilhas, fl. 10, de 12 de Junho de 1466. In AGC. Confere ainda CORREIA, C. *A sociedade caboverdiana: sua formação e evolução*. In: AHN. *Descoberta das ilhas de Cabo Verde*. Cabo Verde, Praia: Sépia paris, 1998, p. 55.

²⁷ SEMEDO, J. M. *Um arquipélago do Sahel*. In: AHN. *Descoberta das ilhas de Cabo Verde*. Cabo Verde, Praia: Sépia Paris, 1998, p. 37.

Durante os primeiros séculos de colonização, a maior parte dos escravos levados da África para o arquipélago era destinada à exportação. Aí atracavam barcos de diversas nacionalidades que vinham se abastecer na sua rota para a Índia e América.

Vale lembrar que os escravos levados para Cabo Verde e com destino à exportação eram “ladinizados”, processo que consistia no batismo, na conversão ao cristianismo e na aprendizagem da língua portuguesa. O escravo ladinizado era mais caro que o “boçal”, como era denominado o escravo não doutrinado. Assim, Cabo Verde exportava não só os ladinos, mas também aqueles que tinham chegado ainda crianças e os nascidos nas ilhas. Mesmo assim, havia pouco interesse por parte dos portugueses em povoar o arquipélago, devido ao distanciamento de Portugal e a inexistência de recursos. Deste modo, a coroa portuguesa criou incentivos que estimulassem a fixação dos brancos no arquipélago garantindo, já em 1466, aos colonos e futuros moradores, facilidades fiscais e comerciais, franqueando-lhes o comércio com a costa da Guiné, segundo a carta de privilégios, citada por Inácio Carvalho²⁸. Entretanto a “Carta Régia de 1472”²⁹, obriga os colonos a explorar os recursos locais, a fazer a transação de produtos da terra, levando com isso à fixação de moradores. Entretanto, no século XVII a ilha de Santiago perdeu a sua importância e toda a economia do arquipélago se precarizou com a decadência do comércio e do porto da Ribeira Grande. Na fase da decadência econômica, a maioria dos brancos vinha na condição de degredados. Dada a escassez de recursos e as crises que assolavam o arquipélago, muitos escravos eram libertos pelos colonos, pois representavam apenas consumidores a serem sustentados. Neste sentido, Semedo observa que “a escravatura só foi abolida no último quarto do século XIX. Apesar disso, já no século XVIII, a maioria dos negros de Cabo Verde era livre. E entre os negros contavam-se também os fujões (vadios), que viviam no interior das ilhas de Santiago e Fogo”³⁰.

É importante ter presente, contudo, que um outro aspecto que propiciou a miscigenação foi o isolamento das ilhas no meio do Atlântico e a falta de recursos disponíveis no arquipélago. Essa disposição geográfica parece vir ao encontro das necessidades de convivência com o outro e do rompimento das barreiras raciais. Assim, desde cedo, os caboverdianos fixaram os olhos no mar e desenvolveram uma importante atividade, a pescaria que, além de representar um recurso econômico, também representa

²⁸ CARVALHO, I. *Introdução a história de Cabo Verde*. In: AHN. *Descoberta das ilhas de Cabo Verde*. Cabo Verde, Praia: Sépia paris, 1998, p. 20.

²⁹ Corpo documental, Vol. I, 1988, p. 25 ss. In: HGCV, Vol. I, 1991.

³⁰ SEMEDO, J. M. *Ibid*, p. 38.

um meio de aproximação e de intercâmbio entre as diversas formas mestiças e híbridas existentes nas ilhas. Entendemos que esse fator geográfico facilitou que brancos e negros abandonassem as diferenças e criassem um espaço de convivência social. A partir desses elementos, surge a sociedade caboverdiana que é portadora de hábitos e costumes diversificados que se manifestam na música, na dança, na culinária, na língua oral, além do sincretismo religioso. No entanto, a diversidade cultural não é sinônimo de conflitos sociais, mas é uma característica da memória híbrida e mestiça, que reconhece a diversidade de realidades sociais, culturais, geográficas e históricas. Sendo assim, enfatizamos que os povos híbridos desenvolveram a idéia de que nem todos possuem os mesmos hábitos, costumes, valores e crenças, além de terem consciência que existem grandes diferenças entre os povos. Assim, neste contexto, o outro é visto como elemento de reconhecimento de si, ou seja, o outro ajuda a reconhecer-se como caboverdiano.

Neste contexto, entendemos que a necessidade de sobrevivência só foi possível pela solidariedade, entre esses grupos diversos, que facilitou o franqueamento das barreiras raciais e culturais. Esse ponto de convergência de várias culturas e intensa miscigenação de diversas etnias fez surgir um povo mestiço com uma cultura fecundada por muitas outras. Europeus livres e escravos da costa africana fundiram-se num só povo e criaram o crioulo, língua oral, hoje falada pela maioria da população que se originou da mistura das línguas dos escravos africanos, na sua mistura com a língua dos colonos, porém o português é a língua oficial. Nesta direção, Glissant nos informa que “a língua nacional é a língua na qual um povo produz. Pode-se também observar que a língua materna dos povos que apareceram recentemente à luz do planeta são, por situação histórica, língua do oral”³¹. No entanto, a partir do século XIX, com a introdução do ensino oficial no arquipélago, dizia-se do crioulo que se tratava de uma “gíria ridícula, um composto monstruoso de antigo português e das línguas da Guiné, miscelânea de castelhano e português antigo, de castelhano e francês, sem regras alguma de gramática”³².

Sendo assim, entendemos que a população já tinha construído uma identidade cultural que a diferenciava de traços iniciais, pois neste período o país já era formado por uma sociedade mestiça. Portanto, o caráter mestiço e híbrido se expressa no uso do crioulo e na própria constituição da sociedade e da memória caboverdiana.

³¹ GLISSANT, É. *O mesmo e o diverso*. In: *Le discours antillais*. Paris: Seuil, 1981, p. 18.

³² VEIGA, M. *O crioulo de Cabo Verde emergência e afirmação*. In: AHN. *Descoberta das ilhas de Cabo Verde*: Cabo Verde, Praia: Sépia Paris, 1998, p. 116.

Esta memória vem sendo transmitida de geração em geração ao longo dos tempos, mas vai se modificando na medida em que cada um acrescenta-lhe algo, de modo a mudar sua feição primitiva. Assim, a memória híbrida se manifesta nas tradições constituídas por estórias, provérbios, adivinhas, anedotas, credices e superstições, mitos e lendas, no crioulo, na música e na gastronomia. Estas manifestações culturais levam os caboverdianos a gozarem de uma herança cultural que constitui a sabedoria do povo, e que fornece dados acerca de diversas etnias que contribuíram na construção de uma memória e identidade sempre dispostas a se mesclar. Sendo assim, existe uma tendência do caboverdiano a absorver novos modelos socioculturais que chegam ao país, transplantados por imigrantes caboverdianos e por estrangeiros. Além disso, outros comportamentos são assimilados através dos programas da rádio e televisão, como as novelas brasileiras que são transmitidas depois do telejornal e que servem de modelos de imitação, pois é comum as pessoas incorporarem modos de vida brasileiros. Assim, o crioulo, língua oral, tende a sofrer forte influência estrangeira e a mudar seu delineamento primitivo devido à incorporação de outros universos lingüísticos.

Retomando Glissant, vale lembrar que ele diferencia a criouliização da criouliidade, conceito elaborado por Confiand, Chamoiseau e Jean Bernabé. Para o autor, a criouliidade é um modo de “ser crioulo” que busca origens essencialistas. Estes autores “valorizam a híbrida língua crioula de seus países e têm uma imagem diferente da diversidade crioula. Essa diversidade é expressa na imagem de um mosaico. Composto de maneira complexa, com pedaços de várias culturas, suas línguas e religiões”³³. Desta maneira, a noção de criouliidade inviabiliza os resultados “imprevisíveis” que ele valoriza na criouliização. Por outro lado, a criouliização é colocada em relação com a mestiçagem que inviabiliza a busca de origens, visto que, “na criouliização justamente não haveria raízes fixas, por se estar em constante movimento e em dialogo com outros sujeitos”³⁴.

Ora, esta hibridez também se manifesta no repertório musical caboverdiano constituído pela morna, coladeira, funaná, batuque, tabanca, valsa, contradança. Além disso, existe uma tendência da população em buscar outros modelos musicais no exterior que são incorporados no país. Assim, a diversidade musical apresenta-se como uma das formas culturais mais expressivas desta população.

³³ JUNIOR, B. A. *Fronteiras múltiplas, identidades plurais: um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural*. São Paulo: SENAC, 2002, p. 104.

³⁴ Idem., p. 104.

Convém lembrar que a hibridez cultural também se expressa nas festas religiosas, denominadas de festas de romaria, como as de São João Batista, São Pedro Apóstolo, São Antônio, Santo Crucifixo, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora da Lapa, Nossa Senhora do Socorro, São Filipe, São Vicente, além do Natal, Ano Novo, São Silvestre, Reis, Páscoa, vividas conjuntamente com o profano.

Ao analisar a Comunidade Caboverdiana no Rio de Janeiro, nota-se que houve uma continuidade dessa hibridez cultural que lhe deu origem. Tanto assim que os imigrantes caboverdianos geralmente estão bem adaptados à sociedade do Rio de Janeiro, misturam-se e se transformam juntamente com a nova sociedade. Porém, muitos aspectos socioculturais trazidos por estes imigrantes não sobreviveram, como é o caso do crioulo que se misturou com o português, dada a sua semelhança, segundo depoimentos dos imigrantes pesquisados. Neste sentido, o depoimento de *Hermínia*³⁵ é muito enfático: “o crioulo é semelhante ao português, não há muita diferença, não, é quase a mesma coisa”. No entanto, ainda podemos encontrar alguns hábitos e costumes como o prato denominado cachupa, feito à base de milho, feijão, legumes, carne, toucinho ou peixe; a morna, a coladeira, o funaná, músicas nacionais, enquanto que os outros estilos musicais praticamente foram esquecidos.

Recorrendo à noção de memória híbrida, cremos que esta pode ser uma chave interpretativa para enriquecer algumas concepções clássicas sobre memória coletiva. Essa concepção clássica de memória foi desenvolvida especialmente por Halbwachs³⁶. Entretanto, a memória híbrida nos coloca diante de um problema fundamental: o do rompimento dos quadros de referências sociais, e, conseqüentemente, das barreiras que impedem a interpenetração sociocultural. Porém, ela ajuda-nos a enriquecer a concepção de memória coletiva para além do que foi proposto por Halbwachs. Este autor afirma que as lembranças individuais dependem do relacionamento do indivíduo com os seus grupos de convívio e de referência familiares. Sendo assim, a memória é sempre constituída pelo grupo, mas é ao mesmo tempo uma elaboração do sujeito. Para Halbwachs, não há uma memória puramente individual, pois as lembranças das pessoas são constituídas sempre a partir da sua relação de pertencimento a um grupo social, isto é, as lembranças têm como ponto de referência os quadros sociais comuns e compartilhados, que são os conteúdos da

³⁵ Hermínia, C. A., nasceu no dia 18 /01/1937, 71 anos, natural da ilha de São Nicolau, chegou no Rio de Janeiro em 18/01/1961 com 24 anos, casou com um caboverdiano no Rio regressou a Cabo Verde em 1971, 1996 e 1999.

³⁶ HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Revista dos Tribunais, 1990.

memória coletiva. Esses quadros de referências sociais são a família, a igreja, a escola, os grupos que vinculam o indivíduo à sociedade. Assim, a memória coletiva é construtora da identidade cultural do grupo, porém esta memória passa por um constante processo de reconstituição, na medida em que esses grupos sofrem transformações e que os indivíduos transitam por diferentes grupos. Sendo assim, a memória do indivíduo está vinculada à memória do grupo, à tradição e as manifestações culturais, mas é capaz de sofrer modificações.

Neste contexto, Halbwachs focaliza sua reflexão sobre a memória e as lembranças, elucidando a memória individual e a memória coletiva. As lembranças individuais permanecem como dados coletivos, porque os outros nos ajudam a lembrar os acontecimentos vividos no nosso cotidiano. Aqui, Halbwachs situa a produção das lembranças individuais no grupo, porque este funciona como referência para os indivíduos lembrarem e reconstituírem o passado em sua memória. Deste modo, a memória coletiva instaura nos seus membros um sentimento de pertencimento ao grupo de origem. As lembranças são evocadas na medida em que o indivíduo incorpora o ponto de vista do grupo, mas é necessário que ele concorde com o grupo para que as lembranças sejam compartilhadas. Sendo assim, a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com dados emprestados do presente, que, porém remetem a um espaço capaz de trazer à memória imagens já alteradas. Lembrar é incorporar ponto de vista do grupo ao qual se pertence. Assim, as lembranças recriam ou deformam o passado quer individual ou coletivo.

Halbwachs, aludindo à relação memória e espaço, afirma que jamais saímos do espaço, e que para lembrar-se não é “necessário se transportar um pensamento para fora do espaço, pois pelo contrário é somente a imagem do espaço que, em razão da sua estabilidade, dá-nos a ilusão de não mudar através do tempo e de encontrar o passado no presente”³⁷ Também a noção de memória desenvolvida por este autor coloca em causa o tempo, e é questionado que seja uma categoria estável, permanente. Na visão do autor, o tempo é relacional, isto é, ganha sentido em função de um grupo e supõe “um acontecimento real outrora vivido em comum e, por isso, depende do quadro de referência no qual evoluem presentemente o grupo e o indivíduo que o atesta”³⁸. Neste ponto, a noção de tempo desenvolvida pelo autor articula com a noção de espaço, pois a lembrança retoma

³⁷ *ibid.*, p. 160.

³⁸ *ibid.*, p. 13.

aquilo que foi vivenciado inicialmente, porque tanto o indivíduo como o grupo evolui. O tempo e o espaço são categorias fundamentais para a recordação do passado.

O tempo da memória está associado ao vivido, à história de vida do indivíduo e do grupo; contudo a memória vivida atende a um processo de conservação e mudança. Nessa perspectiva, o tempo é um fator indissociável da memória, pois o tempo importa na medida em que permite conservar e recordar acontecimentos. Entretanto, a memória é recriada pelas imagens que são essencialmente lembranças do grupo. Halbwachs alarga o horizonte para a compreensão dos fenômenos sociais, uma vez que a memória do indivíduo existe na medida em que esse indivíduo é produto único de interseções do grupo. Sendo assim, o processo de recriação da memória parte do vivido, da tradição e das manifestações culturais de cada sociedade.

Embora a noção de memória híbrida admita algumas das hipóteses postuladas por Halbwachs – particularmente a idéia de que a memória individual é sempre, ao mesmo tempo, memória coletiva – dificilmente poderíamos reduzi-la à idéia de quadros sociais determinados. Ao contrário, não existe uma reivindicação aos quadros de referências sociais, uma vez que a memória híbrida é atravessada por elementos culturais sempre dispostos a conectar-se com outras referências totalmente diversas, a qualquer momento. Em nossa pesquisa constatamos que a memória local se mantém filiada a Cabo Verde através da recriação de alguns hábitos culturais que são transmitidos aos descendentes. Entretanto, neste processo de recriação cultural algumas características tais como as comidas típicas, as danças, as músicas se fragmentam, tornando difícil a percepção de uma tradição, no sentido de manutenção de manifestações culturais compartilhado. Curiosamente, embora isso ocorra no cotidiano das experiências individuais e coletivas, notamos nos caboverdianos um forte sentimento de pertencimento. Isso nos permite pensar que a sensação de pertencimento não pode ser explicada apenas pela identificação dos indivíduos a uma mesma origem, a um mesmo quadro social de referência, como nos sugere Halbwachs.

De fato, a noção de memória híbrida é capaz de pôr em questão algumas das propostas fundamentais de Halbwachs. Ao invés de cotejá-las uma a uma, podemos marcar a diferença essencial entre as duas hipóteses sobre a memória, a partir da qual todas as demais derivam: para Halbwachs, existe inicialmente algo estável - seja uma lembrança ou um quadro de referência – que sofre transformações de acordo com as interações sociais no tempo. Ora, o que a noção de memória híbrida nos sugere é que a instabilidade e a

transformação estão presentes desde o início. O tempo aí não é simplesmente um modificador de estados de coisas, como nos propõe Halbwachs, mas é permanente fluxo a mudança, aproximando-se mais da noção de devir.

Uma outra concepção clássica sobre a memória nos é apresentada por um outro autor, Michael Pollack, focalizando de modo mais acurado o problema da identidade e do pertencimento. Nesta direção, Pollack, numa outra ótica, nos informa que “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante no sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo na sua reconstrução de si”³⁹. Nesta visão, o sentimento de identidade está ligado a uma memória que permanece viva na experiência singular, tanto de um indivíduo como de um grupo. É este sentimento de pertencimento que garante a evocação das lembranças. Pollack vê o sentimento de identidade como imagem de si, ou seja, a imagem que a pessoa faz de si e dos outros, assimilados tanto por ele como pelos que fazem parte da sua interação social.

Desta maneira, a identidade é concebida como algo não fechado em si mesmo, mas como condição dentro de um sistema de relações sociais, construído histórica e socialmente, pois está sujeito a mudanças. Sendo assim, a identidade é o sentimento vivido por cada membro social, ao sentir-se parte integrante de um contexto sócio-cultural, e é por ele afetado em sua constituição. É este sentimento de pertencimento que liga os indivíduos a sua cultura, mas sempre em relação com os outros.

Ora, se concordamos com Pollack que memória e identidade se encontram fortemente articuladas, teríamos que pensar que a uma memória rizomática se liga uma identidade construída como um caleidoscópio ou como um “patchwork”: uma memória híbrida corresponderia a uma identidade também híbrida. O que se torna questionável, neste caso, é o fato da memória e da identidade serem concebidas como “sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou de um grupo”, como propõe Pollack. A “imagem de si”, como ele a chama, teria que ser pensada de uma maneira bem mais aberta e flexível, uma imagem capaz de admitir incoerências, descontinuidades e contornos menos definidos.

Nessa direção, a memória híbrida enriquece as concepções clássicas a respeito da memória e identidade focalizadas tanto por Halbwachs como por Pollack, entre outros

³⁹ POLLACK, M. *A memória e identidade*. In: Estudos históricos. Rio de Janeiro: CPDOC, vs nº 10, 1992, p. 13.

autores, na medida em que aponta novas pistas e outros caminhos possíveis de serem trilhados na busca pelo entendimento dos grupos sociais. Trata-se de uma memória que não se apóia na tradição, mas mesmo assim permanece una na sua abertura e intensa miscigenação. Esta constatação poderá explicar o distanciamento dos imigrantes das suas origens e a fácil convivência da cultura caboverdiana com a brasileira. Porém, não se pode ignorar que a memória híbrida se opõe à fixação de uma tradição no sentido dado pela idéia clássica de identidade étnica. Não há neste caso, acumulação de uma história linear, visto se tratar de uma memória constituída de vestígios que não nos aponta para um mito fundador e nem para o domínio de um território na luta para impor uma identidade cultural. Deste modo, os costumes, as crenças e os hábitos culturais flutuam, alargando o sentido compartilhado pelo grupo.

Com o objetivo de auxiliar esta reflexão, apresentaremos em seguida algumas informações importantes sobre o processo migratório em Cabo Verde, processo marcante a ponto de ser encarado como constituinte da cultura caboverdiana, e sem o qual não poderíamos compreender os modos de vida que se estabelecem na comunidade do Rio de Janeiro.

2. A MEMÓRIA CABOVERDIANA E O PROCESSO MIGRATÓRIO

No que diz respeito ao processo migratório, Cabo Verde conta com uma população emigrada superior à residente. Nesta direção, o Instituto Nacional de Estatística estima-se que o país conta com 458.748 residentes, enquanto que o *Instituto das Comunidades*⁴⁰ nos informa que existem 517.780 imigrantes distribuídos do seguinte modo:

Estados Unidos da América do Norte	246.900.
Argentina	5.200.
Brasil	3.000.
Canadá	300.
Angola	45.000.
Moçambique	1.000.
São Tomé e Príncipe	20.000.
Guiné Bissau	2.000.
Senegal	25.000.
Gabão	200.
Portugal	80.000.
Espanha	12.000.
França	25.000.
Holanda	16.580.
Luxemburgo	3.000.
Noruega	300.
Itália	10.000.
Suíça	2.000.
Bélgica	800.
Suécia	700.
Alemanha	800.

Além disso, nota-se uma presença massiva de caboverdianos que desejam emigrar, com objetivos diversos: melhorar as condições de vida, gozar as férias junto a um familiar ou aventurar-se para conhecer novos lugares e estabelecer contatos diversos. Neste contexto, analisar a migração implica considerar a cultura não restrita aos aspectos étnicos, raciais, mas articulada a outras categorias como econômicas, sociais, políticas, religiosas e geográficas dentro de um determinado contexto de ação que articula a diversidade de relações produzidas no cotidiano com seus significados simbólicos, tecidos dentro de

⁴⁰ I.C: órgão de Estado criado por resolução n° 64 do Concelho de Ministros destinados a atender necessidades dos caboverdianos no exterior. Este organismo tem leis e fundos próprios e trabalha com a Organização Internacional das Migrações no Programa MIDA (Migração para o desenvolvimento em África). O Instituto está vinculado ao Ministério dos negócios Estrangeiros Cooperação e Comunidades.

universos múltiplos, constituindo o que Geertz denominou “como sistemas entrelaçados de signos interpenetráveis”⁴¹.

Isto quer significar que a memória é um contexto dotado de significados analisáveis, mas vinculada à idéia da pluralidade e diversidade sócio-histórica e em processo de metamorfose. Essa concepção aproxima-se da idéia de memória híbrida, permitindo romper com a visão de memória fixa e cristalizada.

Creemos que é possível vincular a migração caboverdiana ao conceito de memória híbrida. Assim, a migração caboverdiana, enquanto processo híbrido, facilita o encontro com as diferentes expressões e manifestações culturais onde se dão os cruzamentos interculturais e multiraciais. Desses encontros, nasce um outro espaço híbrido, permitindo o surgimento de algo novo, além de significar a continuação e expansão da memória híbrida que estende suas teias de significados através de contatos solidários com a pluralidade cultural, sem, contudo, impor uma hierarquia de crenças, valores e costumes. Por outro lado, esses cruzamentos derivam dos enfrentamentos cotidianos que desestabilizam a fixação de uma identidade-raiz. Assim, a migração caboverdiana aparece como um processo onde se dão os cruzamentos e criações de novos elementos culturais geradores de novas identidades hibridizadas. Sendo assim, a migração é uma das características da constituição e da expansão da memória híbrida. Esta ajuda-nos a entender os modos de vida dos imigrantes caboverdianos no Rio de Janeiro, bem como sua facilidade em assimilar e adaptar-se a novos comportamentos.

A partir daí, observamos em nossa pesquisa que esta facilidade de assimilação se deu a partir da miscigenação processada desde o país de origem. A migração é concebida como um fenômeno marcado por processos dinâmicos e ativos, surgidos de intercâmbios cotidianos do imigrante com a sociedade de acolhimento, onde as identidades, os costumes se transformam, gerando-se novos modos de vida. Dentro deste contexto, é necessário ressaltar que o isolamento da *República de Cabo Verde*⁴² e a dispersão das ilhas ao largo

⁴¹ GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. I parte – *Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 24.

⁴² A República de Cabo Verde é um estado arquipélago e insular, localizado na zona tropical do Atlântico Norte, aproximadamente a 455 Km da costa ocidental africana. O clima é tropical seco e úmido com duas estações: a estação seca entre novembro e julho quando se fazem sentir as massas de ar quente e seco, mas com pouca duração; enquanto que a estação úmida vai de agosto a outubro quando convergem as massas de ar intertropical que possibilitam chuvas irregulares, as chamadas “tempo das águas”. A temperatura média anual ronda entre 24° C, e as amplitudes térmicas não ultrapassam os 10° devido à influência do oceano. As ilhas são de origem vulcânica, de relevo acidentado, sendo as mais montanhosas Santo Antão, São Nicolau e Santiago. No entanto, é na ilha do Fogo que situa o ponto culminante no arquipélago, o cume do vulcão ativo com 2829 metros acima do nível do mar.

do oceano atlântico, aproximadamente a 455 km da costa ocidental africana, contribuiu para que as culturas se desenvolvessem de forma diferente de ilha para ilha. Neste sentido, vale lembrar que o arquipélago de Cabo Verde é formado por dez ilhas e cinco ilhéus que perfazem uma superfície de apenas 4033 km². Entretanto, dispõe de um espaço marítimo que ultrapassa os 600000 km². As ilhas e ilhéus formam dois agrupamentos segundo a sua posição em relação aos ventos dominantes do nordeste: as ilhas de Barlavento: Santo Antão (779 km²), São Vicente (227 km²), Santa Luzia (35 km²), São Nicolau (343 km²), Sal (216 km²) e Boavista (620 km²), e os ilhéus Brancos (3 km²) e Raso (7 km²) e as ilhas de Sotavento: Maio (269 km²), Santiago (991 km²), Fogo (476 km²) e Brava (64 km²), e os ilhéus Grandes (2 km²), Luís Carneiro (0,22 km²) e Cima (1,15 km²). Observa-se que as ilhas têm configurações físicas diferentes, com paisagens muito variadas, e essas diferenças têm influências nas diversas manifestações culturais existentes no país. No entanto, os caboverdianos possuem algumas características em comum que os vinculam entre si.

Não se pode ignorar, porém, que o arquipélago faz parte dos países que formam o *Sahel*⁴³, caracterizado por condições climáticas de aridez e semi-aridez, irregularidade das precipitações, períodos de seca. Como decorrência disso, a fome até os finais de 1940 vitimava, por vezes, 10 a 30% da população.

Por esses motivos, entendemos que a situação geográfica aliada à existência de poucos recursos econômicos e uma política escravocrata favoreceu o desenvolvimento do espírito de aventura nos seus moradores e os impulsionou a dominação do mar através da construção dos “botes”, ou seja, barcos de pesca. Esta atividade, ainda hoje, representa um importante recurso econômico, além da agricultura de subsistência à base de milho e feijão. Além disso, essa atividade também representou um fator importante de aproximação, de interação e de convivência social com o diferente. Assim, desde o início de sua história, os caboverdianos buscam soluções para os problemas das ilhas. Ao longo dos tempos, esta sociedade desenvolveu uma ligação afetiva com a terra úmida e seca, donde extraem os produtos para a sua sobrevivência. Esta ligação afetiva fortifica os laços de solidariedade não só em Cabo Verde, mas no exterior, especialmente no Brasil. Por isso,

⁴³ Sahel: corresponde a uma vasta zona de aridez que marca o limite entre o Sahara e o Sudão úmido. Esta zona de climas áridos e semi-áridos estende-se da costa africana ao Mar Vermelho, abrangendo uma dezena de países africanos. A irregularidade das precipitações e períodos de seca constitui uma característica do Sahel. In: SEMEDO, J. M. *Um arquipélago do Sahel*. In: AHN. *Descoberta das ilhas de Cabo Verde*. Praia: Sépia Paris, 1998, p. 27-53 .

ao emigrar, eles transportam alguns modos de vida que se metamorfoseiam constantemente, expandindo a hibridez cultural.

Cabe aqui frisar que a migração desde cedo marcou a vida dos caboverdianos, estando relacionados com diversos fatores, desde condições geográficas e climáticas - trata-se de um país marcado pela insularidade, pelo terreno montanhoso e acentuado declive, pela escassez das chuvas, pela desarborização progressiva devido à ação violenta dos ventos e das enxurradas que carregam camadas de solo fértil - até fatores econômicos, políticos, demográficos e históricos, como a exploração da população, a economia assentada numa agricultura de subsistência e artesanal, a fraca competitividade comercial, o aumento demográfico, o desemprego, o desequilíbrio da produção/população, os baixos salários, tudo isso aliado à intensa circulação de navios. Por todos estes motivos, aconteceu um grande fluxo de emigração a partir do século XVIII.

A este respeito, Carreira destaca que o movimento migratório caboverdiano pode ser dividido em “emigração espontânea (legal e clandestina) e emigração forçada”⁴⁴. A emigração forçada deu-se entre 1902 e 1970, com destino a São Tomé e Príncipe e outros países africanos, sendo impulsionada por iniciativa do governo através de leis, recrutando mão-de-obra braçal para trabalhar nas roças de café e cacau. A emigração espontânea está dividida em três fases: a primeira entre 1900-1920, a segunda entre 1927-1945 e a terceira entre 1946-1973. Convém ressaltar que a emigração espontânea nasce da iniciativa particular do emigrante, na procura de melhores condições de vida, e é motivada basicamente pela seca, fome e miséria, mas também representa uma “fuga à prestação do serviço militar, não pela incorporação em si, mas sim pelo medo de ir servir na Guiné onde, ao tempo, as lutas internas eram freqüentes e o clima aterrorizava a maioria dos caboverdianos”⁴⁵. Segundo o autor, a primeira fase migratória (1900-1920) é direcionada essencialmente para os Estados Unidos de América do Norte, pela influência dos navios baleeiros que vinham capturar baleia nas águas do arquipélago. Muitos fixaram residência nos EUA, em bairros específicos devido a afinidades culturais. A partir de então, eles começaram a chamar os familiares deixados em Cabo Verde. A segunda fase da emigração aconteceu de 1927 a 1945, e mostra uma diminuição das saídas, “devido a fome de 1921-1922, causadora de cerca de 27.400 mortes, correspondente a 17% da população

⁴⁴ CARREIRA, A. *Migração nas ilhas de Cabo Verde*. 2ª ed. Cabo Verde, Praia: ICL, 1983, p. 65.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 74.

recenseada em 1920 (159.700); e a grave depressão econômica mundial de 1929-1933”⁴⁶ bem como uma mudança da corrente imigratória dos EUA para a África. Porém, a baixa das saídas para os EUA foi motivada em parte pelas leis de 1919, 1924 e 1928, que restringiram a entrada de indivíduos pretos e analfabetos naquele país.

A terceira fase migratória, de 1946 a 1973, é considerada um grande êxodo e é dirigida “primeiro para Holanda e, poucos anos depois para Portugal, França, Luxemburgo, Itália, Suíça etc”⁴⁷. Conforme António Carreira, durante o período de emigração espontânea e emigração forçada saíram um total de 267.363 habitantes do país, distribuídos nos seguintes períodos:

Períodos	Valores de cada decênio			Médias anuais			População recenseada	% anual emigração
	Espontânea	Forçada	Total	Espontânea.	Forçada	Total		
1900/09	8.775	7.355	16.130	878	736	1.614	118.700	1,4
1910/19	16.454	10.176	26.630	1.645	1.018	2.663	151.180	1,8
1920/29	4.524	6.798	11.322	452	680	1.132	152.970	0,7
1930/39	5.244		5.244	524		524	158.640	0,3
1940/49	6.898	24.084	30.982	690	3.098	3.788	160.340	2,4
1950/59	3.131	22.476	45.607	2.313	2.248	4.561	147.300	3,1
1960/69	54.379	14.842	69.221	5.438	1.484	6.922	201.550	3,4
1970/73	60.573	1.654	62.227	15.143	551	15.694	272.000	5,7
Total	179.978	87.385	267.363					

Todavia, os navios estrangeiros, ancorados em portos caboverdianos, eram a oportunidade para migração dos jovens que viam pouca esperança para o seu futuro nas ilhas. Eles fugiam freqüentemente nos navios apenas com a sua habilidade, a sua determinação e o seu sonho de melhorar de vida. Graças ao sacrifício, posteriormente, ao melhorar de vida, mandavam dinheiro e mantimentos para as famílias que tinham deixado no país de origem, mantendo-se assim uma forma de ligação entre os caboverdianos e a terra mãe. Entretanto, na atualidade o panorama é muito diferente, uma vez que, a política globalizada tem acirrado a dificuldade entre os países ricos e pobres, afetando marcadamente os países em vias de desenvolvimento. Assim, os países que acolhem emigrantes têm adotado medidas restritivas de entrada de estrangeiros em seus territórios. Apesar de uma política desfavorável, os caboverdianos continuam desejando sair do país

⁴⁶ Ibid., p. 99.

⁴⁷ Ibid., p. 10.

para melhorar suas condições de vida, gozar as férias junto a familiares e também para se aventurar.

Nesta direção, Monteiro observa que no período de 1980 a 1990, a população cresceu 1,45% por causa da redução da emigração; “sendo que em 1980 o país teria uma população de 300.000 habitantes em vez dos 295.703 recenseados”⁴⁸, porém hoje, a emigração é entendida como um componente estrutural da evolução demográfica e do crescimento sócio-econômico do país. Segundo o autor, um estudo do Banco Mundial intitulado *Cabo Verde- a Poverty Study*, elaborado em Agosto/Setembro de 1993, relata que 60 a 70% das famílias caboverdianas recebem apoio econômico do exterior, suficiente para colocar estas famílias acima da *linha da pobreza*⁴⁹. Porém, tomando como parâmetro a linha da pobreza, o Banco Mundial constatou que 30,2% da população pode ser classificada como pobre e 14,1% como muito (extremamente) pobre.

Como pode ser observado no quadro, abaixo, elaborado por Monteiro, a partir de um documento do Banco Mundial, as remessas dos imigrantes têm aumentado, tornando-se um elemento cada vez mais forte na economia do país.

Ano	Valor		% PIB
	Em milhões de \$CV (escudos Cabo Verde)	Milhões de \$USA	
1987	2.012,0	28	11,0
1988	2.275,0	32	11,0
1989	2.794,4	36	11,8
1990	3.135,9	44	12,0
1991	3.372,0	47	11,6
1992	3.649,0	54	11,4

Fonte: Banco Mundial, transferência de emigrantes de 1987 a 1992.

Vale lembrar que as remessas entram no país também através de bens de consumo e de transporte, pois de 1977 a 1993 se matricularam, no país, 13.136 viaturas destinadas às ilhas de Santiago e São Vicente, segundo a Direção de Transportes Terrestres Caboverdianas. Entretanto, José Andrade chama a atenção de que “nem todos os carros

⁴⁸ MONTEIRO, C. A. *Comunidade imigrada: visão sociológica, o caso da Itália*. Cabo Verde, Mindelo: Impresso na Gráfica do Mindelo, 1997, p. 323.

⁴⁹ Linha de pobreza: estudo do Banco Mundial a partir dos indicadores de despesa média anual por pessoa (\$CV 38.000, o equivalente a 380 U\$S) e salário de um trabalhador não qualificado das FAIMO (\$CV 9.000: 90 U\$S) estabeleceu uma linha de pobreza fixada em (\$CV 26.000; 260 U\$S) e uma linha inferior de pobreza que define os mais pobres, fixados em (\$CV 18.000; 180 U\$S). Cf. Monteiro, C. A. *Comunidade imigrada: visão sociológica, o caso da Itália*. Mindelo: Gráfica do Mindelo, 1997, p. 331.

matriculados provêm da emigração, pois deste número constam os importados pela SONACOR e por outras empresas importadoras de veículos”⁵⁰.

Concluimos, a partir dos dados apresentados que a economia do país depende, em parte, das remessas dos imigrantes enviadas às suas famílias. As remessas constituem um importante recurso para equilibrar a balança de pagamentos e para o desenvolvimento da economia das ilhas, uma vez que elas representam 12 a 14% do Produto Interno Bruto (PIB). Tudo indica que o processo de migração é um fenômeno marcante na cultura caboverdiana. cremos, contudo, que ela representa uma forma de luta encontrada pelos habitantes para sair da pobreza e melhorar as condições de vida, mesmo quando não retornam ao país, o que não impede sua ligação afetiva com a terra natal. Constatamos em nossa pesquisa que os imigrantes caboverdianos, apesar de fixarem residência no Rio de Janeiro, mantêm laços sociais e culturais com o país de origem, além de recriar alguns hábitos juntamente com a cultura brasileira.

Por este viés, fica clara a idéia de que a migração é um fenômeno constituinte do modo de vida dos caboverdianos que brota de uma memória e identidade híbrida à procura da diversidade e convivência solidária com outras culturas sem, todavia, impor um modelo cultural. A partir disso, arriscamo-nos a formular uma visão globalizada da cultura caboverdiana que propõe, a transformação de outras culturas pautadas no respeito às diferenças individuais e coletivas das sociedades de acolhimento de caboverdianos, especialmente no Rio de Janeiro. Esta manifestação híbrida se expressa nos intercâmbios culturais entre os imigrantes e os brasileiros que convivem no mesmo território. Este fenômeno se manifesta nas festas locais e nacionais, tornando-se quase impossível distinguir um caboverdiano de um brasileiro. Neste sentido, a fala de Joaquim é eloqüente:

“convivo com caboverdianos há muito tempo; participo das festas e acho a cachupa muito gostosa; gosto de caboverdianos, é tanto que eu casei com uma caboverdiana; tenho uma filha e faço questão que ela participe das festas; não acho diferença entre a gente que é brasileiro e os caboverdianos”⁵¹.

⁵⁰ ANDRADE, J. *Migrações cabo-verdianas*. In: AHN. *Descoberta das ilhas de Cabo Verde*. Cabo Verde, Praia: Sépia Paris, 1998, p. 94.

⁵¹ Joaquim, brasileiro, natural de Paraíba, residente na cidade de Mesquita, casou com uma caboverdiana no Rio de Janeiro, membro da Associação Caboverdiana do Rio de Janeiro. Entrevista realizada no dia 26 de junho de 2003, durante a festa Junina, porém não foi gravada.

Portanto, aqui, constatamos que a migração caboverdiana é um dos aspectos de uma memória híbrida que se expande a partir de realidades diversas, sempre buscando a convivência de grupos sociais distintos, sem se fixar em uma identidade-raiz. Assim, essa busca solidária com outros povos não favorece a criação de guetos ou grupos sociais separados e distanciados da sociedade brasileira. Sendo assim, não se nota a criação de estratégias de manutenção de identidades, e nem de uma tradição cultural fechada, mas uma busca em mesclar a cultura caboverdiana com a cultura brasileira. Este movimento facilita as trocas e os intercâmbios, possibilitando uma nova forma de se reconhecer e de se identificar como caboverdiano, como veremos no terceiro capítulo.

2.1. MIGRAÇÃO E RETERRITORIALIZAÇÃO NO RIO DE JANEIRO

A saída de caboverdianos para o Rio de Janeiro representa uma mudança espacial e social para o imigrante, com reflexos sobre o lugar de partida e de destino, nomeadamente sobre a percepção e organização de seu sistema de representações. Assim, pressupomos que a imigração caboverdiana no Rio comporta a desterritorialização dos imigrantes das suas raízes, e uma reterritorialização ao espaço de acolhimento. Neste ponto, Canclini informa que a “desterritorialização e reterritorialização referem-se a dois processos: a perda da relação natural da cultura com os territórios geográficos e sociais e, ao mesmo tempo, certas realocações territoriais relativas, parciais”⁵², das representações mais antigas, juntamente com a produção de novas.

Neste contexto, a reterritorialização pode ser definida como o resultado do intercâmbio cultural de experiências coletivas e individuais, e não uma simples adaptação à nova cultura. Porém, quando se trata de uma memória híbrida numa cultura também híbrida, a reterritorialização comportará enfrentamentos onde as identidades são reelaboradas e transformadas em algo cada vez mais mestiço e híbrido. Em nossa pesquisa observamos uma tendência dos imigrantes a formarem uma rede de contatos e de comunicação social que facilita a adaptação dos recém-chegados, promovendo a sua concentração em lugares específicos. Neste aspecto, nota-se que os imigrantes caboverdianos construíram suas casas uma próxima à outra, fundaram uma associação, em 1980, e recriaram alguns hábitos da antiga terra. Todavia, deixaram de ter contatos freqüentes com o país de origem, o que representa uma boa adaptação ao novo espaço. Devemos levar em consideração que o imigrante ao fixar residência no Rio, depara-se com organizações e modos de vida diferentes do espaço insular caboverdiano. Assim, *à priori*, parece que as representações geográficas e sociais dos imigrantes entraram em conflito com os modos de vida cultuados no novo espaço.

Queremos enfatizar, com isso, que depoimentos orais mostram uma boa adaptação social por parte dos imigrantes caboverdianos, mas no início eles se defrontaram com uma realidade social extremamente complexa, o que provocou bastante conflito. No primeiro momento, o imigrante sofre uma série de abalos psicológicos e sociais porque se sente um

⁵² CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas poderes oblíquas*. In: *Culturas híbridas: estratégias para sair e entrar na modernidade*. São Paulo: Edusp, p. 65. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão.

estranho, uma vez que a realidade social vivida em Cabo Verde deixa de ser referência neste novo espaço geográfico e social.

Nesta perspectiva, convém ressaltar que o imigrante caboverdiano no Rio de Janeiro é um indivíduo que sai de um arquipélago com uma superfície de apenas 4033 km², sendo que a maioria dos imigrantes veio da ilha de Santo Antão (779 km²) e da ilha de São Nicolau (343km²), ilhas rochosas cujos meios de transportes predominantes na época eram o burro, o cavalo, o bote de pesca e as longas caminhadas a pé. Conheciam uma estrutura familiar tradicional e uma agricultura também tradicional, sendo a enxada o instrumento ainda utilizado para o trabalho agrícola. Isto significa que transplantaram as representações de um homem “campesino”, que depende da chuva para a sua sobrevivência, além de um modelo tradicional de família, embaçada num catolicismo também tradicional. Deste modo, o imigrante chega ao Rio de Janeiro, depara-se com uma cidade metrópole que, em 1950, época em que os imigrantes começaram a chegar nesta cidade, já tinha passado pelo processo de industrialização, pelas grandes revoluções científicas e tecnológicas que provocaram mudanças em todos os setores da vida social, produzindo novas maneiras de pensar, sentir e agir.

Conforme *Sevcenko*⁵³, em 1950 o Rio foi marcado pela introdução da televisão que despertou novos desejos na sociedade brasileira, invadindo todos os lares e permitindo que se impusessem novos padrões e hábitos à população. Essa situação produziu um conforto e luxo nos imigrantes, ainda desconhecidos em Cabo verde, e abriu para a recriação da memória.

Ora, os imigrantes vinham de um país tradicional agrícola, massacrado pela seca e pela pobreza, além de serem explorados pelo império colonial. Cabo Verde só proclamou a sua independência em 1975, quando a televisão ainda não fazia parte da vida desta população. Assim, a vida no Rio de Janeiro proporcionou uma mudança de hábitos e costumes e uma incerteza quanto ao futuro, uma vez que os imigrantes não tinham uma atividade profissional que facilitasse a sua entrada no mercado de trabalho, além da maioria ser analfabeto, cabendo a eles fazer qualquer atividade para sobreviver nesta metrópole.

A partir de informações colhidas sobre a integração, nota-se que os imigrantes foram forçados a encarar a realidade social e a enfrentar os desafios que o novo espaço

⁵³ SEVCENKO, N. *O prelúdio republicano, astúcia da ordem e ilusões do progresso*. In: História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 1998, pp. 7-48.

proporcionava pois, acostumados ao trabalho agrícola, iriam, de acordo com os valores de Cabo Verde se revelar como homens “trabalhadores”, que ganham a “vida com as próprias mãos”, com o “próprio esforço e suor”, segundo depoimento dos imigrantes. Entretanto, observa-se que a hibridez cultural, a facilidade de falar a mesma língua e as relações especiais entre os dois países, ambos colonizados pelos portugueses, certamente aceleraram o processo de integração na sociedade do Rio de Janeiro. Porém, mesmo vivendo de maneira integrada, nota-se que o imigrante recriou alguns comportamentos de acordo com a nova sociedade, para que a sua cultura pudesse ser transmitida aos descendentes. Em um novo espaço, todo imigrante é considerado um “outro” que necessita construir uma rede de relações para transformar um lugar estranho em espaço de convivência social. A maioria dos imigrantes caboverdianos encontrou a rede de relações montada pelos que os acolheram, facilitando a integração. Entretanto, essa situação não aconteceu com todos os que aqui chegaram, pois alguns não possuíam família e tiveram que desenvolver estratégias de integração.

A este respeito, Armanda conta:

“Quando cheguei no Rio, trabalhei seis meses no centro da cidade, mas abandonei o trabalho porque eu tinha medo de andar de trem. Bem, eu não estava acostumada a andar num meio de transporte lotado de gente; então, o trem me incomodava porque fazia muito barulho. Eu chegava a ficar com dores de cabeça durante as viagens. A entrada e saída de passageiros apressados me incomodava, eu me sentia muito desconfortada, cheguei a passar mal. Artur, a vida em Cabo Verde é calma, tranqüila, apesar de ser um país com falta de recursos. Então, eu tinha medo de perder na cidade e não conseguir chegar em casa, mas agora, eu não tenho medo, não! A gente acostuma; se fosse agora eu não deixava meu trabalho, pois eu poderia tá aposentada. Muita coisa muda na nossa vida, as realidades são diferentes, a forma de ser é diferente; então a gente aprende com os brasileiros”⁵⁴.

Neste contexto, as informações de Armanda nos remetem ao espaço social e geográfico vivido antes da saída do país de nascimento, bem como as dificuldades que enfrentou até se adaptar ao novo espaço. Em virtude disso, entendemos que essa imigrante não estava habituada a viajar em meios de transportes terrestres, como o trem, o ônibus, o metrô, pois vinha da ilha de São Nicolau, onde o meio de transporte predominante era o

⁵⁴ Armanda M. N., natural da ilha de São Nicolau, nasceu em 28/08/1939, 65 anos. Chegou no Rio de Janeiro em 07/11/1960 com 21 anos; casou com um caboverdiano no Rio; regressou a Cabo Verde em 1995; moradora na cidade de Nova Iguaçu, bairro Grajaú. Entrevista feita em 29/05/04.

burro e as longas caminhadas a pé. Essa situação fez com que ela se sentisse uma estranha nesta cidade, a ponto de abandonar um emprego que lhe poderia garantir a aposentadoria. Mas, hoje, ela não tem medo de andar de trem, o que indica a assimilação ao novo padrão de vida, pois este meio de transporte é inexistente em Cabo Verde.

Sobre este aspecto, *Duarte*⁵⁵ informa que quando nos afastamos da nossa realidade, os nossos conhecimentos tornam-se obscuros e nos sentimos confusos, pois nos encontramos fora do espaço social e geográfico ao qual nos acostumamos. Em nossa realidade tudo se torna automático, pois não precisamos de um mapa para percorrer as ruas da cidade e nem de pedirmos informações acerca dos objetos. As nossas ações estão condicionadas em nossa mente e as executamos automaticamente. Deste modo, o choque de realidades como fator de integração pode ser definido como o resultado de uma reelaboração dos produtos culturais. Sendo assim, o imigrante caboverdiano se depara com modos de vida que, *a priori*, se chocam com seu sistema de representações. Mas, por se tratar de uma memória multifacetada que já possui repertórios múltiplos, ele se adapta com facilidade, e percebe a “cultura caboverdiana junto com a cultura brasileira”, de acordo com alguns depoimentos. Em virtude disso, ele integra-se ao novo espaço, assimilando e mesclando sua memória a novos hábitos.

Ao discutirmos estratégias e situações que decorrem da reterritorialização, estamos problematizando o conceito de aculturação que, nesse caso, pode ser definido como uma socialização secundária em que o imigrante recria seus hábitos, valores e costumes. No caso dos caboverdianos, entendemos o fenômeno de aculturação como uma prática da memória híbrida que produz efeitos sobre a constituição de uma nova identidade social, o que favorece a instabilidade dos hábitos e costumes e acelera a miscigenação cultural, permitindo o surgimento de uma memória bastante diferente da dos caboverdianos deixados em Cabo Verde. Porém, a pesquisa de campo nos revela que os imigrantes se apegam uns aos outros através de laços culturais e modos solidários transplantados de seu país de origem. Daí surge uma rede de contatos sociais que alimenta o vínculo afetivo-emocional com a terra de origem, mas esta é vivida como lembrança do passado, ou seja, um espaço não mais desejado como pátria, mas vivido simbolicamente, como um mito. Assim, para os imigrantes, Cabo Verde é representado como sendo a terra “da paz, da felicidade, do amor, da alegria e da solidariedade”, o que significa o esquecimento dos

⁵⁵ DUARTE, J. R. *O que é a realidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

problemas que o país atravessa para criar condições que garantem a fixação da população em Cabo Verde.

Neste caso, entendemos que os imigrantes alimentam a própria nostalgia. Esta se torna evidente no depoimento da Antónia (foto 01), que narra o seguinte:

“Lembro daquele amor de Cabo Verde; pois a minha terra que eu nasci, que eu me criei, tinha de tudo. Então, eu sinto muita saudade da minha terra, saudade mesmo. Mas, chegando na minha terra é aquele amor, aquele carinho. E, finalmente, você tem aquela fatalidade na vida, você não pensa coisas erradas; a gente tem aquela liberdade lá na nossa terra, mas nossa terra fica na memória, pois aqui construímos nossa vida; não dá mais para viver em Cabo Verde”⁵⁶.



Foto 01

Entendemos que esta nostalgia também produz identidades. Essas representações que os imigrantes transmitem à descendência a respeito de sua prática social e valores culturais nos auxilia a questionar a verdade de suas falas. Entretanto, não é a verdade dessas falas o aspecto valorizado nesta pesquisa, mas sim a produção de sentidos realizada pela comunidade. A mitificação da terra de origem é mais um desses sentidos, mas ele

⁵⁶ Antónia J. R., natural da ilha de São Nicolau, nasceu em 27/05/1933, 70 anos; chegou no Rio de Janeiro em 19/07/1990, com 27 anos; casou com um caboverdiano no Rio; regressou a Cabo Verde em 1980 e 1997; moradora em Nilópolis, bairro Olinda. Entrevista realizada em 18/10/03 e 25/10/03.

deve ser contextualizado em meio aos demais. Assim, a despeito da sua nostalgia por um “paraíso perdido”, os imigrantes não pensam em regressar para Cabo Verde, pois seus sentimentos ficam divididos entre Brasil e Cabo Verde. O Brasil representa a nova pátria, enquanto que o país de origem faz parte de um passado, mas traz saudades.

Por outro lado, entendemos que a integração no Rio de Janeiro está intimamente relacionada com os processos da memória híbrida. Sendo assim, a memória híbrida favoreceu a integração à sociedade do Rio de Janeiro, propiciando o contato e a convivência com vários grupos socioculturais, de diferentes religiões, etnias, costumes, hábitos, valores etc. Essa diversidade tornou-se um campo privilegiado de hibridização cultural que intensificou a adaptação dos imigrantes nesta cidade metrópole. Essa visão híbrida impulsiona à descoberta do outro, à ressignificação de sentimentos, valores, idéias, costumes, papéis sociais, além de relegar a tradição para o segundo plano.

Nesta perspectiva, afirmamos que a memória híbrida propiciou que o caboverdiano desenvolvesse recursos pessoais e coletivos para fazer frente a diversas situações de vida. Ela o estimulou à procura de uma vida melhor fora do arquipélago, sem perder o contato com a sua cultura, evitando índices de indiferença, negação da cultura e demais vieses prejudiciais à recriação de alguns costumes no Rio de Janeiro. Assim, o imigrante caboverdiano recria seus hábitos de modo a estabelecer atrativos para propiciar o apego cultural nos descendentes que tendem a olhar a cultura caboverdiana de maneira mais indiferente devido à intensa hibridez e miscigenação.

Conforme observamos em nossa pesquisa de campo, a memória híbrida enfraquece as situações discriminatórias na rua, no bairro, nos lugares de lazer e no trabalho. Nessa direção, não deparamos com situações de segregação, mas sim de apoio e solidariedade principalmente nos momentos de doença e morte de algum imigrante, assim como acontece em Cabo Verde. Esse fenômeno iminente social nos remete à expansão da memória híbrida e mestiça no espaço brasileiro, aceita e compartilhada por alguns brasileiros que “acham bonito”, segundo depoimentos orais. Dentro deste contexto, a integração pode ser pensada, aqui, como uma expressão da memória híbrida que estende suas raízes, no sentido rizomático dado por Glissant. Esta perspectiva ajuda-nos a entender o fato de que a memória híbrida passa se constituir para cada indivíduo. Sendo assim, esta memória caracteriza um grupo na medida em que é identificado como produtor de determinados hábitos e costumes, mas não impõe uma hierarquia cultural, pois a própria memória híbrida é construtora de outras memórias e identidades hibridizadas.

Finalmente, concluímos que a reterritorialização desses imigrantes à sociedade brasileira, além de provocar o distanciamento da antiga terra, expande sua memória híbrida, na medida em que cria um novo modo de se reconhecer como caboverdiano, sob o risco de se perderem algumas características consideradas coletivas. Porém, não se pode ignorar que a reterritorialização implica mudança no pensamento e na ação, pois mudança requer desestabilização de antigas referências, ainda que a desestabilização dos imigrantes caboverdianos ocorra sobre um fundo de hibridez no qual a integração implica a experimentação de algo novo que entra em sintonia com os conteúdos que o sujeito já possui.

3. DESCRIÇÃO DA COMUNIDADE CABOVERDIANA NO RIO DE JANEIRO

De acordo com o historiador português *Carreira*⁵⁷, durante o período de 1900 a 1952, saíram de Cabo Verde para América do Sul (Brasil, Argentina, Uruguai, Chile) 3.257 caboverdianos. Em outro documento, o autor nos informa que de 1972 a 1973 “entraram no Brasil 15 trabalhadores saídos de Cabo Verde”⁵⁸. Porém, o Instituto das Comunidades (2003) estima que no Brasil existem 3.000 imigrantes caboverdianos, distribuídos do seguinte modo: 2.000 no Rio de Janeiro e 1.000 em São Paulo, o que nos coloca a necessidade de realizar um censo para saber realmente quantos são.

Não obstante, em nosso trabalho de campo observamos que os imigrantes caboverdianos chegaram entre 1950 a 1972, ao Rio de Janeiro, à procura de um novo espaço que lhes proporcionasse melhores condições de vida. Esses imigrantes têm recriado alguns hábitos culturais em bairros diversos e permanecem ligados uns aos outros através das confraternizações, das conversas cotidianas, dos encontros com os *estudantes caboverdianos*⁵⁹ e, sobretudo, através das festas de aniversários, dos jogos, das danças, da culinária, especialmente da “cachupa”, prato tradicional caboverdiano, feito à base de milho, feijão, legumes, toucinho, carne ou peixe e também de alguns pratos brasileiros como o churrasco, o feijão e sua respectiva farofa, o bolo de aipim, a lasanha entre outros. No entanto, estas práticas culturais não se deram no isolamento e distanciamento da sociedade do Rio de Janeiro, na medida em que envolve intercâmbios entre imigrantes e brasileiros. Assim, observamos que a convivência intercultural aberta entre as diferentes formas de manifestações culturais desse grupo enriquece a troca e a interação permanente, o que ocorre não apenas em festividades, mas também nas conversas corriqueiras, nas quais tanto os caboverdianos quanto os brasileiros compartilham dos mesmos espaços no cotidiano. Esses imigrantes também valorizam alguns hábitos culturais através da Associação Caboverdiana no Rio de Janeiro, criada em 1983, com o objetivo de reunir os imigrantes espalhados nesta metrópole urbana, que se encontram localizados nas seguintes cidades: Rio, Nova Iguaçu, Mesquita, Nilópolis, São João de Meriti. O prédio da Associação fica situado na rua Magalhães Pinto nº 15, bairro Rocha Sobrinho, na cidade de

⁵⁷ CARREIRA, A. *Cabo Verde: aspectos sociais, secas e fomes do século XXI*. 2ª ed. Lisboa: Ulmeiro, 1984, p.162.

⁵⁸ CARREIRA, A. *Migrações nas ilhas de Cabo Verde*. 2ª ed. Cabo Verde, Praia, ICL, 1983, p. 142

⁵⁹ Estudantes Caboverdianos são amparados pelo Convênio Cultural Brasil/Cabo Verde, portadores do Visto IV, de classificação temporária, prorrogada junto ao Departamento de polícia Federal no Rio de Janeiro, mediante a apresentação da declaração de matrícula, histórico escolar e declaração de bolsista.

Mesquita. O terreno onde foi construído o edifício foi comprado em 1982 pelos imigrantes caboverdianos já instalados no Rio de Janeiro. Eles receberam doações de amigos para a compra e a obra. Porém, alguns imigrantes resistem em chamar este local de clube, como os outros o fazem, pois, na opinião de alguns, ainda há muito trabalho a ser feito. Para eles, é necessário construir uma quadra de futebol, uma academia, uma piscina, um bar etc. Além disso, o clube deveria permanecer sempre aberto para desenvolver atividades comunitárias como atendimento psicológico, médico, jurídico, assistência social. Deveria fomentar workshops, palestras, montagem de espetáculos e oficinas de dança em busca do fortalecimento e da divulgação da cultura caboverdiana na sociedade do Rio de Janeiro, ao invés de ser destinado somente para festas ocasionais, segundo alguns depoimentos.

Como a maioria desses imigrantes é formada por trabalhadores braçais, o edifício foi construído com as suas próprias mãos, com o próprio suor. Assim, os imigrantes tiveram que capinar o terreno antes de colocar a primeira pedra. Neste aspecto, Domingos conta que:

“Aonde compramos o terreno havia muito capim. Um dia, enquanto a gente capinava, saiu uma cobra. Artur! Compramos terreno, capinamos, construímos a Associação com as nossas próprias mãos; lá era só mato; tinha muito capim. Por isso, a gente fala que a Associação é nossa, dos que estão aqui e dos que estão na nossa terra; está registrado no cartório brasileiro como propriedade de caboverdianos, lá é de Cabo Verde”⁶⁰.

Esta Associação representa um lugar de encontro comunitário para “recordar” a cultura de origem, segundo depoimento de alguns imigrantes. No entanto, antes da construção do local, os imigrantes vinham se reunindo há muito tempo na casa de “patrícios”, ou seja, de outros caboverdianos, para programar algumas festas de confraternização. Todavia, os imigrantes estavam se dispersando no Rio de Janeiro, pois estas reuniões não eram suficientes para manter a unidade do grupo. Daí, eles começaram a pensar num lugar onde pudessem reunir o maior número de caboverdianos, visando construir um espaço de recriação e valorização de alguns hábitos e valores culturais. No início, a Associação tinha como objetivo um lugar para “brincar”, ou seja, para divertir-se, um espaço de festas caboverdianas onde pudessem recordar a sua cultura para manter a unidade da comunidade dispersa neste espaço urbano.

⁶⁰ Domingos G. B., natural da ilha de São Nicolau, nasceu em 11/07/1926; chegou no Rio de Janeiro em 22/04/1960, com 34 anos; casou com uma caboverdiana no Rio; foi a Cabo Verde em 1995, após completar 35 anos neste país. Residente no bairro Grajaú, cidade de Nova Iguaçu. Entrevista realizada em 29/05/04.

Por outro lado, devido à política de Cabo Verde em salvaguardar sua cultura na diáspora, os novos dirigentes da Associação estão tentando mudar a representação de que a Instituição é apenas um lugar para “brincar”, tão arraigada entre os imigrantes, para um espaço de “manutenção e divulgação” da cultura caboverdiana nesta metrópole, de modo a estreitar os laços afetivos dos descendentes com o país de origem, uma vez que esta cultura tende a perder espaço em detrimento de uma maior abertura à cultura brasileira. Neste contexto, entendemos que essa política constitui um trabalho de enfrentamento que visa travar a perda da cultura caboverdiana, especialmente na sociedade brasileira, que em sua origem também é híbrida, multiracial e multicultural. Entretanto, por mais que a Associação se esforce em alterar a representação do “brincar” para um espaço de “manutenção” da cultura caboverdiana, observamos que a maioria dos imigrantes ainda continua com esta idéia do “brincar”, além de distanciar-se das festas que apresentam um cunho tradicional. Enquanto este impasse não é resolvido, nota-se um certo desinteresse e distanciamento da maioria dos imigrantes e seus descendentes por esse espaço de convivência. Apesar disso, a comunidade se preocupa em nomear um presidente que forma a sua diretoria constituída por um vice-presidente, primeiro e segundo secretário, um diretor do patrimônio, um diretor social, um tesoureiro e um conselheiro.

Os dados detectados nesta pesquisa nos informam que no início da fundação da Associação não havia prazo determinado para os cargos de diretor, e o imigrante José Beto, um dos fundadores, ocupou o cargo por quase 20 anos. Segundo ele, devido ao cansaço e sua idade avançada, passou a responsabilidade para o Sr. Raimundo, filho de caboverdianos que elaborou o estatuto da Associação, atribuindo ao presidente um prazo de dois anos. Ele, entretanto, se manteve na função por três anos. Sendo caminhoneiro, não podia conciliar as duas atividades, apesar das cobranças da comunidade para que reunisse mais vezes os imigrantes. Assim, foi nomeado o Sr. Pedro, caboverdiano que chegou no Rio de Janeiro ainda criança, para se juntar à família que aqui se encontrava.

Geralmente, as atividades associativas são programadas em torno de convívios comunitários e celebrações, sendo a mais importante a data da *independência*⁶¹ de Cabo Verde (foto 02 e 03, p. 51). Geralmente, após a celebração, segue-se uma refeição ou um auto-serviço oferecido pela Associação à comunidade, ao som de músicas caboverdianas, pagode e forró brasileiro, cujo ritmo se parece com as músicas caboverdianas.



Foto 02



Foto 03

⁶¹ Celebração da festa da independência de Cabo Verde dia 05/07/2003, transferida para o dia 12/07/03 devido à festa dos estudantes caboverdianos, em Niterói. Teve participação de alguns estudantes, de alguns imigrantes, do ex-cônsul, do Embaixador e do Secretário de Estado da Imigração.

Convém ressaltar que nas festas comunitárias os imigrantes chegam aos convívios de carro, de ônibus e a pé de todos os cantos do Rio de Janeiro. É momento de muita alegria e satisfação quando abraçam-se comovidamente e procuram os amigos para conversar. Chegam acompanhados dos filhos e netos que em seguida são apresentados aos amigos e conhecidos. Dirigem-se aos desconhecidos para saber se são caboverdianos ou brasileiros. Em caso de serem caboverdianos perguntam-lhes em que ilha nasceram, pois a ilha de origem os remetem a experiências vividas e compartilhadas; como vimos, as ilhas apesar de possuírem costumes comuns, apresentam modos próprios de vida. No caso de serem da mesma ilha, eles trocam muitas informações e novidades, perguntando por parentes e amigos; no caso de não serem da mesma ilha, também conversam animadamente, porém de forma mais rápida.

Constatamos que a maioria dos imigrantes caboverdianos veio das ilhas agrícolas de Santo Antão, São Nicolau e alguns vieram de São Vicente. A maioria deles são semi-analfabetos, filhos de camponeses que saíram do país de origem no período de 1950 a 1972, ainda jovens e solteiros, na faixa etária de 25 a 30 anos, à procura de melhores condições de vida no Brasil. A maioria embarcou no navio “Vera Cruz”, hoje desconhecido pela maioria da população, enquanto que uma minoria veio de avião. Eles saíram do país como emigrantes portugueses da província de Cabo Verde, com visto de permanência para o Rio de Janeiro. Os que vieram de navio demoraram sete dias para desembarcarem no porto Praça Mauá, enquanto que os outros chegaram ao aeroporto do Galeão. Domingos conta: “saí de Cabo Verde no navio Vera Cruz no dia 12 de Novembro de 1960 e cheguei no porto Praça Mauá/Rio de Janeiro, no dia 22 de Novembro de 1960”⁶². Alguns imigrantes saíram de Cabo Verde com “carta de chamada”, um documento reconhecido em cartório brasileiro, enviado por um imigrante a um familiar que o autorizava a entrar no país; outros vieram a convite de amigos, enquanto que uma minoria aventurou-se no Rio de Janeiro, pois o “Brasil tinha aberto as portas para a imigração”, segundo alguns imigrantes. Constatamos que em uma semana estes caboverdianos adquiriram a carteira permanente de estrangeiro no Rio de Janeiro, na rua do Senado 81, Centro da Cidade, de acordo com a verificação da carteira de estrangeiro.

Vale lembrar que algumas mulheres vieram para trabalhar como empregadas domésticas, enquanto que outras viajaram para se unir à família que aqui se encontrava. A maioria dos imigrantes teve, em média, dois a três filhos, o que os diferencia dos

⁶² Domingos G. B. Entrevista citada, p 49.

caboverdianos que permaneceram em Cabo Verde, pois na época em que nasceram era comum um casal ter de sete a onze filhos. Neste sentido, pressupomos que estes imigrantes assimilaram novos valores socioculturais: percebemos que adotaram o planejamento familiar, fazendo uso dos métodos anticoncepcionais e colocando em xeque alguns valores religiosos de uma sociedade agrária. Observamos que esta mudança de comportamento é uma característica da construção de memória híbrida, que se mostra sempre disposta a captar outros valores e representações. Estes imigrantes se concentraram em determinadas ruas e bairros do Rio de Janeiro, construindo suas casas bem próximas umas das outras. Este aspecto é fundamental para pensarmos a respeito dos laços afetivos desenvolvidos entre os imigrantes, permitindo-nos olhar a comunidade como espaço de enfrentamentos e cruzamentos diversos, neste novo espaço. Assim, alguns compraram um terreno único e construíram apartamentos, constituindo mini-comunidades. Em pouco tempo, percorre-se todas as casas. Quando um imigrante vê outro conversando com um estranho, ele se aproxima para perguntar se é caboverdiano. Se for “patrício”, ele o convida a conhecer o interior da casa, pois sendo de Cabo Verde não é considerado estranho, apesar de nunca ter sido visto antes. Orgulham-se em mostrar ao patrício que vivem bem e continuam sendo “trabalhadores”, pois em Cabo Verde este termo representa, no imaginário coletivo, que o caboverdiano não é malandro e nem preguiçoso. Normalmente, qualquer imigrante oferece-se como guia para acompanhar o patrício à casa dos outros caboverdianos. Geralmente, antes da apresentação, o dono da casa pergunta se o visitante é caboverdiano, ou se é estudante caboverdiano, uma vez que o último imigrante a fixar residência foi o Sr. José Eugênio, residente na cidade de Nova Iguaçu, em 1972, conforme a maioria dos imigrantes.

Quando perguntados sobre o por que da permanência no Rio de Janeiro, a maioria diz que sua intenção era voltar para Cabo Verde após ganhar algum dinheiro, mas que com o passar dos anos, terminaram permanecendo na cidade, ainda que se orgulhem de ser caboverdianos. O retorno para Cabo Verde é, segundo eles, impossível, pois neste novo espaço construíram suas famílias, o que quer significar que aqui é um lugar de convivência e de permanência. No entanto, alguns conectaram-se à Internet para estar em sintonia com o país de origem.

Conforme observamos em nossa pesquisa, alguns imigrantes deixaram suas namoradas em Cabo Verde e, depois de certo tempo, voltaram para o país, casaram-se e as trouxeram para o Rio. Outros se casaram por procuração e chamaram suas esposas,

enquanto outros começaram a namorar no Rio de Janeiro, embora já se conhecessem em Cabo Verde. A maioria dos homens não tinha profissão definida e se dispôs a fazer qualquer trabalho que lhes garantisse meios de sobrevivência. Muitos trabalharam em fábricas de roupas de empresas norte-americanas e brasileiras, outros em oficinas, mas devido ao baixo salário a maioria abandonou esse emprego e começou a trabalhar sem vínculo fixo na construção civil, enquanto outros montaram seus estabelecimentos comerciais ou exerceram a função de camelô.

Neste caso, Otávio (foto 04) diz que:

“não tinha profissão quando cheguei no Rio de Janeiro; trabalhei por seis meses, numa firma americana, Sudantex; trabalhei no comércio, fui segurança, depois voltei ao comércio como camelô na venda de cigarro; tenho duas casas, uma está alugada; tenho meu carro, minha família. Bem, aqui a gente vive bem, se tivesse ficado em Cabo Verde talvez eu não teria o que tenho hoje”⁶³ ⁶³.



Foto 04

⁶³ Otávio J. R., natural da ilha de São Nicolau, nasceu em 07/11/1933, 70 anos; chegou no Rio de Janeiro em 25/01/1960 com 27 anos; casou com uma caboverdiana no Rio; regressou a Cabo Verde em 1993, após completar 33 anos nesta cidade; morador em Nilópolis, bairro Olinda. Entrevista realizada em 18/10/03.

⁶³

Um outro depoimento é o do Sr. *José* que nos diz que:

“Não tinha profissão quando cheguei aqui. No início, trabalhei na obra como ajudante de pedreiro, mas fui ganhando prática até me tornar mestre de obra. Como dinheiro era fraco, comecei a trabalhar por conta própria, pegando pequenos trabalhos; daí comecei a arrumar pessoal para trabalhar comigo como ajudante; então, vivo bem aqui”⁶⁴.

Neste caso, observamos que apesar das dificuldades da economia brasileira, os imigrantes caboverdianos construíram suas próprias casas, investiram na educação dos filhos, sendo que quase todos os filhos dos imigrantes fizeram o 2º grau e ingressaram na universidade. Muitos exercem cargos na Marinha e no Exército brasileiro.

A maioria dos imigrantes casou-se na Igreja Católica, embora alguns tenham se convertido, seguindo a Igreja Evangélica. Alguns imigrantes que praticam o catolicismo freqüentam o “Racionalismo Cristão”, ou seja, um Centro Espírita, segundo uma prática iniciada em Cabo Verde. A este respeito, *Antónia*⁶⁵, católica, conta que vai ao Centro Espírita de Olinda buscar “água fluída”, ou seja, água purificada. Ela explica que em Cabo Verde é comum procurar água fluída no RC, mas ela faz a “irradiação” em casa. Neste caso, é comum o praticante do Racionalismo Cristão em Cabo Verde levar de sua própria casa uma garrafa com água para ser “irradiada”, purificada pelo presidente ou médium, através da invocação do “Astral Superior”, ou seja, Espírito de Luz, no qual rezam a oração chamada “Grande Foco”. Segundo os praticantes do RC, esta água limparia o corpo das pessoas dos maus espíritos e aliviaria as dores.

Como mostram estes costumes, a comunidade se manteve ligada a Cabo Verde por laços culturais e afetivos e seus membros se dizem orgulhosamente caboverdianos, apesar de não manterem contatos freqüentes com seu país. Esta ligação afetiva com as suas origens expressa não só um movimento de recriação de uma memória e identidade neste novo espaço, mas também as ligações entre a comunidade local e Cabo Verde. Porém, uma minoria retornou ao país para passar as férias e esse grupo realizou em média uma a duas visitas, após 30 a 50 anos de estadia no Rio de Janeiro.

⁶⁴ José A., natural da ilha de São Nicolau; nasceu em 27/12/1937, 67 anos. Chegou no Rio de Janeiro em 25/10/1960 com 23 anos; casou com uma caboverdiana no Rio; regressou a Cabo Verde em 01/10/1996, após completar 36 anos nesta cidade; morador na cidade de Nilópolis, bairro Olinda. Entrevista realizada em 08/05/04.

⁶⁵ Antónia J. R.. Entrevista citada, p. 45.

A título elucidativo, Antónia explica “saí de Cabo Verde no dia 12 de Julho de 1960 e entrei em casa pela primeira vez após completar 20 anos no Rio de Janeiro, em 1980”.

Um dos aspectos detectado em nossa pesquisa diz respeito a festa de romarias, sendo que a maioria dos imigrantes reconstituiu as festas de São João, São Pedro, Santo Antônio nas Pombas/Concelho do Paul, Santa Cruz, Nossa Senhora da Lapa, entre outras: Natal, Páscoa, em que passavam até três dias festejando, comendo, bebendo e dançando. Além disso, é uma boa oportunidade para namorar. A este respeito, *O Sr João*⁶⁶ conta que conheceu a esposa na festa de Santo Antônio nas Pombas/ Paul, ilha de Santo Antão. Casou por procuração e mandou trazer sua mulher através de uma carta de chamada, ou seja, um documento reconhecido em cartório brasileiro que comprova a sua permanência no Brasil.

Creemos que as festas de romarias são bastante marcantes na comunidade local, pois na época em que estes imigrantes saíram do país de origem os festejos representavam uma boa oportunidade para namorar e casar. Não havia lugares de diversão como nos nossos dias, e nem opções de outras modalidades musicais. A maioria da população não tinha acesso ao rádio, enquanto que a televisão não existia em Cabo Verde. As músicas e danças tradicionais eram as únicas formas de diversão em quase todo o arquipélago. Assim, as festas eram feitas em grandes salões, cobertas de palha de milho ou bananeira. Estes lugares agregavam pessoas de todas as classes sociais, ricos e pobres.

Vale lembrar que a comunidade local é antiga, tendo perdido muitas características culturais da antiga terra. Porém, ela recria alguns hábitos e costumes que são transmitidas aos descendentes, através da valorização da música, da dança e do jogo de “uri”, que é típico do país. Neste sentido, observamos que *José Eugênio*⁶⁷, (foto 07, p.58), guarda em sua casa 54 uris, que mandou trazer do país em 1999. Ele conta que o “uri é semente de uma planta que dá nas rochas; a gente não sobe nas rochas, não; a gente deixa o uri cair, então, a gente pega; as pessoas tomavam banho de mato, pa defender da bruxa, crença de lá, né; aqui a gente não acredita mais, não”.

⁶⁶ João J. R., natural da ilha de Santo Antão, nasceu em 02/04/1929, 75 anos; chegou no Rio de Janeiro em 22/02/1958 com 29 anos; casou com uma caboverdiana em Cabo Verde por procuração; regressou ao país em 1966 e 1980, sendo esta a última viagem.

⁶⁷ José E., natural da ilha de Santo Antão, nasceu em 03/01/1957, 47 anos; chegou no Rio de Janeiro em 07/02/1972 com 15 anos, casou com uma caboverdiana no Rio; nunca regressou a Cabo Verde. O imigrante improvisou um tabuleiro de isopor. Entrevista realizada no dia 02/06/03.

O termo “Uri” provêm de uma planta chamada “Silvão de Uri”. Para jogar é necessário um “tabuleiro”, que é uma tábua retangular de aproximadamente meio metro de comprimento e 12 cm de largura, 48 uris e dois jogadores. Na tábua furam-se 12 buracos de forma cilíndrica, sendo 6 de cada lado, e em cada buraco colocam-se 4 uris. Na foto 05 observamos um tabuleiro de isopor que foi improvisado por José Eugênio (foto 07, p. 58). Enquanto que, na foto 06, p. 58 o pesquisador Artur Bento está frente ao tabuleiro em posição de jogo.

Tabuleiro de isopor



Foto 05

O pesquisador frente aos uris em posição de jogo.

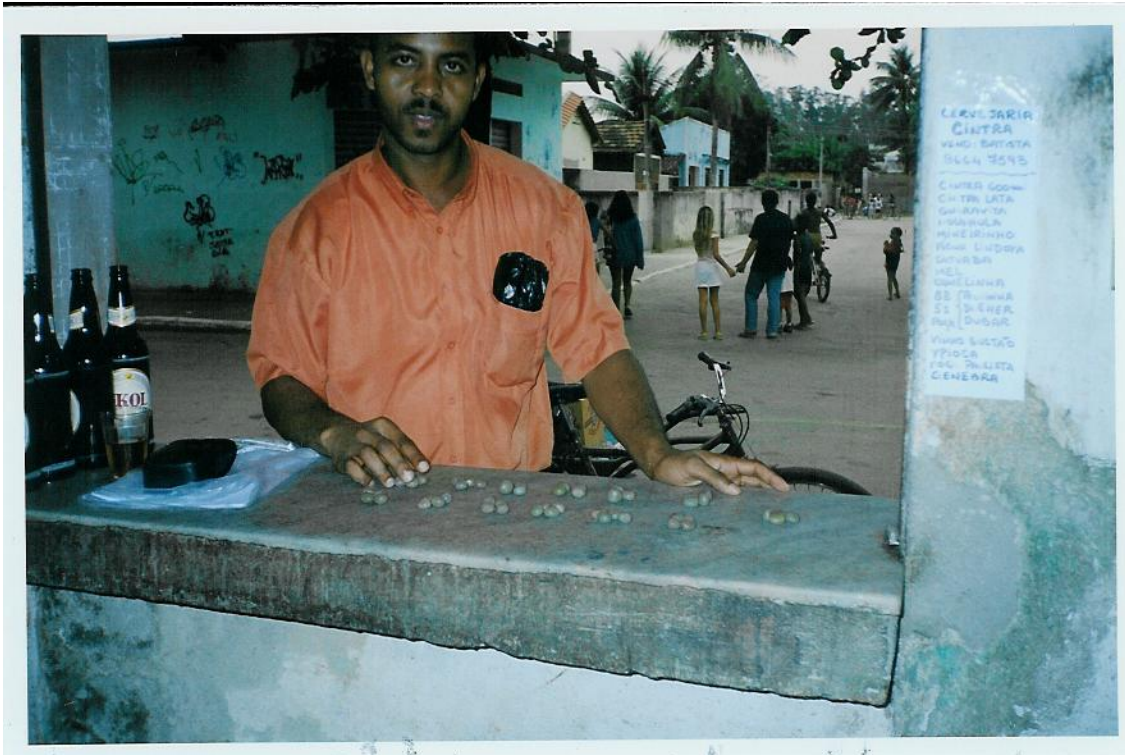


Foto 06



Foto 07

Uma característica dos imigrantes caboverdianos é a valorização das músicas do país de origem, sendo que as preferidas por eles são a morna, a coladeira, e o funaná, músicas nacionais, enquanto que a tabanca, o batuque, a contradança, a mazurca, o curcutiçan, a valsa, o landú, talvez por serem músicas regionais, não são ouvidas pela comunidade local. Por outro lado, entendemos que estes estilos musicais se perderam no Rio de Janeiro devido à intensa miscigenação cultural e à abertura a outros modelos musicais. Porém, a morna, a coladeira e o funaná têm conseguido sobreviver na medida em que vêm sendo recriadas e adaptadas a instrumentos eletrônicos.

A respeito da incorporação da língua, observamos que nesta comunidade os imigrantes tendem-se a comunicar-se em português, língua oficial do país de origem, sendo cada vez mais esquecido o crioulo, língua oral, devido à semelhança deste com o português, segundo depoimentos dos caboverdianos. Assim, não ensinaram aos filhos a língua de origem, o que significa a perda da memória oral. No entanto, entendem o crioulo, ainda que prefiram responder em português. A pesquisa de campo revela que nem todos perderam completamente a ligação com a língua materna, pois a maioria dos imigrantes mistura o crioulo com o português. Neste sentido, estes imigrantes acham “estranho” como o crioulo é falado pelos que chegam no Rio de Janeiro; no entanto, a maioria fala com o sotaque regional das ilhas de origem e empregam muitas palavras crioulas como se fossem portuguesas, dada a sua semelhança. Também nota-se, na fala de alguns descendentes um português com sotaque caboverdiano. Neste caso, *Antônio*⁶⁸ conta que “os meus colegas dizem que meus pais têm sotaque e que eu também tenho sotaque, mas eu não percebo isto, talvez por ser criado no meio deles”. Assim, a maioria dos descendentes afirma que desconhece a língua nacional das ilhas, embora não tenha consciência do uso do crioulo na vida corriqueira. Este desconhecimento pode ser produto da hibridização dos imigrantes com a cultura brasileira, mas pode trazer algum problema quanto à transmissão da cultura do país, uma vez que o crioulo é um dos patrimônios coletivos, usados pelo povo para transmitir as suas narrativas. Porém, não se pode ignorar que esta integração também representa um processo de miscigenação cultural, sendo as referências caboverdianas cada vez mais dissolvidas no espaço urbano que é o Rio de Janeiro.

⁶⁸ Antônio N., descendente de imigrantes caboverdianos, 2º grau, 25 anos, morador no Bairro Grajaú, na cidade de Nova Iguaçu. Pensa conhecer a terra dos pais, pois toda a família do pai está em Cabo Verde, enquanto que a maioria dos familiares por parte da mãe estão no Brasil. Entrevista realizada em 02/06/03 e 12/06/03, porém não aparece em anexo porque não foi gravado. As conversas foram anotadas no caderno.

A hipótese de Mateo, descendente de caboverdianos na Argentina, é de que o fato dos imigrantes não ensinarem o crioulo aos seus filhos contribui para o enfraquecimento da tradição. Na visão da autora, o crioulo tem sofrido pressão de uma língua hegemônica, o que talvez tenha levado os imigrantes a optarem pela negação e pela não transmissão da língua a seus filhos, por sentirem o crioulo como uma língua inferior em relação ao português. A autora esclarece que, de acordo com o Art. 9 da Constituição Nacional, o português continua a ser a língua oficial, porém o crioulo acrescenta sua importância desde que o Estado promove as condições para a oficialização da língua materna em paridade com o português. Assim, todos os cidadãos de Cabo Verde têm o dever de conhecer as línguas oficiais e o direito de usá-las.

Para mostrar a hibridez da cultura e para apontar alguns elementos que são recriados, ainda que muitos deles tenham sido relegados ao esquecimento, faremos uma breve apresentação de algumas manifestações da cultura caboverdiana no próximo capítulo.

3.1. APRESENTAÇÃO DE ALGUNS ELEMENTOS DA CULTURA CABOVERDIANA

Neste item, vamos descrever alguns hábitos e costumes dos caboverdianos que servem para fortalecer as vivências comuns, gerando um sentimento de identidade e memória partilhadas.

Em Cabo Verde, são hábitos as festas de romarias ou de santos populares. Estas festas geralmente duram alguns dias, conforme a ilha onde se realizam. Antes do dia do santo se realizam atividades recreativas e desportivas, tais como: jogos, corrida de cavalo, corrida de saco, de bicicleta etc; confeccionam-se doces e bolos, preparam-se milho e matam-se animais como: leitão, galinha, cabrito, para o molho. No largo da capela do santo popular montam-se barracas. Os grupos de três ou quatro tambores tocam sem parar, acompanhados de apitos. Um elemento do grupo enfia-se num navio em miniatura, dança e faz evoluções como se o navio estivesse no alto mar, enquanto as mulheres dançam entre elas ou com os homens. A esta dança chama-se “Colá Sam Jon”, ou seja, Colá São João: os dançantes dão voltas e requebram, ao que se segue uma umbigada em simulação do ato sexual, podendo formar uma cruz com quatro pessoas, em que duas dão umbigadas e se afastam, enquanto as outras duas vão ao centro e vice-versa. O ápice da festa é a eucaristia, celebrada no próprio dia do santo, seguida de procissão ao redor da igreja, acompanhada de rezas e cânticos. Há, portanto, uma mescla de sagrado e profano. Para alguns, é a ocasião de assistir a missa e pagar promessas, para outros é a oportunidade de festejar e namorar. Para pagar promessas, era habitual vestir um saco de estopa, colocar uma pedra sobre a cabeça, acender velas. As pessoas que chegam do interior ou do estrangeiro quase sempre trazem “ramos”, ou seja, presentes ao santo que após a missa são vendidos na praça e os lucros revestidos a favor da igreja. Em algumas ilhas, nos anos de boa colheita, as pessoas traziam “fongos”, feitos de farinha de milho, batata doce e banana, embrulhados em folhas de bananeira e depois assados. Porém, atualmente, as festas populares têm perdido a sua força devido ao distanciamento da população dos seus costumes; mesmo assim, essas festas ainda preservam um sentimento comum.

Era um hábito para os naturais da ilha de Santo Antão/Cabo Verde, preparar-se um banho com silvão de uri. Após ferver água em uma panela, adicionam-se algumas folhas do silvão de uri, juntamente com eucalipto, arruda, alecrim, rosmaninha. Deixa-se a água ficar morna para em seguida utilizá-la em um banho conhecido como “banho de mato”. Geralmente, toma-se o banho à noite, auxiliado por um membro familiar. Após o banho, as

peessoas agasalham-se e ficam na cama até o dia seguinte, para evitar o resfriado. Porém, muitas pessoas acreditavam que este banho de mato aliviava a febre e as protegia das bruxa (homem ou mulher que herdava a arte da bruxaria). Neste ponto, Silva informa que:

“ filho ou filha de pai fetiseru ou fetisera tinha uma tendência para ser também fetiseru. Em casos em que isso não acontecia, tornava-se necessário uma proteção especial ao recém-nascido por parte do progenitor não fetiseru. Caso contrário, o ódio do progenitor fetiseru sobre a criança seria certamente fatal para ela: seria comida por ele”⁷⁰.

Segundo as estórias populares, a (o) bruxa (o) é alguém com rabo e capaz de “comer”⁷¹ as pessoas através de mau olhar. De acordo com esta crença, o fato de alguém desconhecido dizer a uma criança que ela era gorda ou bonita poderia “comer” a criança, ou seja, levá-la à morte. Assim, esconjuravam-na na mesma hora, dizendo “lovara Deus”, ou seja, que Deus seja louvado, temendo que ela fosse uma bruxa desconhecida. Se concluíssem se tratar de uma bruxa, as pessoas enfiavam o dedal entre o polegar e o anelar, e esconjuravam-na dizendo “fica canhota bordolega espanha”. Assim, a pessoa que carregasse o estigma de bruxa era muitas vezes perseguida e atormentada pela população local das ilhas, vivendo quase sempre isolada do convívio social, pois a qualquer momento poderia ser vítima de maus tratos. Para além dos aspectos já citados, as supertições apontam que existem sempre meios para tornar nulo o mau olhar e proteger as pessoas das bruxas: usar amuletos, cruzeiros desenhadas com “leite” de babosa, no peito, nas costas; lavar a criança com a urina da mãe, fermentada com farelo de milho, e através de esconjuros e orações. Era comum, por exemplo, realizar uma festa para os recém-nascidos denominada “guarda cabeça”, na noite do sétimo dia após o nascimento, pois a bruxa poderia “comer” a criança. Esta festa era feita com um cavaquinho e uma viola: enquanto os rapazes e as meninas dançavam na sala, algumas vizinhas conversavam no quarto aonde se encontravam a mãe e o recém nascido, à luz de uma lamparina alimentada com azeite de

⁷⁰ SILVA, T. V. da. *Crenças e religiões*. In: AHN. *Descoberta das ilhas de Cabo Verde*. Cabo Verde, Praia: Sépia Paris, 1998, p.158-159.

⁷¹ Comer: consiste numa arte em que a bruxa captura o espírito de uma pessoa, podendo levá-la à morte por alguns dias, caso o não largar, pois um corpo sem espírito está morto segundo a crença. Para atrepar o espírito de alguém é necessário que a bruxa o assustasse. Durante o período que o espírito estivesse em poder da bruxa a pessoa ficava doente até morrer. Para recuperar a vida da pessoa, os familiares ao suspeitar da bruxa, levavam o doente à casa da bruxa para que o curasse. Bastava um chá de erva para que a pessoa recuperasse a saúde.

*purgueira*⁷² que ficava acesa até o amanhecer. Debaxo do travesseiro da cama do bebê punha-se uma tesoura aberta, faca e agulha espetada no colchão para ameaçar o rabo das bruxas ou feiticeiras.

Entretanto, o azeite de *purgueira* era utilizado também como remédio caseiro de uso externo, no alívio da dor e febre alta. Sendo assim, era comum esquentar uma colher do azeite, que em seguida era utilizado para massagear a área dolorosa do paciente. Em caso de dor de cabeça, após massagear a testa do doente, amarrava-se a mesma com um pano limpo até passar a dor. Além disso, algumas pessoas colocavam por baixo do pano algumas folhas medicinais. A esta prática se chama “*messinha*”, que representa tratamento caseiro feito a base de ervas medicinais e óleos. Ainda hoje, muitas pessoas fazem “*messinha*” antes de procurar atendimento médico, ou durante o processo terapêutico. Era também um hábito pedir ao médico que desse alta ao paciente para ser tratado em casa com remédios caseiros. Entretanto, existem os curandeiros que também fazem uso das ervas para curar determinadas doenças. Por outro lado, há os charlatães que exploram a população, sem todavia ter conhecimento desta prática tradicional em Cabo Verde que, ao longo dos tempos, serviu como procedimento terapêutico, época em que a medicina tradicional substituía a medicina científica. No entanto, esta prática está desaparecendo de Cabo Verde devido à abertura a tratamentos medicamentosos, mas também devido ao afastamento dos caboverdianos das suas tradições.

Ao nosso ver, a medicina tradicional caboverdiana constitui a sabedoria de um povo que ao longo dos tempos desenvolveu formas de curar certas doenças, fazendo uso de plantas medicinais e óleos, período em que a assistência médica era quase inexistente no país. Neste sentido, cabe aos caboverdianos refletir sobre um dos problemas trazidos pela hibridez de sua identidade e de sua memória: facilmente esquecem seus hábitos e adquirem outros, o que pode produzir um esvaziamento em sua cultura, produto de história, trabalho de criação e reelaboração.

Vale ressaltar que, com a modernização em vários pontos do país, as festas de “guarda cabeça” se assemelham às festas de aniversário atuais, não mais se usando os objetos tradicionais; porém, a maioria das pessoas abandonou, de fato, esta prática cultural.

⁷² PURGUEIRA: um arbusto ou pequena planta da família das euforbiáceas que adaptou-se bem ao clima, mas praticamente desapareceu do arquipélago. As sementes desta planta eram utilizada na fabricação de azeite para iluminação doméstica e sabão de terra para uso local.

De acordo com Silva, a maioria dessas crêças tiveram bastante força e peso social há 50 anos. O autor afirma que:

“digo até cerca de uns 50 anos atrás, porque as mesmas, embora ainda existentes ou referenciadas vêm perdendo credibilidade cada vez mais acentuadamente, à medida que os anos vão passando, sob o efeito da escolarização, cristianização, progresso sócio-cultural e científico, modernização e do poder incentivo das mass média que vêm transformando o mundo numa espécie de aldeia cada vez mais exposta”⁷³.

Tal constatação não se limita ao universo da sociedade caboverdiana, mas se intensifica no Rio de Janeiro, que tem em sua constituição uma cultura também híbrida e mestiça. Aqui, os imigrantes deixaram de acreditar nesta superstição e não mais fazem a festa de “guarda cabeça”. Muitas superstições foram esquecidas nesta comunidade, mas ainda existe entre alguns imigrantes a idéia de que o gato é um animal “traíçoeiro”. Neste sentido, *João*⁷⁴ afirma que “não gosto de gato, não; gato é traíçoeiro”. Em Cabo Verde, narravam-se estórias em que o gato teria matado o próprio dono enquanto dormia para vingar-se dos maus tratos. É crença ainda de alguns setores da população caboverdiana que se o dono do gato espancá-lo, ele poderá se vingar na hora em que menos se espera, principalmente durante o sono; o gato não familiar, especialmente o preto, era tido muitas vezes como uma metamorfose da bruxa que espantava as pessoas no escuro. Acreditava-se que o espírito da bruxa abandonava o corpo durante o sono e se transformava em gato, passarinho, pato, e poderiam ser vistos como sinais luminosos se deslocando de um lado para o outro.

Vale lembrar que até a década de 1970, a maioria da população não tinha acesso à luz elétrica, vivia na escuridão da noite, o que talvez contribuísse para alimentar estas superstições e crendices populares por muito tempo. A assistência médica e o acesso aos medicamentos eram quase nulos no arquipélago. A maioria das crianças nascia em casa, com ajuda de uma parteira. O umbigo, normalmente, era curado com práticas tradicionais, pois as pessoas não tinham acesso aos cuidados médicos devido à quase inexistência de profissionais de saúde. Por esta razão, talvez, era comum as crianças morrerem no sétimo dia, devido às doenças infecciosas na infância, pois o país carecia de vacinas que prevenissem as doenças mais comuns na infância como o tétano, o sarampo, a rubéola, a difteria, a meningite, as hepatites virais, a catapora (varicela), a caxumba, o coqueluche.

⁷³ SILVA, T. V. da. Ibid, p. 156.

⁷⁴ João J. R. Entrevista citada, p. 56

Daí, podemos concluir que esta fatalidade foi atribuída à bruxaria. A partir deste contexto, pressupomos que tenha surgido a festa de “guarda cabeça”, em que se aproveitava para tornar a criança “cristã”. Assim, qualquer pessoa de *boa índole* derramava água na cabeça do bebê, dizendo: eu te batizo em nome do pai, do filho e do espírito santo. O batismo só tinha validade se a criança viesse a morrer antes de ser batizada pela instituição competente.

Convém lembrar que muitas superstições foram esquecidas, mas ainda perduram em alguns setores do país, como a idéia de que se uma bruxa chegar a uma casa qualquer e pedir um copo ou uma caneca de água, se virarmos o copo em que ela tiver bebido “a boca para baixo, ela fica amarrada”, ou seja, não consegue continuar seu percurso. Para “desamarrar” a bruxa é necessário virar o copo com a boca para cima.

A morna –agora focalizando as tradições musicais- pode ser definida como uma forma musical simples que o caboverdiano utilizou para exprimir os seus sentimentos. Diz-se que a raiz da morna se encontra na ilha da Boa Vista, embora não tenha se reduzido a este local. Para alguns pesquisadores caboverdianos, foi o poeta Eugênio Tavares, da ilha Brava, quem elevou este gênero musical à categoria lírica, fazendo-a adquirir uma linha sentimental em que canta a saudade, a tristeza, a esperança, a fé e o amor. Essas expressões são correntes no cotidiano caboverdiano, pois retratam a vida aventureira e trágica desse povo articulado com os processos de colonização, de exploração e lembram a própria insularidade que levou o caboverdiano a fixar os olhos no mar, no espaço azul como alternativa para os problemas das ilhas. Na ilha de São Vicente foi o compositor B. Leza que a partir dos anos 30 aperfeiçoou-a tanto ao nível da letra como da música. Aí, a morna adquiriu um ritmo mais alegre devido à influência da música brasileira, “com a introdução do acorde de sétima”

A coladeira é um gênero musical com ritmo rápido e uma temática poética mais vulgar. “Surge nos anos 40, tem uma fase de consolidação nos anos 50 e emerge como gênero com autonomia nos anos 60, altura em que o disco já é um meio de divulgação bastante popular em Cabo Verde”⁷⁵.

Se tomarmos como ponto de referência o fenômeno migratório, a coladeira se deve em grande parte à migração. Ao emigrar, os caboverdianos tiveram sempre idéias otimistas quanto à melhoria das suas condições de vida, o que nem sempre aconteceu, devido às

⁷⁵ GONÇALVES, C. F. *Kap verd band*. In: AHN. *Descoberta das ilhas de Cabo Verde*. Praia: sépia Paris, 1998, p. 199.

expectativas não coincidirem com a realidade dos países de acolhimento. Isto levou os artistas a descrever estas situações através da música, com o intuito de estimular uma tomada de consciência, e não só para exprimir a ilusão, a saudade, e o desejo de regressar à terra mãe. Esse conjunto de situações fez com que a emigração tivesse reflexo nas narrativas caboverdianas, nomeadamente nas letras da coladeira. Nessas letras, há uma crítica à aquisição de novos hábitos por parte dos imigrantes, e a coladeira nos dá mostras do quanto os caboverdianos criticam esses costumes “copiados”. Goy (violão e bateria) utilizou versos rimado entre si, em que critica com muito humor a sociedade mindelense.

O Funaná é um gênero musical da ilha de Santiago de acordes repetitivos que ganha espaço cultural com sanfona e ferrinho, significando bailes populares ao som de gaita e ferro. Neste, o par dança com os pés quase arrastados no chão, requebrando os corpos como se os quadris dos dois estivessem competindo, criando assim um clima erótico.

O batuque é uma dança com características mais africanizada, embora no nosso entender, a dança tenha também sofrido os processos de hibridiz cultural. É constituído pelo “finançon” que é um cântico improvisado, entoado por uma cantadeira e um grupo coral, geralmente mulheres que acompanha a “chabeta”, um ritmo de palmas das mãos batidas sobre um pano enrolado que se coloca entre as pernas. Trata-se de “uma simulação de tambores, uma vez que os escravos chegados às ilhas, possivelmente não encontraram, no meio ambiente, material adequado para a fabricação dos seus instrumentos tradicionais, ou então, tal não foi permitido pelos patrões”⁷⁶. Faz parte do batuque o “torno”, que é o rebolar das nádegas, em que se simula o ato sexual. A dança é acompanhada pelo “Cimboa”. Entretanto, segundo alguns pesquisadores, atualmente, esta dança constitui um simples lazer, pois o “torno” está desaparecendo deste ritual.

A Tabanca é uma manifestação cultural caboverdiana estritamente radicalizada na ilha de Santiago. Este termo pode ser originário da Guiné Bissau/África de onde vieram a maioria dos escravos, significando povoação. Porém, em Cabo Verde significa associação de socorros mútuos,

⁷⁶ *ibid.*, p. 180.

“ (...) com origem segundo alguns autores, aquando da libertação dos escravos, e tem a finalidade de entre-ajuda. Com o passar dos tempos, foi perdendo as suas funções gerais, e hoje é mais uma espécie de associações funerárias e com uma forma diferente de festejar alguns santos. (...) os rituais estão atualmente num processo de decadência e perdem-se dia a dia”⁷⁷.

Geralmente, os associados custeiam os enterros dos sócios, as missas de defunto e as festas populares. A festa habitualmente tem início no dia 3 de maio, dia de Santa Cruz, mas é realizada também nos dias de São João e São Pedro, santos populares católicos. Essa manifestação cultural invade as ruas em forma de cortejo e danças, misturando a religiosidade com batuques, ou seja, batimento de tambores, danças etc.

A Valsa é uma dança de salão de origem francesa, em compasso de 3 por 4 com acentuação no primeiro tempo e movimento variado (lento e alegre). Em Cabo Verde, a valsa foi muito cultivada no passado, mas se encontra em decadência. No entanto, ainda hoje podem ouvir-se algumas valsas antigas ou modernas.

A Mazurca é uma dança popular polonesa em compasso ternário, com uma acentuação característica no segundo tempo. Em Cabo Verde ainda hoje é dançada e tocada com incidência nas ilhas de São Nicolau, Boavista e Santo Antão. Nesta “a masurca e a contradança eram dançadas com todo um ritual dirigido pelo mestre-cerimônia, o “marcador”, que ordenava a troca dos pares e conduzia o baile da seguinte forma: os dançarinos, aos pares, em duas filas, frente a frente; a música começava, e a “marcação” é feita num francês, totalmente deturpado”⁷⁸.

A Contradança é uma dança de salão de origem francesa muito em voga no século XIX, e de caráter alegre e movimentado na qual tomam parte diversos pares. É uma espécie de quadrilha semelhante a que é dançada no interior do Brasil, por ocasião das festas juninas. A última fase desta dança é o galope, ou seja, a rodada em ritmo acelerado, compasso binário e coreografia variada.

⁷⁷ Ibid., p. 184-185.

⁷⁸ Ibid., p. 198

O *Landú*⁷⁹ da ilha da Boavista é um ritual através do qual os noivos, a anteceder a primeira noite de núpcias, transportam-se sugestivamente para um jogo sexual, como forma de provar para a comunidade, a virilidade do homem e a fertilidade da mulher. De origem afro-brasileira se acomodou a sala de baile matrimonial, e a um momento próprio, meia-noite, hora em que os recém-casados se recolhem aos seus aposentos nupciais.

De acordo com alguns pesquisadores, existia o Maxixe que é uma dança urbana, geralmente instrumental, de par único, originária do Brasil, resultado da fusão da polca com uma adaptação do ritmo sincopado africano, em um compasso binário simples, andamento rápido, requebra de quadris, voltas, quebras e movimentos de rosca acompanhado de passos convencionais ou improvisados pelos dançarinos. O samba de origem brasileira também faz parte do repertório cultural caboverdiano, apesar de ser cultivado apenas em tempos de carnaval.

Vale lembrar que no início da década de 70, tornaram-se populares os instrumentos elétricos em Cabo Verde, o que fez com que surgissem muitos conjuntos musicais. Por outro lado, verifica-se a decadência da música caboverdiana devido à abertura aos ritmos latinos-americanos, privilegiando esses em detrimento daquelas. Disso resulta que a abertura a novos estilos musicais tem afastado o caboverdiano da sua cultura, provocando um esvaziamento das suas manifestações musicais.

Outrora existia na ilha de Santo Antão o “colá boi”, ou seja, “toadas de aboio”, com as quais o homem acompanhava o boi preso ao trapiche. São cantigas nostálgicas que nos remetem à saudade, ao amor, à despedida para terras distantes. Além disso, também considera-se quase extintas as “divinas/ladainhas/rezas”. Essas manifestações culturais são rituais da liturgia católica, cantadas em latim, mas entoadas oralmente pelo povo fora das igrejas e transmitidas de geração em geração. Porém, se apresentam bem alteradas devido à mistura com o crioulo e as crenças populares. Além disso, em Cabo Verde ainda cultiva-se as cantigas de caráter pastoril, que são cantadas em quase todas as ilhas no dia 31 de Dezembro, dia de São Silvestre e no dia 6 de Janeiro, dia dos Reis Magos, porém esta última está desaparecendo.

⁷⁹ LIMA, A . G. *O canto-dança landú*. Resumo extraído do livro intitulado *Boavista, ilha da morna e do landú*, dado estampa a 16 de novembro de 2002. Docente e investigador em Instituto Superior de Educação. Cabo Verde. Cabo Verde, Praia.

As cantigas de São Silvestre são cantadas por crianças no final da tarde, sacudindo o “chocalho”, um instrumento de madeira feito com tampinhas de garrafa de cerveja, enquanto que os adultos cantam a noite, mas utilizando o violão, o cavaquinho e o chocalho. Ao término da canção, os cantores recebem algum dinheiro, mas no caso dos moradores da região não o possuíram, são oferecidos aos cantores bolo e bebidas. Há uma tendência dessas músicas desaparecerem do território caboverdiano devido a não recriação por parte das crianças e ao afastamento dos caboverdianos das suas manifestações culturais.

Em Cabo Verde, as orações fúnebres, os ritos funerários, as “encomendas das almas” e os enterros assumem para o povo um lugar muito importante. Desde a casa do morto até a última morada, segue um cortejo de pessoas atrás do caixão ou do “carro de morto” para a igreja, e de lá para o cemitério. As pessoas choram durante o ritual funerário e consolam os familiares. No cemitério, ao colocar o caixão na cova, as pessoas lançam uma mão de terra em cima do mesmo como sinal de despedida, ou seja, de separação entre os vivos e os mortos. Após o enterro, dirigem-se a pé ou de carro para a casa da família do morto para dar os pêsames. Chegando ali, choram e consolam a família. Na ilha de São Vicente, tornou-se habitual enterrar os mortos ao som da “Banda Musical Municipal”, nomeadamente, com a composição tradicional “Oh Djosa, quem mandôb morre”!, ou seja, “Oh José quem te mandou morrer”. Durante três dias, a família fica de licença para receber visitas de pessoas que não puderam estar no enterro; geralmente, os familiares permanecem até um mês com a porta aberta recebendo pêsames. A família veste-se de preto para guardar o luto. Antigamente, tanto as mulheres como os homens vestiam-se de preto por até um ano. Porém, atualmente existe uma tendência das mulheres a vestirem uma peça preta e os homens a usarem uma faixa preta numa camisa branca.

3.2. A RECRIAÇÃO DA MEMÓRIA E IDENTIDADE NA COMUNIDADE CABOVERDIANA DO RIO DE JANEIRO

Neste item pretendemos discutir como se processa a recriação da memória e identidade dos imigrantes caboverdianos, mais especificamente, no que diz respeito ao modo como esses imigrantes mantêm o vínculo com o espaço, que é o Rio de Janeiro e a cultura caboverdiana.

A pesquisa nos mostra que a culinária caboverdiana, especialmente a “cachupa” e o “caldo de peixe”, está profundamente enraizada na comunidade do Rio de Janeiro. Sempre que são servidos os pratos nacionais é um dia de festa. A base da culinária é o milho, preparado de diferentes maneiras, e acompanhado normalmente de carne de porco, feijão, mandioca e batata doce. Dos pratos com milho, o que se destaca na Comunidade Caboverdiana no Rio de Janeiro, é a “cachupa”, prato tradicional feito à base de milho, feijão, carne, legumes e verduras, cozida para o almoço ou jantar e guisada, no dia seguinte, para o café da manhã, pois em Cabo Verde era geralmente o prato de todos os dias, no seio das famílias humildes ou mais ricas. Há outros pratos típicos como o xerém (papa de farinha grossa de milho) acompanhado de carne e o respectivo molho; camoca (farinha de milho torrado); o friginado, a patanca, a botchada, papa com leite, milho-em-grau, banana de fongo, milho-aliado (milho torrado) e os molhos que ainda persistem nas ilhas na altura das festividades dos festejos dos santos padroeiros. Estas últimas, porém têm deixado de ser consumidos no Rio de Janeiro.

Como se vê, em Cabo Verde, a cachupa era o prato de todos os dias, tanto no seio das famílias pobres quanto das abastadas. Sendo o país tradicionalmente agrícola, a maior parte dos pratos se faz à base de milho e feijão. Cultiva-se o milho e o feijão no período das “águas”, normalmente, nos meses de junho a agosto. Após a colheita, os produtos são colocados em “tambeque”, ou seja, celeiros, para serem consumidos durante o período da seca. A “cachupa” é uma expressão da culinária do arquipélago que enche de gula não só aos nativos, mas também a comunidade do Rio de Janeiro. Neste caso, Maysa, descendente de imigrantes, afirma “como cachupa, cuscuz, caldo de peixe, funguim, banana-de-fongo, gosto das comidas de lá, minha mãe criou a gente fazendo essas comidas”⁸⁰. Enquanto que,

⁸⁰ Maysa S. R., 30 anos, descendente de imigrantes caboverdianos, separada de um estudante caboverdiano. Moradora em Grajaú, cidade de Nova Iguaçu; nunca pensou em visitar Cabo Verde.

Antônio realça que “minha mãe costuma fazer comida com legumes e carne; gosto de cachupa, não com aquele montão de caldo, gosto dela guisada”⁸¹.

No entanto, no Rio de Janeiro, a “cachupa” tem sido relegada para o segundo plano em prol das comidas nacionais, principalmente o churrasco, o feijão feito à moda brasileira, o bolo de aipim etc. Pois, na opinião da maioria dos imigrantes, a cachupa é “trabalhosa”, ou seja, demora muito tempo para ser cozida e exige muitos ingredientes. Assim, os imigrantes em suas festas de confraternização preferem o churrasco. No entanto, a cachupa é o prato principal quando recebem visitas de caboverdianos vindos do exterior. Além disso, os imigrantes fazem questão de oferecer um lanche ao visitante, assim como em Cabo Verde.

Vale ainda destacar a imagem que Maysa faz dos imigrantes, nas seguintes palavras: “ninguém sai sem comer ou beber alguma coisa, os caboverdianos são assim, enquanto você não fizer um lanche, eles ficam insistindo; na casa dos caboverdianos entra-se com fome e sai de barriga cheia”⁸². Outro comentário de descendentes a respeito dos imigrantes está representado nas palavras de *João* que nos diz que “os caboverdianos são muito solidários, eles visitam os doentes, enterram as mortes, vestem de preto, ficam de luto até três meses”⁸³.

A partir dos depoimentos dos filhos dos imigrantes, pode-se constatar que um traço característico da comunidade local é a “solidariedade”, principalmente em momentos de doença e morte. Geralmente, quando um patricio adoece a maioria dos imigrantes faz visitas periódicas ao domicílio do enfermo. Em caso de morte de um imigrante, a família telefona para os imigrantes mais próximos que comunicam o fato aos demais caboverdianos. No dia do enterro, eles se reúnem, vestem-se com roupas escuras para enterrar o morto. Antes e depois do enterro, choram e ficam de luto.

Nessa direção, observamos que os imigrantes caboverdianos no Rio de Janeiro mantêm alguns hábitos do país de origem. Embora aqui o velório seja feito na igreja e cada um siga para sua casa após o enterro, mantém-se o hábito de dar “sentimentos de pêsames” à família do morto.

⁸¹ Antônio N., descendente de imigrantes, 2º grau completo, 25 anos, já pensou em visitar Cabo Verde; morador na cidade de Nova Iguaçu, bairro Grajaú. Quase toda a família por parte de pai vive em Cabo Verde, enquanto que a maioria dos familiares por parte da mãe vive no Rio de Janeiro.

⁸² Maysa, S. R. Entrevista citada, p. 71.

⁸³ João Vaz, 36 anos, descendente de imigrantes, casado com uma descendente; primeiro secretário da Associação; professor de Educação Física, mas trabalha como Polícia Militar. Morador na cidade de Nova Iguaçu, bairro Palmares.

Segundo depoimento da descendência, os imigrantes permanecem de luto por até três meses. Além disso, não costumam frequentar as festas durante o período de luto. O sentimento de tristeza pelo que “parte” expressa o respeito pelos mortos, muito forte na comunidade local. A esse respeito, Maysa, descendente de imigrantes, realça que a mãe fica de luto, veste-se de preto, e chora até por um familiar morto em Cabo Verde que não vê há 40 anos.

No Rio de Janeiro, os imigrantes recordam as festas de romaria, mas não as praticam segundo o costume. Comemoram principalmente as festas de São João e de São Pedro, incorporando já o modo brasileiro de realizá-las: barracas vendendo comidas e bebidas, danças de quadrilha, etc. Entendemos que as festas de romarias, principalmente as de São João e São Pedro são vividos nas festas Juninas no Brasil. Sendo assim, entendemos que houve uma reelaboração de hábitos e costumes caboverdianos à luz das festas Juninas brasileiras. Deste modo, a memória híbrida busca incorporar outras formas culturais, mas transforma-se juntamente com elas, dando início a um outro produto miscigenado e híbrido, na medida em que os imigrantes costumam erguer barracas para vender tanto comidas caboverdianas como brasileiras. É assim que os imigrantes recriam a memória e identidade neste novo espaço, e a transmitem a descendência que tende a assimilar alguns hábitos culturais e a relegar outros para o segundo plano, assim como os próprios caboverdianos.

Neste contexto, se entendemos a recriação como um processo através do qual se dá a transformação e a reelaboração da memória em produto novo, percebemos que a recriação pressupõe uma desestabilização das referências antigas e a construção de novas. Sendo assim, a recriação se materializa num determinado espaço, concebido como um lugar de cruzamentos, enfrentamentos e criações de novas identidades, resultantes de uma elaboração individual ou coletiva. Neste processo, as festas caboverdianas, a culinária, as danças, a música, e a própria Associação Caboverdiana do Rio de Janeiro ocupam um lugar privilegiado de recriação da memória e identidade. Cremos que é possível pensar estas manifestações culturais como lugares de memória, de acordo com *Pierre Nora*⁸⁴. Este autor ressalta que a memória, que tradicionalmente conferia às sociedades suas identidades sociais, teria sido seqüestrada pela história, pois o historiador tenderia ao universal, enquanto que a memória resulta de um entrelaçamento das experiências

⁸⁴ NORA, P. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. In: *projeto história*, n. 10. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História e o Departamento de História. São Paulo, 1993.

cotidianas. A partir disso, tornou-se necessário criar lugares de memória para que ela existisse em algum lugar. Esses lugares nos remetem a museus, arquivos, cemitérios, coleções, associações, festas, aniversários, cuja função seria a de imbricar a memória de um indivíduo com aquela do seu grupo social. A partir de Pierre Nora, os lugares de memória são pensados em termos materiais, simbólicos e funcionais, onde se entrecruzam diversas expressões culturais. Porém, essa noção nos sugere a existência de um sentimento compartilhado que tem como objetivo entrelaçar, amarrar a memória individual à comunidade local.

Nessa direção, entendemos que as manifestações culturais dos imigrantes cabo-verdianos são lugares de recriação e construção de novas identidades hibridizadas. Entretanto, ao nosso ver, a recriação é um processo de reelaboração cultural produzido à luz de reformulações e intercâmbios culturais que nos remetem a um espaço híbrido e mestiço, onde os cruzamentos acontecem de forma diversificada. Assim, se quisermos analisar de que forma a recriação se processa na comunidade do Rio de Janeiro, temos que entender que o novo espaço construído pelos imigrantes é gerador de novas práticas culturais.

Vale lembrar que a memória e a identidade são recriadas subjetivamente, mas se apóiam em lugares emblemáticos, símbolos, festas, associações, costumes e hábitos. Essa identificação do indivíduo com os lugares passa pelo processo de construção desta identidade em permanente metamorfose. No entanto, o indivíduo precisa criar e recriar vínculos com este espaço e desenvolver uma relação amistosa com este lugar, tornando este espaço um lugar da efetivação de suas possibilidades.

No caso dos imigrantes cabo-verdianos, observamos que a recriação da memória os vincula ao Rio de Janeiro. Há uma identificação local com a cidade, como sendo um lugar de cruzamentos interculturais e transculturais, segundo os critérios de aceitabilidade e negociação de crenças, de valores e hábitos que lhes permitem recriar a memória. A partir daí, o imigrante passa a estabelecer relações de intercâmbio como forma de se apropriar dos sistemas simbólicos diversos, dessa realidade multirracial e multicultural no campo brasileiro. Em virtude disso, o Rio de Janeiro é apropriado e vivido como lugar antropológico, uma vez que o indivíduo cria um vínculo afetivo com esse lugar, no sentido dado por Augé⁸⁵. Para ele, o lugar está a princípio, desprovido de um caráter social, mas o

⁸⁵ AUGÉ, M. *Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Rio de Janeiro: Papyrus, 2001, p. 43-105.

homem desenvolve uma relação afetiva com esse lugar e o torna espaço social, deixando a marca do grupo, seus sentimentos e afetos. Este espaço se transforma em lugar de memória, espaço vivido, local de crenças. Sendo, portanto, um lugar de recriação da memória e da identidade, decorrente da troca de experiências vividas e compartilhadas. Nesse novo espaço, a comunidade local deixa sua marca, seus sentimentos, suas emoções, seus costumes e hábitos culturais. Podemos enfatizar que os imigrantes desenvolvem uma relação afetiva com este espaço, investe-o de afetos, transformando-o em lugar de permanente recriação da memória.

Desta maneira, a memória e a identidade se constroem nos lugares dotados de sentido, a partir do qual se produzem regras de comportamentos. Entretanto, quando se trata de uma memória híbrida e mestiça dentro de um contexto também híbrido e mestiço como é a sociedade do Rio de Janeiro, observamos que a recriação é marcada pela idéia de diferença. O fato de não ser brasileiro, segundo os imigrantes caboverdianos, fornece a um indivíduo visibilidade não só no território do Rio de Janeiro, mas também entre os próprios imigrantes, especialmente nas conversas corriqueiras, na rua, no bairro, nos lugares de lazeres, nas festas etc. Porém, essa visibilidade não caminha para uma identidade-raiz, discriminação, atitudes preconceituosas e nem guetização, uma vez que a recriação é atravessada pela interpenetração cultural e pelo jogo de ressignificações que o transforma num outro caboverdiano, ou melhor dizendo, num caboverdiano “outro”, mais próximo do brasileiro.

Vale lembrar que a recriação é também criação de sentidos e experiências vivenciadas e compartilhadas no Rio de Janeiro, onde é possível achar uma diversidade de raças, povos originários de cruzamentos diversos que se mesclam continuamente. Sendo assim, este novo espaço torna-se um lugar de criação de novas formas de reconhecer-se. Assim, entendemos que os imigrantes caboverdianos, ao recriar a sua cultura, constroem um outro espaço híbrido e mestiço, perpassado por outras construções simbólicas.

Um outro aspecto para pensarmos a recriação é o da evolução das danças caboverdianas que se revelam no âmbito familiar e social. Sobre este ponto, *André e Andréia*⁸⁶, descendentes de caboverdianos, contam que às vezes freqüentam as festas caboverdianas, mas acham “estranho” como os estudantes dançam a morna, a coladeira e o funaná, embora os próprios imigrantes também achem “estranho” o modo como os

⁸⁶ André S. E., 12 anos, e, sua irmã, Andréia, 18 anos, residentes em Nova Iguaçu, bairro Grajaú

estudantes dançam as músicas caboverdianas. Segundo André e Andréia, os imigrantes não dançam tão “coladinho”, como fazem os estudantes.

A este propósito, Andréia afirma: “talvez os estudantes estão trazendo a cultura em seu estado original, pois os imigrantes não dançam tão coladinhos; talvez a música evoluiu em Cabo Verde e os imigrantes ficaram para traz”. Esta imagem a respeito do modo de dançar pode ser observada na foto 08.

Um outro depoimento é a de Rosângela⁸⁷, brasileira que narra:

Os imigrantes por estar aqui há muito tempo, eles pegaram a cultura daqui. Eles dançam agarrados, mas um pouco diferente, tiveram que moldar a dança à cultura local, talvez quando chegaram perceberam que aqui era diferente. Devem ter encontrado alguma resistência da população local, porque quem vem de fora, percebe um ato sensual, isso causa um certo desconforto. Eu percebo uma coisa dança sexual, não sei porque já que convivo com os caboverdianos bastante tempo, mas não penso nada de mal.



Foto 08

⁸⁷ Rosângela, brasileira, casada com um moçambicano. É secretária do Programa de Pós-Graduação do curso de Mestrado em Psicologia Social na Universidade Gama Filho/UGF, bairro Piedade, cidade do Rio de Janeiro. Entrevista realizada em 5 de setembro de 2004.

Há, portanto, um relativo estranhamento, de parte a parte, entre a comunidade e os estudantes, no que se refere à relação com o corpo que se expressa nas danças. Alguns descendentes chegam a questionar uma possível estagnação cultural por parte dos imigrantes devido à perda de contato, ou da possível evolução da música caboverdiana. Neste ponto, estes imigrantes diferenciam-se dos caboverdianos de seu país, embora ainda mantenham o sentido comum, “agarradinho”.

Neste sentido, não podemos ignorar que, o que é normal e compartilhado, numa cultura, pode ser proibido, em outra. Assim, os indivíduos nascidos em sociedades diversas, vivenciam experiências singulares e, interagem com o corpo de forma distinta. Assim, cada sociedade lida com seus rituais de maneira diversificada, interditando-os ou não. Posto assim, a dança é uma forma de comunicação e expressão desenvolvida no contexto sociocultural, tendo sido codificada, diferentemente, em diversas regiões. Entretanto, por se tratar de uma prática social, ela sofre transformações em sua estrutura, de acordo com a evolução sociohistórica. Porém, numa memória híbrida, elimina-se valores que não são importantes para uma boa integração social, e recria-se os rituais.

Julgamos que esses imigrantes recriaram as danças de acordo com as manifestações culturais do novo espaço, para que a cultura de origem fosse bem recebida tanto pela descendência como pela sociedade de acolhimento, e para que seu modo de dançar, no qual o erotismo se explicita ainda mais do que entre os cariocas, não fosse percebido como “desvio de conduta”, como afirma os imigrantes. Entendemos que, dessa forma, eles construíram um novo modo de se reconhecer como caboverdianos. Nessa perspectiva, é válido lembrar as características próprias dos caboverdianos no Rio de Janeiro, e as transformações produzidas em sua comunidade. Nesta, temos acesso ao sentido da recriação das práticas corporais do grupo, mostrando a plasticidade da memória híbrida e a abertura cada vez maior a sociedade do Rio de Janeiro. Nesta direção, enfatizamos que a memória híbrida relativiza fronteiras, e cria um novo cenário simbólico, através dos quais os indivíduos representam a visão de mundo, permeada pela miscigenação sociocultural.

3.3. A DIFERENÇA COMO DESAFIO NA RECRIAÇÃO DA IDENTIDADE

No que diz respeito ao trabalho de observação sobre seus costumes, os imigrantes aprenderam a fazer bolo de aipim, a cozer o feijão preto à moda brasileira, mas também fazem a cachupa, comida tradicional caboverdiana à base de milho, feijão, verduras, couve, repolho, carne ou peixe, quando recebem visitas de outros caboverdianos vindos do exterior. Entretanto, na época que chegaram no Rio, a cachupa era uma refeição diária, preparada para o jantar e guisada para o café da manhã, assim como em Cabo Verde. Além da cachupa, o caldo de peixe feito à base de peixe, água e sal, azeite, tempero verde, legumes e muita pimenta faz parte da memória desta comunidade.

Estas práticas sociais permitem-nos refletir sobre o pensar-se como imigrante caboverdiano, que só é possível na constituição de uma diferença: não ser brasileiro. Pois esta comunidade local só se define a si própria por meio de um processo de produção de diferença. Assim, as identidades dos imigrantes são constituídas a partir de práticas de sentidos no interior da comunidade, em que as manifestações culturais caboverdianas readquirem um novo sistema de representações. Em contrapartida, entendemos que tanto a cachupa quanto o caldo de peixe, ainda que não percebido por eles, trabalham no imaginário para construir a memória da imigração, na medida em que estas práticas culturais constituem representações comuns que os convidam a pensar sobre si próprios de um outro modo.

Portanto, não estamos falando de um processo linear, e sim da construção de identidades híbridas que são marcadas pela diferença. Se prestarmos atenção, percebemos que tanto a cachupa quanto o caldo de peixe são pratos híbridos e mestiços que, além de incorporar vários ingredientes numa mesma panela, não seguem uma receita fixa, pois cada um adiciona algo de modo a torná-lo diferente. Neste sentido, a memória e a identidade não são forjadas a partir de uma repetição do mesmo, mas sim de uma repetição que está sempre se diferenciando. É a interpenetração cultural que se produz o novo caboverdiano, num processo que simultaneamente o aproxima e o distancia dos iniciais deste grupo.

Entendemos que a recriação da memória produz novas identidades híbridas, mas também produz diferenças, na medida em que o brasileiro é o outro; a descendência é o outro. Porém, o próprio imigrante é o outro com relação aos caboverdianos residentes no país de origem. Entretanto, essas diferenças são necessárias na construção de uma nova articulação entre a memória local e nacional. Esse outro, por um lado, participa do

universo dos imigrantes como alguém estranho ou hostil. Sendo assim, eles podem criticá-lo dizendo, por exemplo, “carioca é safado”, “carioca gosta de levar vantagem”; “brasileiro é preguiçoso”; “filhos de caboverdianos não querem nada”; “filhos de caboverdianos não se interessam pela cultura do país de origem”; “alguns imigrantes estão afastados da Associação”, segundo alguns depoimentos orais. Entretanto, a assimilação e a hibridez se expressam nas seguintes representações: “a gente vive que nem brasileiro”; “eu sou carioca”; “a gente leva tudo na brincadeira que nem carioca”; “a gente adora o churrasco, pois todo o mundo come à vontade”; “sou caboverdiano e brasileiro”; “Cabo Verde morreu, mas não esqueço a nossa comida”; “faço comida daqui e comida da nossa terra”.

Notamos que essas representações sustentam a diferença necessária na reelaboração e apropriação de uma identidade, mas esse produto novo distancia a comunidade local das características nativas. No entanto, constatamos que a recriação transporta elementos da memória que se atualizam em afetos e sentimentos de solidariedade em momentos de doença ou morte de um parente ou amigo, assim como se expressava no país de origem. Porém, muitas práticas culturais se apresentam bem alteradas e mescladas com a cultura brasileira.

Para Moscovici, as representações sociais “são um conjunto de conceitos, frases e explicações originárias na vida diária durante o curso das interações interpessoais”⁸⁸, ou seja, são conhecimentos socialmente elaborados e compartilhados por um determinado grupo. Entretanto, as representações estão sempre por se fazer, devido ao movimento dinâmico da comunicação, cujo veículo é a linguagem. Para ele representar algo não “consiste simplesmente em desdobrá-lo, repeti-lo ou reproduzi-lo; é reconstituí-lo, retocá-lo, modificar-lhe o texto”⁸⁹.

Estudando as representações sociais, Gomes diz que:

“as representações sociais se mostram como modelos produtivos de conhecimento tanto do ponto de vista ideal como do ponto de vista prático no mundo da vida cotidiano. Sendo assim, podemos afirmar que as representações sociais são uma forma de construção da realidade, pois constituem modelos de explicação teórico e prático, realizados pelos sujeitos no processo sócio-interativo das relações sociais”⁹⁰.

⁸⁸ MOSCOVICI, S. *Representação social da psicanálise*. 1979, p. 181.

⁸⁹ *Ibid.*, p. 111.

⁹⁰ GOMES, M. A. *O papel da mídia na difusão das representações sociais*. Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação de Psicologia da Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 2000 p. 20

Para Moscovici, as relações entre o indivíduo e o grupo social são de transformação, porém esta transformação tem como ponto de apoio o conhecimento que está estabelecido. O autor distingue a representação social de imagens, opinião e atitude, visto que estas são formas mais simples de expressão, sendo que uma pessoa pode emitir uma opinião pela imposição social, o que não significa que incorpore o discurso à prática. Representar “não consiste somente em selecionar, completar um ser objetivamente determinado com um suplemento de alma subjetiva. É de fato, ir mais além, edificar uma doutrina que faculte a tarefa de decifrar, predizer ou antecipar os seus atos”⁹¹.

Recorrendo à questão da diferença, podemos identificar algumas representações que os imigrantes fazem de si próprios, como por exemplo: “caboverdiano é amigo um do outro”; “a gente não pensa nada errado”; “se eu tenho uma coisa reparto com aquele que não tem”; “caboverdiano é trabalhador”. Porém, se essas representações marcam a sua diferença neste novo espaço, não os distanciam da cultura brasileira, pois esta se encontra bem assimilada e mesclada em sua identidade, como vimos alguns parágrafos acima. Neste contexto, Rosângela conta “ eu percebo muito da cultura brasileira junto com a caboverdiana, eu gosto demais das festas, eles são muito acolhedores, muito alegres”

Entretanto, podemos enunciar que a diferença produz identidades hibridizadas, uma vez que o indivíduo se atualiza conforme a demanda do contexto. Abordar a identidade em relação à diferença significa dizer que a identidade sofre influência direta do contexto sociocultural. Neste ponto, Ortiz afirma que “toda a identidade se define em relação a algo que lhe é exterior, ela é uma diferença. Porém a identidade possui uma outra dimensão, que é interna. Dizer que somos diferentes não basta, é necessário mostrar em que nos identificamos”⁹².

Creemos que no caso de uma memória híbrida, estes processos de produção de identidade e diferença significam uma possibilidade de se reinventar a si próprio na medida em que constroem uma identificação flexível e móvel. Nesta direção, Hall utiliza um conceito de identidade que vai ao encontro da memória híbrida. Para ele a identidade é “um ponto de encontro, o ponto de sutura, entre por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos interpelar, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como sujeitos sociais de discursos particulares”⁹³.

⁹¹ MOSCOVICI, *ibid*, p. 27.

⁹² ORTIZ, Renato. *A cultura brasileira e a identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 7.

⁹³ HALL, Stuart. *Quem precisa da identidade*. In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 112.

Uma pesquisa sobre as representações construídas pela Comunidade Caboverdiana do Rio de Janeiro deve estar estreitamente ligada ao contexto sócio-histórico do arquipélago, com a atenção voltada para a memória recriada nesta cidade. A partir daí, constatamos que muitos hábitos e costumes caboverdianos apresentam bem alterados devido à recriação da memória. No entanto, a comunidade não percebe o distanciamento da memória de origem, e nem da criação de um novo modo de convivência social, mais próximo da cultura brasileira. Esta recriação não é um processo voluntário ou consciente. Trata-se de algo que se encontra inscrito no próprio funcionamento subjetivo desse grupo, sem que os indivíduos se dêem conta disso.

Nessa direção, Bhaba diz-nos que a hibridização é um processo cultural que gera “algo diferente, algo novo e irreconhecível, uma nova área de negociação de sentido e representação”, denominada de “terceiro espaço” ou “entre lugares”⁹⁴. Para Bernardes e Guaresch, este novo não é uma simples união das identidades originais mesmo guardando “traços delas, é um terceiro, um entre lugares, um outro modo, uma outra forma”⁹⁵. Sendo assim, esse terceiro desestabiliza qualquer tentativa de identidade-raiz, pois a memória híbrida engendra diferentes modos de ser, de pensar, de viver e de reconhecer. É assim que a diferença constrói o “terceiro lugar” ou “entre lugares”, no qual as memórias compartilhadas são recriadas. Sendo assim, o “ processo de produção da identidade oscila entre dois movimentos: de um lado, estão aqueles que tendem a fixar e a estabelecer a identidade; de outro, os processos que tendem a subvertê-la e a desestabilizá-la”⁹⁶.

Deste modo, entendermos que a recriação se constitui no presente com vestígios culturais, porém essas práticas culturais misturam-se com a nova cultura, produzindo uma nova memória e uma nova identidade atravessada por diferentes elementos, caracterizados pela pluralidade e flexibilidade culturais. Porém, o que nos interessa pesquisar é o significado dos processos de recriação e, dos processos de transformação que ocorrem nesta comunidade. Esses processos podem estar associados ao modo de se reconhecer como caboverdiano que acabam interferindo nas representações sociais, e conseqüentemente com a possibilidade de esquecimento da cultura de origem e a

⁹⁴ BHABA, Homi. *O terceiro espaço*. Revista do patrimônio histórico e artístico nacional. n.º.24, 1996, p. 30.

⁹⁵ BERNARDES, Anita Guazzelli & GUARESCH, Maria de Fátima. *Identidades e diferenças: constituição de trabalhadores de saúde mental*. Este é um artigo recorte preliminar da dissertação de Mestrado intitulado: *Subjetividade de trabalhadores da saúde mental: a humanização dos pacientes será a nossa humanização*. PUCRS, Athenea digital, num. 2 outono, 2002, p. 5

⁹⁶ SILVA, T. A . *Produção social da diferença*. In: Silva (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 80.

integração total à sociedade do Rio de Janeiro. Neste ponto, alguns imigrantes afirmam que: “Cabo Verde morreu”; “Cabo Verde fica na memória”; “Nossos filhos são brasileiros”. Neste contexto, Dona Francisca⁹⁷ (foto 09), conta:

“Esqueci Cabo Verde, esqueci o crioulo, nunca voltei lá, o que vou fazer lá, meus pais morreram; toda a minha família morreu, bem tenho uma irmã ainda, mas minha família acabou; como é que eu ia pá Cabo Verde, muitos acham que estrangeiro é um mar de rosas; foi muito sacrifício, pra ter a vida que a gente leva hoje; eu trabalhando em casa, enquanto meu marido trabalhava na loja, eu cuidando das crianças. Eu levava as crianças para escola e ia pegar de novo, como é que eu ia para Cabo Verde! Mas, não esqueci as comidas, ao mesmo tempo em que fazia comida de lá, aprendia a fazer comida brasileira, fazia comida daqui e comida de lá; ensinei minhas filhas a fazer de tudo”.

Neste caso, estamos nos referindo a pontos de referência individuais que tendem a ser tornar representações coletivas, possibilitando novas práticas sociais possíveis na memória híbrida.



Foto 09

⁹⁷ Francisca M. S., natural da ilha de Santo Antão, nasceu em 28 de fevereiro de 1940, 64 anos; chegou no Rio de Janeiro em 27 de janeiro de 1967 com 27 anos, casou por procuração com um imigrante caboverdiano. Moradora em Nova Iguaçu, bairro Grajaú. Nunca regressou a Cabo Verde.

4. A MEMÓRIA HÍBRIDA: uma memória em devir

A memória caboverdiana, mesmo para aqueles que nunca saíram de Cabo Verde é mestiça e híbrida, apresentando vários traços culturais de outros povos. Vimos que é possível encontrar uma diversidade de expressões culturais presentes nas danças, na culinária, no folclore, nas músicas etc. Entretanto, ao assistir as festas de romaria, ao observar o artesanato, a língua oral, a memória híbrida mostra sua força e harmonia. Entendemos que os imigrantes caboverdianos, ao se territorializarem no Rio de Janeiro, cidade que possui uma parcela significativa de imigrantes provenientes de outras cidades e de outros países, e que oferece uma diversidade de manifestações etno-culturais, encontram também uma cultura híbrida, no encontro com a qual a própria hibridez de sua memória se expande. Em virtude dessa hibridez cultural, os imigrantes mesclam seu sistema de representações com a cultura da sociedade do Rio de Janeiro. A partir daí, os imigrantes recriam alguns valores e hábitos culturais, mas distanciam-se de seu país de origem. Por outro lado, o espaço construído por esta comunidade local representa uma radicalização da memória híbrida que caracteriza Cabo Verde, capaz de acolher múltiplas formas de expressão cultural.

Verifica-se, então, no Rio de Janeiro, o quanto esta memória híbrida parte da diversidade, da pluralidade, de uma mistura de elementos indistinguíveis, e o quanto é capaz de receber outros elementos, já que se trata de uma memória aberta ao outro, a diversidade sociocultural. Podemos pensar que entre a memória concebida como herança acabada e a memória híbrida existe a mesma diferença que se observa entre as culturas atávicas - que seriam as culturas das tribos africanas, ou mesmo a cultura portuguesa - e as culturas híbridas, como é o caso de Cabo Verde, do Brasil, da Martinica etc. Como já observamos no primeiro capítulo, as culturas híbridas, como o próprio nome indica, já surgem misturadas. Rigorosamente, podemos dizer que qualquer cultura é híbrida e produto de misturas. Mas com o tempo, algumas culturas, ainda que tenham sido produzidas por uma hibridização, se desenvolveram no sentido de formar traços identitários, o que implica um fechamento de comportas, da rigidez de contornos, como os povos de “mármore”⁹⁸. Essas são as culturas atávicas. Outras culturas, porém, não criaram

⁹⁸ Padre António Vieira. *O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem*. In: CASTRO, E. V. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios sobre a antropologia*. São Paulo: Cosac, 2002, p. 183-219.

esses contornos, permanecendo abertas ao outro, à diferença, como os povos de “murta”. Essas são as culturas híbridas ou mestiças.

Lembramos, entretanto, que a memória híbrida, exatamente por sua abertura ao outro, por falta de um contorno rígido, ela tende a assimilar muito facilmente tendências de outras culturas, fragmentando algumas características iniciais, como é o caso da desestabilização e do desaparecimento de algumas referências nativas. Pois, além dessa abertura propiciar a troca de experiências e o entrecruzamento das diversas formas de representação social e cultural, gera uma memória em devir. Esta, porém, estende suas raízes a diversidade sociocultural, gerando uma visão planetária da cultura e um maior entendimento entre os povos distintos. Sendo assim, a memória híbrida produz transformação social e cultural, mas a nível global, e não apenas a aspectos locais, na medida em que ela capta o indivíduo globalmente. Dessa forma, cremos que todos os indivíduos são representantes dessa aldeia global, na qual se pode integrar as múltiplas possibilidades. Ora, o Rio de Janeiro é uma metrópole no seio de uma cultura híbrida com manifestações culturais diversificadas que se mesclam e interatuam, ao invés de favorecer ao processo de segregação e a criação de guetos.

Observamos em nossa pesquisa que muitos aspectos culturais caboverdianos não sobreviveram no Rio, correndo o risco de desaparecer não só neste espaço urbano como também em Cabo Verde, devido ao enfraquecimento progressivo da memória oral. A título elucidativo, observamos que o crioulo, língua oral, não faz parte do horizonte identitário dos imigrantes, embora em Cabo Verde as referências iniciais do crioulo correm o risco de desaparecimento devido à mesclagem de palavras estrangeiras na linguagem oral. Além disso, deparamos com a dificuldade em criar um dicionário nacional que abarque a diversidade lingüística existente nas ilhas, uma vez que cada ilha se afirma em suas diferenças culturais e em seu modo de se expressar em crioulo, o que descarta a criação de um dicionário que registre uma forma hegemônica de linguagem. Por outro lado, o crioulo é produzido por processos híbridos, dinâmicos e ativos que vão tomando forma a partir do entrecruzamento dos caboverdianos das diversas ilhas, configurando e reelaborando suas experiências no espaço insular caboverdiano através do rompimento das barreiras socioraciais inter-ilhas que os mantiveram distanciados.

Não obstante, todos os aspectos culturais apontados fazem parte das manifestações culturais que correm o risco de desaparecer devido à hibridez cultural. Como já mencionamos, diferentemente das culturas denominadas “atávicas”, nas culturas híbridas a

identidade acolhe e se conjuga com a diferença. Nas entrevistas com os descendentes de imigrantes vimos que eles percebem os caboverdianos como um grupo singular e portador de algumas características comuns, tais como: a solidariedade, a culinária “cachupa”, a morna, a coladeira e o funana. Esta solidariedade se manifesta em diversos momentos da vida dos caboverdianos e desperta uma certa reação de admiração na própria sociedade brasileira que convive com os imigrantes. Há, porém o esquecimento da cultura oral, talvez porque a língua nacional tenha deixado de ser praticada por esta comunidade. Além disso, existe no seio da comunidade um sentimento de que ela corre o risco de desaparecer devido “à morte das lideranças e ao envelhecimento dos caboverdianos”, bem como à intensa miscigenação e hibridez cultural constatada na descendência de imigrantes. De fato, os hábitos e costumes se apresentam bem misturados com os brasileiros, de modo mais forte entre os descendentes, mas também entre os próprios imigrantes.

A título elucidativo, *Antónia*⁹⁹ conta que “hoje em dia, fazemos churrasco que todo o mundo come à vontade. Já fizemos muita comida da nossa terra, mas hoje em dia é pouco; agora é comida brasileira mesma”. Um outro exemplo é do Sr. José, imigrante caboverdiano, que nos diz:

“gosto da comida brasileira e da minha terra; a gente não pode negar nenhuma delas, a gente vive aqui, nossos filhos são brasileiros, então, não tem que querer um mais que o outro. Eu sou brasileiro e caboverdiano; Cabo Verde é nossa terra, mas a gente vive aqui, então aqui é nossa terra”¹⁰⁰.

Neste contexto, *Armanda*, imigrante caboverdiana, realça que “sou caboverdiana, mas a gente esquece muita coisa, por exemplo, aqui a gente não fala o crioulo, então eu acho que perdi um pouco de Cabo Verde; nossa terra fica na memória”¹⁰¹.

Esses depoimentos ajudam-nos a perceber as transformações da memória e identidade, enquanto processos construídos no arquipélago, visto que a memória híbrida rompe com a idéia estática de cultura à luz de uma prática cultural flexível. Talvez se possa interpretar essas mudanças como perda da memória e, de fato, há o risco de desaparecimento dos contornos da memória caboverdiana devido à tendência à mesclar-se.

⁹⁹ Antónia J. R. Entrevista citada, p. 45

¹⁰⁰ José A. Entrevista citada, p. 55.

¹⁰¹ Armanda M. N., natural da ilha de São Nicolau, nasceu em 11/10/1939; chegou no Rio de Janeiro em 25/01/1960, com 21 anos; casou com um caboverdiano no Rio; regressou a Cabo Verde em 1995 após completar 35 anos nesta cidade.

Nessa dissertação, contudo, preferimos apostar na valorização da hibridez como uma característica desta cultura, positivando as transformações que a partir dela ocorrem.

Nessa ótica, entendemos que a mesclagem e abertura à diversidade cultural nos sugere um resultado imprevisível que inviabiliza “homogeneizar” a cultura caboverdiana. O termo homogeneizar vem entre aspas porque, no contexto híbrido, torna-se difícil pensar em igualdades, visto que a cultura está sempre disposta a incorporar e a reelaborar outros sistemas simbólicos. Outro aspecto que se soma à memória híbrida é que, não havendo contornos fixos, não há uma luta por imposição de sentidos e nem um parâmetro para fixar uma identidade. No Rio de Janeiro percebemos uma preocupação dos imigrantes em parecer brasileiros, atribuindo a estas características positivas. Por outro lado, eles pensam como um outro, recriando alguns hábitos e costumes da antiga terra, inviabilizando qualquer tentativa de imposição de uma identidade hegemônica brasileira, sem a qual a memória híbrida não poderia existir.

Na avaliação da trajetória dos imigrantes caboverdianos é necessário considerar que a memória híbrida passa por enfrentamentos devidos à mesclagem cultural. Sendo assim, notamos que os sistemas culturais se inter cruzam, construindo novas identidades hibridizadas. Esta interpenetração cultural produz um tipo peculiar de identidade, que se distancia tanto da cultura brasileira quanto da cultura caboverdiana. Esse produto novo poderá nos explicar o distanciamento da comunidade local em relação ao país de origem e o enfraquecimento dos convívios e festas caboverdianas com um cunho tradicional quando promovidos pela Associação.

Retomando o espaço do Rio de Janeiro como sendo um ponto de encontro e de cruzamento de imigrantes oriundos de outras cidades e de outros países, podemos compreender como a abertura e a mestiçagem cultural se processa aqui. Assim, o novo espaço é concebido como um campo de forças, onde os hábitos caboverdianos se reformulam, se metamorfoseiam juntamente com a cultura brasileira, produzindo um outro caboverdiano. O grande desafio é buscar, nesse jogo de forças e enfrentamentos culturais, condições para que não haja o desaparecimento da memória caboverdiana, não só no Rio de Janeiro, mas também em Cabo Verde.

Aqui, entendemos que os cruzamentos culturais neste novo espaço tornam-se fundamentais para analisar os riscos que a memória híbrida e mestiça enfrenta, através de uma análise comparativa das complexas transformações culturais e sociais pelas quais a sociedade caboverdiana vem passando. Pois, se a mestiçagem e a hibridez cultural como

características identitárias dessa memória enfraquecem a memória oral, bastante cultuada outrora, permitem, ao mesmo tempo, que ela se aproprie de outros sistemas simbólicos. Essas transformações socioculturais têm repercussões do ponto de vista simbólico, pois geram uma profunda instabilidade nos sistemas de representações, favorecendo o abandono dos costumes, uma vez que a mestiçagem fabrica outras expressões materiais e simbólicas. Entretanto, se o passado deixa de ser um ponto de referência sólida para a memória, o futuro caminha para a construção de uma comunidade transcultural, pautada em vestígios, que se estende a todos os países onde a imigração se deu. Assim, a memória híbrida deve ser pensada a partir de seu entorno social, histórico, cultural, religioso, político e geográfico, conectando-se todos esses fatores na construção e recriação da memória caboverdiana.

Por outro lado, podemos visualizar os riscos que esta memória poderá acarretar no contexto atual, que é a da pós-modernidade, denominado, aqui, de globalização. Nesta direção, Hall pensa a globalização “ como aqueles processos atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo em realidade e em experiência, mais interconectado”¹⁰².

Segundo o autor, o sujeito da globalização se encontra inserido num contexto de intensa transformação que faz fragmentar as identidades previsíveis e estáveis, pois este novo modelo, a priori, econômico, expõe o indivíduo à fragilidade de uma identidade rígida, sustentado por estruturas sólidas, fixas e acabadas. É neste contexto que surge o chamado da pós-modernidade, um sujeito concebido como não possuindo uma identidade fixa, única, essencial ou permanente. Sendo assim, “o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se provisório, variável e problemático”¹⁰³.

Trata-se de um sujeito cuja identidade depende das necessidades do contexto, ou seja “possui uma identidade móvel, em constante processo de transformação ou renegociação que envolve tanto o sujeito quanto o social e o cultural”¹⁰⁴.

Cabe, contudo, a ressalva de que a flexibilidade valorizada a partir do processo de globalização não precisam ser a mesma que aquela que é requerida pela implantação de um

¹⁰² HALL, S.. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999, p. 67.

¹⁰³ *ibid.*, p.14.

¹⁰⁴ PEREIRA, R. J. *A fronteira digital: a era da identidade múltipla e dos amores virtuais*. Dissertação apresentado ao curso de Mestrado de Psicologia da Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 1999, p. 29.

mercado mundial. Não cremos que globalização e mercado global sejam sinônimos, ainda que hoje estejamos diante de um atrelamento de ambos devido à captura do processo de globalização pelos interesses do mercado.

Hoje conhecemos a face néo-liberal deste processo, mas pensamos ser possível lutar por uma globalização na qual a multiplicidade de forças, subjetividades, culturas, memória e modos de vida possam se exercer para além dos interesses que as valorizam simplesmente como “exóticas”, transformando-as em objeto de consumo. Neste último, a hibridez oferece perigos, já que, devido à sua ausência de contornos firmes, ela pode ser mais facilmente capturada. Contudo, se apostamos na possibilidade de uma globalização desvinculada de um mercado mundial, na qual convivem diferentes modos de vida, as culturas e as subjetividades híbridas teriam, talvez, muito a ensinar a todos nós, já que assumem uma dimensão plural e flexível em sua própria constituição. Entendemos, porém, que na conjuntura atual do fenômeno de globalização seus efeitos podem ser imprevisíveis, a ponto de provocar o desaparecimento de uma memória híbrida, como é a caboverdiana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos num momento social em que, de um lado, foram desenvolvidas inúmeras reflexões que serviram de base para a teoria clássica sobre a memória coletiva e, de outro, ganham visibilidade comunidades que possuem características abertas que nos apontam para uma memória híbrida, geradora de identidades hibridizatórias. Cremos que é neste impasse que as pesquisas sobre as memórias híbridas, como é a caboverdiana em seu país de origem e na comunidade do Rio de Janeiro, tornam-se importantes.

Vimos que, no âmbito da miscigenação e hibridez cultural, a Comunidade Caboverdiana no Rio de Janeiro tem sofrido grandes transformações devido à abertura a novas expressões culturais. Entretanto, o imigrante recria alguns hábitos da antiga terra, e procura estreitar os laços afetivos com Cabo Verde. Essas mudanças culturais decorrem devido ao processo de assimilação e cruzamento como forma de miscigenar da cultura caboverdiana. Assim, os imigrantes assimilam hábitos e costumes do novo espaço, embora mesclando-os a sua memória. Este processo nos remete à hibridização sociocultural que faz de Cabo Verde um exemplo de memória híbrida, que acolhe outros sistemas de representações. Como já dissemos, esta memória se vincula a uma identidade que não se fecha em si, mas que se abre para modos de vida diversificados e se modifica constantemente.

No que se refere à Comunidade Caboverdiana do Rio de Janeiro, a pesquisa evidencia que a fácil assimilação do modo de vida brasileiro pelos imigrantes e seus descendentes deve-se ao fato desta comunidade aqui encontrar também uma cultura híbrida, o que representa uma expansão das características da sua própria cultura.

A partir dos depoimentos orais durante as entrevistas, verificamos como a memória híbrida propicia a construção de algo completamente novo, e como se pauta na construção da diferença, estando sempre por se fazer, na medida em que sofre atravessamento cultural e social de diversos sistemas de representações. Sendo assim, é nosso dever chamar a atenção para a compreensão do novo sem atribuir-lhe um significado pejorativo, valorizando-o como expansão das características da própria hibridez cultural.

Por estes motivos, cremos na necessidade de uma política que se apoie sobre o respeito à diferença em um contínuo reconstruir de nossas memórias. A partir daí, o nosso trabalho pretende contribuir para que as ciências sociais e humanas possam teorizar sobre a memória híbrida, noção que propusemos a partir do conceito de cultura híbrida de Glissant.

Pensamos que a nossa pesquisa pode contribuir para estes estudos ao focalizar a memória híbrida num pequeno universo, mas pensamos também que ainda resta muito a ser explorado acerca dos modos como essa hibridez se realiza, sobre suas potencialidades e seus riscos. Em nossa pesquisa procuramos destacar o modo como essa memória se abre para a diferença, produzida nos lugares de convivência e de trocas de experiências sociais, nas quais as identidades sofrem um atravessamento multicultural e multiracial, como é o caso da sociedade do Rio de Janeiro, onde é possível achar uma diversidade de grupos sociais e étnicos que se mesclam, e, conseqüentemente, enfraquecem os laços de comunicação com o país de origem.

Cabe aos caboverdianos refletir sobre os riscos de uma memória híbrida, num momento em que as questões culturais assumem uma importância global, amparados por uma visão plural. Para tal, precisamos, caboverdianos ou não, refletir sobre nossos paradigmas acerca da memória coletiva de modo a enfrentarmos os riscos da perda dos laços nas gerações de descendentes de imigrantes caboverdianos no Brasil.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Elisa Silva. (1996). *As ilhas de Cabo Verde. Da descoberta à independência nacional (1460-1975)*. França: L'Harmattan. Tradução do francês por Amélia Sanchez Araújo.
- ANDRADE, José. *Migrações cabo-verdianas*. (1998). In: AHN. *Descoberta das ilhas de Cabo Verde*. Praia: Sépia Paris, pp. 69 a 105.
- AUGÉ, Marc.(2001). *Não Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Papyrus, pp. 43-105.
- BERGER, Peter I. (1978). *A construção social da realidade*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes
- BERNARDES, Anita Guazzeli; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. *Subjetividade de trabalhadores da saúde mental: a humanização dos pacientes será a nossa humanização*. Athenea Digital, n° 2, outubro, 2002.
- BERTAUX, Daniel. *Les récit de vie*. Cap. 2. *Du récit de vie* e Cap. 4. *Le recueil de récit de vie*. Paris: NATHN/VUEF, 2001, pp.31-45 e pp.51-64.
- BHABA, Hommi. *O terceiro espaço*. In: *Revista do patrimônio histórico e artístico*. n° 24, 1996, p. 30
- BOSI, Eclea. *Memória e sociedade*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre o poder simbólico*. Rio de Janeiro: Russel, 1998.
- CAMARGO, A. *Os usos da historia oral e da historia de vida*. Rio do Janeiro: Campos, 1984.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas poderes oblíquos*. In: *Culturas híbridas-estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloisa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 1997, p. 283-350.
- _____. *Consumidores e cidadãos – conflitos multiculturais da globalização*. Cap. *México: a globalização cultural em uma cidade que se desintegra*. Rio de Janeiro: ed. Da UFRJ, pp. 71-100.
- CARREIRA, António. *Migrações nas ilhas de Cabo Verde*. 2ª ed. Praia: ICL, 1983.
- _____, *Cabo Verde: aspectos sociais, secas e fomes do século XX*. 2ª ed. Lisboa: Ulmeiro, 1984.
- CARVALHO, Inácio. *Introdução a história de Cabo Verde*. In: AHN. *Descoberta das ilhas de Cabo Verde*. Praia: Sépia Paris, 1998, p. 15-26.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1990.

- COPANS, Jean. *L'enquête ethnologique de terrain*. Cap. 3. *L'observation participante e* Cap. 6. *L'observation*. Paris: Nathan Université, 1999, pp.34-46 e pp. 78-90.
- CORREIA, Cláudia. *A sociedade cabo-verdiana: sua formação e evolução*. In: AHN. *Descoberta das ilhas de Cabo Verde*. Praia: Sépia Paris, 1998, p. 55 a 67.
- CRIPPA, Adolpho. *O mito e a cultura*. São Paulo: Convívio, 1975.
- DELEUZE, Giles & GUATARI, Félix. *Mil Plátos: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: 34, 1995.
- DUARTE, JR, J. F. *O que é a realidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- DURKHEIM, Emile. *Representações individuais e representações coletivas*. IN: *Sociologia e filosofia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1970, p. 15 a 49.
- ELIADE, Mircea. *Aspects du mythe*. Paris: Gallimard, 1963.
- FENTRESS, James & WICKHAM, Chris. *Memória social*. Lisboa: Teorema, 1992.
- FERREIRA, de Paula Francisco. *Teoria social da comunidade*. São Paulo: Herder, 1968
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. I. parte – *uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GLISSANT, Édouard. *Poétique de la relation*. Paris: Gallimard, 1990.
- _____. *O mesmo e o diverso*. In: Les discours antillais. Paris: Seuil, 1981.
- Tradução Normélia Parise; Comentário Graciela Ortiz (UFRGS).
<http://www.cdrom.ufrgs.br/glissant/index.html>.
- GONDAR, Jô e COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. *Memória e espaço*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.
- GONÇALVES, Carlos Filipe. *Kap verd band*. In: AHN. *Descoberta das ilhas de Cabo Verde*. Praia: Sépia Paris, 1998, p. 177-207
- GOMES, Marcos Alexandre. *O papel da mídia na difusão das representações sociais*. Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Psicologia da Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 2000.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. São Paulo: Revista dos Tribunais Ltda., 1990.
- _____, Maurice. *Les cadres Sociaux de la mémoire*. Paris: Éditions Albin Michel, 1994.
- HALL, Stuart. *Quem precisa da identidade*. In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*: Vozes, 2000.

- _____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- HOBBSAWN, Eric e RANGER, T. *A invenção das tradições*. São Paulo: ed. Paz e Terra, 1984.
- KAUFFMAN, Jean-Claude. *L`entretien compréhensif*. Cap. 3. *Le statut du materiau*; Cap. 4. *La fabrication de la theorie*. Paris: Nathan Université, pp. 59-73 3 pp. 75-102.
- JUNIOR, Benjamin Abdala. *Fronteiras múltiplas, identidades plurais: um ensaio sobre sobre mestiçagem e hibridismo cultural*. São Paulo: Senac, 2002.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. UNICAMP, 1990.
- LIMA, António Germano. *O canto-landú*. Resumo extraído de “*Boavista, ilha da morna e do landú*”. Cabo Verde, Praia, 2002.
- MATEO, Luz Marina. *Os caçadores de herança: uma aproximação aos descendentes caboverdianos na Argentina*. Este trabalho recebeu o 3º lugar no âmbito do concurso Ôlhares de Descendências, promovido pelo Instituto das Comunidades. Cabo Verde, Praia, 2003.
- MEIHY, Jose Carlos S. B. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 1996.
- MONTEIRO, César Augusto. *Comunidade imigrada: visão sociológica o caso da Itália*. Cabo Verde, Mindelo: Ltda. Gráfica do Mindelo, 1997.
- MOSCOVICI, Serge. *Representação social da psicanálise*. 1979.
- NAMER, Gérard. “*Reediter les cadres sociaux de la mémoire de Maurice Halbwachs*”. In: NORA, Pierre. *Entre a memória e história: a problemática dos lugares*. In: *Projeto história, n. 10. Revista do programa de estudos pós-graduação em história e o departamento de história*. São Paulo: 1993.
- OLIVEN, Ruben Geroge. *A antropologia de grupos urbanos*. Petrópolis, Vozes, 1995.
- ORTIZ, Renato. *A cultura brasileira e a identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985
- PEREIRA, Raimundo. *A fronteira digital: a era da identidade múltipla e dos amores virtuais*. Dissertação apresentado ao curso de Mestrado de Psicologia da Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 1999.
- POLLACK, Michael. *Memória e identidade social*. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro: VS nº 10, 1992, p. 200-212.
- QUEIROZ, M. I. *Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”*. In Olga Von Simson (org.). *Experimentos com historias de vida (Itália e Brasil)*. São Paulo: Vértice, 1988, p.1-42
- RODRIGUES, José Albertino. *Durkheim*. São Paulo: Ática, 1978

- SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo, Edusp, 1998.
- SEMEDO, José Maria. *Um arquipélago do sahel*. In: AHN. *Descobertas das ilhas de Cabo Verde*. Praia: Sépia Paris, 1998, p.27 a 52.
- SEVCENKO, N. *O Prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso*. In: *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. V.3 p.7-48
- SILVA, Manuel do R. Pereira. *La communauté capverdienne en France: ses groupes et ses images*. Tese de Dotorado em Hautes Etudes en Pratique Sociales. Faculte des Ciencias et Pratiques Psychologiques et Sociales. Universite A. Et. L. Lumiere. Lion II, França, 1988.
- SILVA, Tomé Varela da. *Crenças e religiões*. In: AHN. *Descoberta das ilhas de Cabo Verde*. Praia: Sépia Paris, 1998, p. 152 a 175
- SILVA, T. A . *Produção social da diferença*. In: Silva (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 80.
- THOMPSON, Paul. *A entrevista*. Cap. 7 de *A voz do passado*. 2^a Ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra. Pp.255-278.
- VEIGA, Manuel. *O crioulo de Cabo Verde emergência e afirmação*. IN: AHN, *Descoberta das ilhas de Cabo Verde*. Praia: Sépia Paris, 1998, p. 106 a 126.
- VIEIRA, Padre António. *O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem*. In: CASTRO, Eduardo Viveiros *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo, Cosac, 2002, p. 183-219.
- WEHLING, Arno. *Memória social e documento: uma abordagem interdisciplinar*. In *Memória e História: fundamentos, convergências, conflitos*. 1997, p. 11-26.

LISTA DE ANEXOS

01- Transcrição de entrevista feita com Dona Antónia⁽¹⁾, uma imigrante caboverdiana.

Quais os motivos que o levaram a sair de Cabo Verde?

Meu pai tinha vindo para o Brasil, então falava muito de Brasil, então aí, eu escutava ele falar, conversava com a gente, então, eu fiquei com aquilo na cabeça, e veio um pessoal pra cá, de *nhá*⁽²⁾ família; e eu tinha correspondência com eles. Então, eu fiquei com aquilo na memória, que eu queria ir pá Brasil. Depois de algum tempo, papai falou assim: “olha, vou mandar você, mas só que tem uma coisa; dinheiro de Brasil é muito fraco”. Assim mesmo! Dinheiro de Brasil é muito fraco mesmo, e, embora, quer dizer, então eu vou. Já tinha pessoa de família, então mandou carta de chamada, foi em 1968. Então, quer dizer, eu com aquele *amor*⁽³⁾ de vir pra cá, e aí eu vim, eu não tenho nada a dizer de Brasil, não.

O que lembra de Cabo Verde?

Muita coisa mesmo! Muita coisa, Cabo Verde! Vivências de lá, a gente sente muita saudade de casa, sinto muita saudade da minha terra; todo o mundo é amigo um do outro, você tem uma coisinha divide com outro, que é muito diferente daqui; então, tenho aquela saudade de lá, muito grande, muito grande. Vontade que eu tinha; já fui duas vezes, vontade que eu tinha era voltar, mas agora pra voltar agora, eu sozinha tenho dificuldade, né. Meu pai partiu, eu fiquei só com meus sobrinhos, minha cunhada, quer dizer.

Por que voltou a Cabo Verde?

Fui visitar Cabo Verde, fui duas vezes. A primeira vez que eu fui, dia que fez 30, 30 anos que eu sai de casa dos meus pais, entrei de novo! Você acredita? Depois de 30 anos que eu tinha saído de São Vicente pá tratar uns documentos, entrei novamente dentro de casa dos meus pais.

Dona Josefa, você sentiu bastante saudade?

Éh meu filho! Eu não mandei dizer que eu ia, apanhei de surpresa, que surpresa que eu fiz, aí como eles choraram! Eu não preciso nem falar nada! E na hora de retornar! Ai meu Deus! Nunca eu tinha imaginado; por mim eu não vinha não! Por mim eu ficava lá na minha terra; como eu tinha responsabilidade aqui, então eu vim. Fiquei dois meses, eu vim fazer três aqui. Na volta quando entrei, achei tanto carinho, tanto amor na minha terra, muito carinho, muito amor, e dá saudades até hoje; era só eu, irmã de mãe e pai. Eu e meu irmão, só nós dois, tudo o que eu falava, vamos fazer isso, eles aceitavam.

De que falam nos encontros caboverdianos?

É só na base de Cabo Verde, é só na base de Cabo Verde, difícil, difícil conversa daqui de Brasil, é só na base de Cabo Verde, tem nossas músicas, nosso tratamento de lá, a gente conversa, a gente fazia tudo aquelas brincadeiras, que a gente dançávamos, que a gente conversa. A gente não conversa nada sobre Brasil, nada, nada, é só de Cabo Verde mesmo!

O que você lembra de Cabo Verde?

Ah! Lembro daquele amor de Cabo Verde, não sai nunca, nunca, nunca de minha idéia, porque a minha terra, que eu nasci, que eu criei, eu vivi lá, tinha de tudo, de tudo, Artur. Então, sinto muita saudade da minha terra, saudade mesmo. Eu sei que eu não volto mais por causa da minha idade, nem não é por causa da idade, por causa de sofrimento. Eu tenho receio de ir; não por causa da idade; com relação à idade estou tranqüila, que eu fiz 70 anos agora, em Maio. Eu tenho certeza que eu posso ir tranqüila, agora, é do sofrimento que eu tenho medo, entendeu? Mas chegando na minha terra, é aquele carinho, aquele amor, todo o mundo, todo o mundo, grande e pequeno, todos me chama é de tia maninha por causa de meus sobrinhos, todo o mundo é de tia maninha, rapazes tudo mais velho que eu, tudo é tia maninha, tia maninha, com aquele

⁽¹⁾ A. J. R., natural da ilha de São Nicolau, nasceu em 27/05/1933, 70 anos; chegou no Rio de Janeiro em 19/07/1960 com 27 anos; casou com um caboverdiano no Rio; regressou a Cabo Verde em 1980, após completar 20 anos no Rio, sendo que, a última vez que visitou o país de origem foi em 1997, depois de 17 anos de permanência; residente no bairro Olinda, Nilópolis. Baixada Fluminense. Entrevista feita em 18/10/03 e 25/10/03.

⁽²⁾ Nhá: uma palavra em dialeto crioulo que significa minha, isto é, reduz a palavra “minha” para a última parte “nhá”.

⁽³⁾ Amor: neste sentido, quer dizer vontade de ir ao Brasil

carinho, com aquele amor. E no dia de saída pra vim pra cá, ah meu Deus! Que dor, que tristeza; eu venho porque tenho que vim, porque aqui tenho minha família; passei mal, ai eu tenho que vim! Pode acreditar de coração, que eu não vinha não, mas infelizmente tenho que vim, porque eu deixei minha família aqui, família que eu formei aqui; eu tenho que vim; se não, não vinha não, ficava na minha terra, aquele tanto amor; finalmente você tem aquela fatalidade na vida, você não pensa nada coisas erradas, tudo a gente tem aquela liberdade lá, na nossa terra.

Como foi sua adaptação no Rio de Janeiro?

Até que eu adaptei bem, porque eu já tinha pessoal de família aqui, até que eu adaptei bem. Eu ia trabalhar e vinha toda semana de folga; chegava na segunda- feira, eu voltava pra casa de serviço, até que eu me adaptei bem. Só numa casa eu trabalhei 3 anos, Artur, de babá; eu criei três meninas. No dia que eu deixei eles, ah que choraram, “ai como mamãe abandonou a gente”, mas eu achei um serviço que pagava mais, então, eu tinha que deixar eles. E você acredita que eu vou sempre na casa deles? A Hermínia também trabalhou lá. Nós fomos ao casamento num dum, que ela também trabalhou quando eu sai. Nós fomos ao casamento das duas filhas, era duas filhas e um rapaz. Você acredita que quando nós chegamos, a menina mais velha, foi a primeira que casou, quando ela me viu, ela chorou! Oh como chorou! Como chorou, ela falou “tia babá”; depois voltei lá; eu, Hermínia e José; convidaram para a gente ir visitar eles, nós fomos na casa da nossa patroa. Como são seus vínculos com brasileiros? Ai é muito bom, graças a Deus, agradeço muito, muito, Artur. Aqui eu me dou muito bem com eles, graças a Deus, agradeço muito, muito mesmo, meu filho! (“meu filho”, refere-se ao entrevistador).

E com os caboverdianos?

Com caboverdianos, graças a Deus, nunca tive assim prá falar; desavença com ninguém, graças a Deus, é tudo naquele, naquela paz, amigo, com amor, com carinho, nunca, nunca.

Você acha diferença entre o comportamento dos caboverdianos e dos cariocas?

Sim, sempre a gente acha diferençazinha, nada chega nossa terra, né, nada chega; nossa terra é nossa terra, até nós, né, ninguém pode dar carinho mais do que pessoal da nossa terra, dá carinho com aquele amor todo; já Brasil, nós já sabemos que não é nossa terra, já sabemos que não é nossa terra.

Você acha diferença entre os filhos dos imigrantes caboverdianos?

Não, não acho não, porque todo o mundo trata muito bem, bem mesmo. Até aqui todo mundo me trata é de tia maninha, todo o mundo pá você vê. Primeiro é que encontraram os mais velhos me chamar de tia maninha, tia maninha, até então é tia maninha.

Como são as festas de caboverdianos?

Eu acho, associação, nunca arrumaram confusão, nunca, nunca, Artur. Tudo na paz, naquela alegria, gostoso. As comidas que a gente faz; no princípio a gente fazia tipo comida de Cabo Verde, mas agora a gente faz comida brasileira; todo o mundo come a vontade. Fazemos churrasco; todo o mundo come a vontade, todo o mundo come a vontade, comida brasileira. Uma vez a gente fazia bastante comida de Cabo Verde, mas agora é comida brasileira.

Que tipo de comida vocês fazem?

A gente faz cachupa. Você sabe o que mocho? (mandioca, carne, inhame, banana e batata doce), tudo com aquele mocho, então a gente fazia aquelas paneladas de arroz, pá comer com aquele mocho; então a gente fazia canja, é muito gostoso mesmo. A canja a gente fazia igual a Cabo Verde, justamente a Cabo Verde.

Como vocês fazem a canja?

A canja, a gente põe frango no fogo, põe todo tempero, depois coloca arroz, bota arroz pá cozinhar lá, pois, então, quando tá pronto a gente tira para todo o mundo, todo o mundo agora. Boto tudo tempero que a gente botava em Cabo Verde.

Qual a importância da Associação para a comunidade?

A associação é importante, porque lá a gente se encontra, todo o mundo se encontra naquele amor, com todo o mundo, a gente encontra com família toda. Se você demorar de ver uma pessoa, mas depois você encontra, com aquela felicidade, só quando você encontra na Associação Caboverdiana; todo o mundo fica feliz, faz de conta que a gente tá em Cabo Verde, naquela amizade toda, lá é gostoso, meu filho! Não tem um Cabo Verde que não fala com outro, todo o mundo vai falar com outro sentado na cadeira, com aquela brincadeira, com aquela festa toda. Associação é casa de Cabo Verde.

O que é isso, da associação ser casa de Cabo Verde?

Casa de Cabo Verde, casa de Cabo Verde significa Cabo Verde, porque é lá que a gente junta, é lá que a gente junta, pá encontrar, *pá matar saudade*⁽⁴⁾, dum por outro, e da nossa terra, músicas de lá. A gente dança nossas músicas tão gostosas como em Cabo Verde, bonito como Cabo Verde, então já viu, é verdade meu filho! Cabo Verde deixa muita saudade, muito mesmo, deixa muita saudade.

Você pensa voltar definitivo para Cabo Verde?

Voltar para Cabo Verde, não, porque agora definitivo já não dá, porque agora já tenho meus filhos aqui, já tenho os netos; ai, já tenho a casa. Se fosse antes, logo quando eu casei, quando eu casei, eu tinha, bem, eu já tive oportunidade, mas Otávio queria ir para Holanda, eu falei “se você vai para Holanda, eu vou pá Cabo Verde, mas ai começou, veio a primeira filha que é Otávia, a segunda Maria Josefa, depois três anos apareceu Olávio, e agora não passa pela cabeça morar em Cabo Verde, mas para mim eu ia morar em Cabo Verde, porque eu falei assim; os outros que moram nunca morreu de fome, eu também não vou morrer de fome também. Eu tinha, tinha e tenho as coisas dos meus pais, estão tudo lá, herança tá tudo lá, tem casa a vontade, casa grande, tem terreno a vontade, tem terreno de café, tem de milho, tem de tudo, tudo, café, milho, mas agora como chuva ficou pouco escassa, café dá pouco. A gente tinha terreno, passava um mês tirando assim no pé, com gente de fora; três, quatro pessoas, colhendo café, mas infelizmente como a chuva escasseava bastante, agora dá, mas, é um pouquinho, só um pouquinho café, não dá muito não, às vez não dá nem pá um ano todo, como a gente se diz, um ano inteiro para a gente tem em casa; chuva escasseou muito, mas era café, banana, mandioca, tudo, mas agora foi diminuindo porque a chuva diminuiu também, ficou pouco. Não, não volto pá Cabo Verde, teria que começar tudo de novo. Tinha que levar meu netinho, lá não tem uma escola boa como aqui.

Dona Josefa, você naturalizou brasileira?

Não naturalizei, não, não, não podia deixar minha terra. Sou brasileira, mas a minha terra é Cabo Verde, com certeza, mas a minha terra é Cabo Verde; como diz alguns, ah! Você podia naturalizar, aqui têm alguns que é naturalizado, mas eu não tinha vontade, tenho muito amor, muito carinho.

Você achou diferença quando foi de férias?

Quando fui de férias, achei diferença, porque tinha muitas casas Faja (“bairro”) feitas, que não deixava; então achei muitas diferenças, achei muita, muito mesmo, tinha até começando fazer fora de cidade, lá fora faz parte, assim, comparado a um campo, né, já tinha bastante casa feita pelo lado de campo. Mesmo na cidade mesmo já estava faltando lugar para fazer casa, mas tava tudo bonito. Renovaram as casas todas, renovaram, tudo bonito, água no meio da cidade pá gente panhar água, panhar água no meio da cidade, graças a Deus. Então, quer dizer, achei na minha aldeia, achei que ficou muito bem a luz, fez caminho, já tem algumas casas, já tinha luz, aquela luz de motor né, depois que eu vim colocaram a luz agora (está se referindo quando voltou de férias de Cabo Verde).

O que significa dizer que em Nilópolis têm Cabo Verde.

Nilópolis tem Cabo Verde, bem têm Cabo Verde que mora em Nilópolis; Mesquita tem Cabo Verde, tinha antigamente tinha bastante em Nilópolis. Os mais velhos foram morrendo, agora tem, mas é pouco. Olinda tem mais do que lá. Não tá vindo por causa da emigração *lá fora*⁽⁵⁾ conseguiram mais lá fora do que aqui. Outra coisa, lá fora tem mais caboverdianos, dinheiro de lá é mais fácil do que daqui, né, daqui é muito pouco, pouco o dinheiro daqui. Só que, quem está aqui tem suas casinhas próprias, graças a Deus ninguém paga aluguel, e todo o mundo tá feliz porque tem suas casas próprias, então dinheiro é pouco, mas todo o mundo tem cabeça, tem suas casas próprias, trabalhei, tenho seguro, então a gente vai levando a vida. Quando Deus quer e todo o mundo vive bem aqui, todo o mundo.

O que te levou a ficar tanto tempo no Rio de Janeiro sem regressar ao país de origem?

Não sei porque eu passei, eu passei 30 anos, não sei porque que eu fiquei todo esse tempo, mas quando eu botei na cabeça, de um ano para outro, eu botei na cabeça que eu ia, fui, ai eu fui.

Você falou de um lencinho em Cabo Verde... ? chorando? Completou ela.

⁽⁴⁾ Matar Saudade: em caboverdiano quer dizer rever os amigos

⁽⁵⁾ Lá Fora: este termo quer significar outros países.

“Dona Josefa estava de cama e começou abanando um *lencinho*⁽⁶⁾ sem perceber”, diz ela: lencinho, assim, assim vanando assim, eu estava sozinha no meu quarto, deitada, ai comecei chorando, vanando com meu lencinho, como quando chorando lá, naquela tristeza, quando tem muita tristeza mesmo, eu vanando com meu lencinho, vanando com meu lencinho, lembrei! Despedida de quem parte.

Que outras lembranças você gostaria de contar?

Lembro de Cabo Verde, assim, toda família, tudo bem com todo o mundo. Todo o mundo trata como família, todo o mundo é amigo de companheiro, você tem uma coisa, o outro não tem, você divide com carinho, com amor, então! Quando tem uma festinha, todo o mundo vai para aquela festinha, com muito carinho, com muito amor.

Como são as festas no Rio de Janeiro?

Meio isolado, é só quando a gente encontra lá na associação, ou então se você na sua casa tem um aniversário, ai convida e pessoal vai pá aquela festinha na sua casa, com muito carinho; a não sendo disso é só quando a gente vai pá associação. Associação é como eu já falei você, é com aquele amor de um lado, de outro, todo o mundo; é da ilha de Santo Antao, São Nicolau, São Vicente, todo o mundo se trata o mundo com carinho, com amor, e muito, muito mesmo. Quando chega é só você ver, cada um vai cumprimentar um ao outro, cumprimentar na hora de saída, mesma coisa a gente vai despedindo de companheiro, dançando com aquele amor, com aquele carinho. Só você vê de maneiras, maneira como a gente se trata. De qualquer forma, nós estamos aqui, nós temos que tratar como irmãos, né, nós temos que tratar como irmãos, se houve qualquer causa assim, como *agora*⁽⁷⁾ todo o mundo se junta, todo o mundo. É de São Nicolau, é de São Vicente, é de Santo Antão, todo o mundo se junta, todo o mundo. É difícil você vê se tem um morto que não tem todo o mundo de Cabo Verde; tem casa que vai até duas pessoas no enterro, dele.

Como é feito o enterro?

O enterro vai na maneira do Brasil, mas nós fazemos aquela prece bonita, aquela prece. A gente, com aquela tristeza, saudade, chora, ai já não põem luto preto, tudo preto como em Cabo Verde, aqui, assim, uma parte preta, uma parte branca, vai azul e é assim, já não põem preto como em Cabo Verde. Cabo Verde é preto mesmo, durante seis meses é preto, depois fica botando uma coisinha branca, uma parte branca, mas aqui a gente leva no coração, né, aqui a gente leva no coração.

Mesmo no dia do enterro vocês não se vestem de preto?

Não, não, quem vai ao enterro vai de preto, branco, azul, tudo na base de escuro, não põem nada de vermelho, amarelo, nem nada; azul pra baixo, vai tudo, branco, azul, preto. Os homens vão de terno, vão com camisa social. Assim, nós de Cabo Verde; ai que o pessoal daqui acha bonito, eles acha bonito porque a gente dá aquele sentimento, aquele amor, pá quem tá partindo. Então, a gente, e principalmente no momento que a gente tá fazendo aquela *prece*⁽⁸⁾, muita tristeza; chora. E aqui é o seguinte, nós não vamos pra festa, respeita aquela pessoa, é isso que eu acho bonito, né, eu acho bonito, sabe. Depois é que a gente vai para aquela festinha, como agora.

Qual a importância da cachupa para a comunidade?

Cachupa, o pior é que o brasileiro adora, quando a gente fazia lá, vai muita gente comer.

Porque a cachupa?

Não, não sei não, meu filho! Porque cachupa; sei que eu achei, eu achei, é o seguinte, nós achamos, nós que é mais novos, achamos os mais velhos com a cachupa, e até hoje é a cachupa, até hoje, pá jantar, levantar de manhã guisar aquela cachupa, um peixe frito, um ovo estrelado, aquele café, é o prato típico, o prato principal que tem lá em Cabo Verde. Então já viu, um prato principal, então, aqui a gente faz, mas faz pouco, faz pouco; já fazia bastante. Quando chegamos aqui, a gente não comia feijão preto, lá a gente tem

⁽⁶⁾ Abanar um Lencinho: geralmente quando se despedia de alguém, as pessoas choravam, abanavam um lencinho branco, como sinal de despedida. A imigrante estava de cama por motivo de doença, e teve uma atitude sem perceber, depois ela lembrou que em Cabo Verde essa expressão era despedida e muita tristeza.

⁽⁷⁾ Como agora: ela está se referindo ao imigrante caboverdiano que foi baleado com 6 tiros, na sua própria loja, uma semana antes dela ser entrevistado. Neste dia, a comunidade programou uma festa na associação que não chegou a se realizar devido ao fato ocorrido. Depois do luto a festa foi realizada, segundo depoimentos de imigrantes.

⁽⁸⁾ Prece: refere-se a oração ao morto durante o velório e na hora da despedida, ou seja, da saída da casa para o cemitério.

fava inglesa, nós temos um terreno que dá muita fava inglesa, a gente mistura com o daqui, e aqui é só feijão preto, então, havia aquela diferença, mas eu comia, muita gente não comia feijão preto, depois é que a gente aprendeu a comer feijão preto. Lá dava muito feijão, então habituamos, a gente tem feijão pedra que a gente chama; mas nós com o terreno na Faja (bairro) dá tudo, tudo, tudo, tudo, ervilha, aqui é guando, aqui a gente acha pouco pá comprar, seco, verde; agora lá não, tem a vontade. Aqui a gente encontra feijão pedra, fava que vem do Norte. O feijão fava é uma delícia com carninha, com costelinha de porco, é uma delícia. Faço igual ao feijão de Cabo Verde de vez em quando encontro, faço igual a de Cabo Verde, com batata, aipim, ervilha, carninha. A gente faz uma panelada, que a gente come, fica farto dois dias, ele é forte, né, com arroz.

Dona Josefa, como foi sua adaptação no Rio de Janeiro?

Eu amo a minha terra; Cheguei no Rio de Janeiro com visto de permanência, 8 dias depois já tinha carteira de estrangeiro. Nunca esqueci, rua do senado número 81, no centro da cidade onde fui pegar, né, dar entrada na carteira. Bem, trabalhei como empregada doméstica na casa de americanos, então, depois tomei conta de duas crianças. Ia trabalhar numa fábrica de roupa americana Sudantex, mas passei a vaga pá irmão do meu marido. Sou orgulhosa dos filhos dos caboverdianos que vêm estudar aqui, ah meu filho, acredita? Sou orgulhosa mesma, sabe, acredita! Tou falando de coração, acredita meu filho; a gente não teve oportunidade de estudar, né, o governo ajuda vocês, a gente não teve oportunidade não, o governo ajuda vocês, a gente não teve ajuda de ninguém, ralamos pá conseguir as coisas.

Você estudou quando chegou no Rio de Janeiro?

Pensei estudar quando cheguei aqui, mas, tinha que trabalhar, então, não dava não, tinha que trabalhar. Tenho três filhos, duas meninas e um menino. Maria Josefa tem o nome das duas avós, ela casou com filho de caboverdianos, e tem a companheira dela, Otávia. Meu filho que é capitão da polícia casou com uma brasileira. O meu pai tinha ido pá EUA, voltou pra Cabo Verde, né, quando abriu emigração pá Brasil, ele me perguntou se eu queria ir pá EUA, mas como não tinha ninguém lá, conhecido, no Brasil eu tinha pessoal de família, botei na memória, que queria vim pá Brasil.

Por que você ficou no Brasil?

Não tinha intenção de ficar, já era adulta, né, o tempo foi passando, fiquei até hoje. Daqui não saio mais não, tenho minha família aqui, já não dá, viver em Cabo Verde, não, agora é até a morte; eu amo a minha terra, então eu tenho aquela saudade de lá. Um dia fui a missa, o padre falou que era dia de Nossa Senhora do Carmo, então eu lembrei da santa padroeira da minha paróquia, onde nasci. Depois da missa falei ao padre que a santa era padroeira da terra aonde nasci. O padre me perguntou: “Josefa aonde você nasceu?” Falei que eu era de Cabo Verde, aa meu filho! Chorei, todas as vezes que começo a falar da minha terra, choro, sou chorona. Fui de férias, levei um ramallete de flores, eu mesma subi o altar e fui colocar nos pés de Nossa senhora, aa, muita saudade, muita tristeza; aquele amor de lá, recebi muito carinho, muito amor, todo o mundo me chama é de tia maninha. Prometi Nossa Senhora de voltar mais uma vez, na minha terra. Tenho fé que não vou morrer sem visitar minha terra mais uma vez. Sair é uma coisa, entrar depois de 30 anos é outra, acredita! Chorei muito, sou chorona desde criança. Um dia eu táva deitada doente, sozinha no meu quarto, peguei um lençinho branco, comecei abanar meu lençinho, como lá em Cabo Verde, quando a gente despede das pessoas, é saudade, é tristeza mesma. Quando criança eu era que nem homem, fazia tudo o que os meninos faziam, não levava desafor prá casa, deixei meu namorado devido a intrigas.

Como são seus hábitos?

Aqui em casa faço cachupa, cuscuz, agora menos, logo quando chegamos, quase todos os dias, agora é na base de comida brasileira; minha filha faz cuscuz, o filho dela de 4 anos pede que ela faça cuscus, é isso que eu acho engraçado. Ensinei elas a fazer comida de lá, elas acham gostoso. Quando fui pá Cabo Verde, levei meu netinho que crio desde bebe. Ele tinha 9 anos, voltou falando crioulo, fiquei com medo que falasse na escola, mas acabou esquecendo.

O que você guardou em sua memória?

Lembro das serenatas, eu saía com os rapazes nas serenatas, eu era que nem homem, aah eu não levava desafor pá casa. Você conhece esta música: “Praia Branca, terra atraente, cantinho de beira mar, cheia de morenas encantadoras, aldeia de sonho”. E como tinha morenas bonitas, você acredita! Cabelo lizinho, eu era uma delas, agora estou velha, mas dá para ver que eu era bonita. Os homens corriam atrás de mim, não sei porque.

02. Transcrição de entrevista feita com o Sr. Otávio⁽⁹⁾, um imigrante caboverdiano.

Sr. Otávio, porque escolheu o Rio de Janeiro?

Eu escolhi o Rio de Janeiro, porque quando eu vim pra cá, não tinha emigração para outros lugares; depois que eu tou, que eu cheguei aqui, abriram para Holanda, Portugal, assim, Portugal, então, eu vim pro Brasil, procurar vida se melhorar, né, êh, ah, ah, ah.

O que te levou a sair de Cabo Verde?

Olha sai, porque; a minha terra é muito gostoso, né, mas acontece é o seguinte, mas passou a não ter chuva, a gente vive de plantação, então não tinha aonde, nada; a gente sai para procurar esse melhoração; porque eu graças a Deus, meu pai, meus pais tinham recursos mais ou menos, tinham muitos terrenos, mas plantava não dava nada.

O que lembra de Cabo Verde?

Cabo Verde, lembrar é muita coisa; a saudade é grande, eu fui para Cabo Verde; fiquei lá dois meses; eu fui buscar tristeza, porque eu gostei tanto, eu, quando; é, quando no momento, quando eu tava regressando, deixando minha família, ah, ah; a saudade me matou, né; lá deixei minha mãe, meus irmãos.

O que lhe chamou mais atenção?

Achei que eles adiantaram muitas coisas, cais acostável, no Tarrafal, São Vicente; o caminho melhorou, Tarrafal para a Vila, Tarrafal para Ribeira Prata, quer dizer que eu, outras coisas mais que eu achei que tava bastante adiantado em relação quando sai.

Como foi sua adaptação no Rio de Janeiro?

Olha! Eu, graças a Deus, cheguei no Rio de Janeiro, comecei a trabalhar ainda cedo, sem ter os documentos. Eu sempre dei sorte com o trabalho; trabalhei numa firma que era uma firma americana, eu trabalhei lá 14 anos, depois sai de lá, eu montei minha firma, e, a minha firma caiu, porque falta de orientação, mas estava eu 28 anos ou mais, tinha legal também todas as mercadorias, mas tudo bem. Hoje eu tou feliz, que eu fui a Cabo Verde, eu já tenho três filhos, já tenho minha família, um netinho, tenho dois netinho, né, tenho a Otávia mais velha, tenho a companheira dela, e tenho a Maria Josefa terminando, ta fazendo direito, no ano que vem ela já termina, tenho o Olavio que é capitão da policia, que tem 30 anos, e estou muito satisfeito, que estou num país que está desenvolvendo; estão correndo atrás da carreira deles, estou muito feliz. Então, até que eu adaptei bem, não tinha profissão quando cheguei, trabalhei numa firma Sudantex, fui segurança na Barra, depois voltei para o comércio; comprei um cômodo, vendia cigarro como camelô; quando cheguei queria voltar no mesmo dia, mas como não tinha possibilidade, fui ficando, casei e fiquei até hoje.

Como são seus vínculos com brasileiros?

Oh, independente, no meio deles eu passo como brasileiro, e também eu os trato bem e tratam-me bem, e porque, eu, em qualquer lugar que eu estiver com eles, eu estou bem, eh, sou tratado como brasileiro.

E com os caboverdianos?

Olha, com os caboverdianos, eu me dou bem com todos eles, ah,ah, eh, dou bem com todos eles, que todos nós somos amigos, tratamos como irmãos, e, não tenho, não tenho esse negócio de assim dizer, isso é de uma ilha, isso é de outro, não; tudo por igual, para mim é tudo igual, trato com todos eles, vou a casa deles, sou bem recebido, encontro com eles, sou bem recebido, então, sou satisfeito com todos eles.

Você acha diferença entre o comportamento dos caboverdianos e dos cariocas?

Não, é, comportamento, nosso comportamento! A gente não tem nada a dizer, a gente ta junto, eles sabem que a gente não é brasileiro, né, a gente passa que nem brasileiro, a gente leva tudo na brincadeira, ta tudo bem, não tem nada a dizer, nada contra, ta tudo bem.

Você acha diferença entre os filhos dos imigrantes caboverdianos?

⁽⁹⁾ O. J.R., natural da ilha de São Nicolau, nasceu em 07/11/1933; chegou no Rio de Janeiro em 25/01/1960 com 27 anos; casou com uma caboverdiana no Rio; regressou a Cabo Verde em 1993 após completar 33 anos de permanência nesta cidade; residente no bairro Oinda, Nilópolis, Baixada Fluminense. Entrevista realizada em 18/10/03 e 25/10/03.

Não, não acha diferença não, todos eles tratam a gente com todo o carinho, eh, todos eles são bacana, então, é isso.

Como são as festas de caboverdianos?

Aqui a gente tem nossa associação, né, de vez enquanto a gente faz um baile, brinca, ah, ah, ah. A gente encontra, a gente ta aí, a gente brinca, a gente faz um baile, cada um brinca, não tem problema nenhum, todos são iguais, então aí. A gente encontra na associação, brinca, fica junto, conversa, lembra as festas, as pirraças, celebram Natal, Ano Novo, as comidas; comida brasileira; aqui a gente tem nossa associação. Quando eu cheguei os caboverdianos reuniam, faziam baile, depois todo o mundo juntou, criou a associação, compramos o terreno, é um lugar de festa.

Quais as coisas que são motivos de conversas?

A gente fica lembrando a nossa terra, o nosso passadezinho lá, e, nosso baile, nosso natal, nosso São João, então, quer dizer que, temos muita coisa, que a gente fica recordando, é esse aí. Os bailes do natal, carnaval e quando às vezes a gente fazia alguns bailes também, êh; tinha meu irmão que era mais velho, tinha eu, meus colegas. A gente tinha o nosso grupo, cada um dançava no baile de lá, eh, de lá não posso dizer nada, se eu pudesse eu tava lá.

Qual a importância da Associação Caboverdiana?

Importância, eh, aqui agente tem nossa associação, eh, associação é casa de Cabo Verde, ninguém é dono, não, é, é propriedade de Cabo Verde, né, a gente encontra lá, eh, é lá que a gente encontra pá recordar nossas músicas, nosso passadezinho, é isso aí.

Porque você come cachupa?

Não sei porque cachupa, aqui a gente não faz como lá, em Cabo Verde; lá era todo o dia, né, não tinha outra coisa, né, era a cachupa. A Mana, mulher do Beto, faz cachupa e manda pra gente guisar. Lá em Cabo Verde saía gostoso, mas aqui sai melhor, tem muita carne. Quando fui pá Cabo Verde, quase que briguei; tava eu e minha irmã num bar, eu pagando um *grogue*⁽¹⁰⁾ pá colegas, e, né, um cara perguntou da onde eu era; falei de Cabo Verde, ele falou “você não é caboverdiano, não fala o crioulo? Você não é caboverdiano”, ele começou me xingar; dei uma calapada, quase que ele caiu. Eu queria falar o crioulo, mas saía o português, mas entendo quase tudo; não conseguia falar, não. Achava bonito como os que ficaram lá falam, não é estranho, estranho, né, achava bonito, queria falar, misturava tudo, igual eles já não.

O que você recorda das festas em Cabo Verde?

Eh, eh muita coisa, quando a gente era jovem, a gente fazia muita festa, Carnaval, Natal, Ano Novo. Um dia a gente tava organizando uma festa de carnaval, eu gostava de um *bachin*⁽¹¹⁾, sabe! Até hoje; saí de Praia Branca, fui pá Tarrafal, uma menina tava fazendo caldeirada, pá pessoal; ela tava na cozinha; não tinha luz elétrica, né, a gente tava fazendo caldeirada com bicuda, conhece bicuda? É um peixe gordo, gostoso mesmo, você conhece! (sim), bicuda com batata doce, aipim, inhame. A garotada tava lá fora se preparando pá pegar a caldeirada, a gente tava enfeitando a sala. Faltou luz, a menina foi na sala pegar *azeite de purgueira*⁽¹²⁾ pá botar na *lamparina*⁽¹³⁾, eles entraram na cozinha, levaram a caldeira. Pegaram a caldeira no fogo, com caldo. Quando ela foi pá cozinha, cadê a caldeira! Saímos atrás deles; a gente botava o nariz nas portas, assim oh, aaa, pá senti o cheiro; levaram a caldeira que tava no fogo, levaram com caldo; jogaram o caldo fora; eles enfiaram no terreno do pessoal pá comer a caldeirada. A gente tinha *talisca*⁽¹⁴⁾, cozinhamos talisca com *peixe seco*⁽¹⁵⁾, batata doce, aipim, lá é mandioca, sabe, aqui é aipim.

⁽¹⁰⁾ Groge: em Cabo Verde é o mesmo que Cachaça.

⁽¹¹⁾ Bachin: no dialeto de São Nicolau significa baile.

⁽¹²⁾ Azeite de Purgueira: antigamente, quase que não havia luz elétrica em Cabo Verde. As pessoas extraía o azeite de purga da Purgueira, que era utilizado como combustível para acender o candeeiro. Porém, usavam-na como remédio de uso externo para aliviar dor e febre. Com o azeite de purga fazia-se a vela da purgueira que servia para iluminar o quarto de dormir durante a noite, pois era costume dormir com uma lamparina acesa.

⁽¹³⁾ Lamparina: candeeiro feito de lata ou de vidro, e mede mais ou menos 10 cm.

⁽¹⁴⁾ Talisca: mandioca cortada em pedaços e secada ao sol.

⁽¹⁵⁾ Peixe seco: costume de caboverdianos salgar o peixe, principalmente a cavala e secá-la ao sol. Assava-se o peixe seco na brasa e comia com milho-aliado, isto é, milho torrado numa frigideira com areia levada ao fogo.. Também cozinha o peixe seco com batata doce, mandioca, inhame e, às vezes com espiga verde.

Que outras lembranças o Sr. tem da sua vida em Cabo Verde?

Um dia eu e a garotada, a gente foi de Praia Branca procurar festa. A gente gostava de baile, a gente andava muito a pé, né, e, quando a gente saiu, na porta de uma casa tinha uma cabrinha; o pessoal lá costumava amarrar a cabrinha na porta da casa. Quando voltamos, não tinha ninguém na rua, mas quando saímos o pessoal viu a gente, na volta não, sabe; compramos bolacha, mamamos a cabrinha, aa, aaa, aa. A gente fazia muita *pirraça*⁽¹⁶⁾. No dia seguinte, todo o mundo sabia, que mamamos a cabrinha, aaa... A notícia espalhou pá vila toda. Era costume, amarrar cabrinha na porta da casa à tarde e botar palha pá cabrinha comer; ficava cheia de leite, aaa; mamamos a cabrinha. Na horta, era vergonha, *assar espiga de milho e batata*⁽¹⁷⁾, eu e meus colegas assamos espiga e batata na horta; quando a gente ia pra casa um rapaz mais velho falou, quando chegar em casa, não bebe água, não; se dê comida come, aaa; Isso que eu acho engraçado; nunca esqueci, não tem nada a ver assar batata e espiga na horta, mas lá era vergonha, não fizemos nada de mal, não é! Isso que eu acho engraçado, não bebe água não, se dê comida come, aaa, aaa, isso que eu acho engraçado, se a gente bebe água, a gente não fica com fome, assim os mais velhos já sabem que nós assamos batata na horta. Um dia sai de Praia Branca pá Barril procurar baile, Barril era lugar onde enterrava as pessoas na areia pá curar raquitismo; andei muito, gostava de nhá bachin. De volta, eu tava com fome, entrei na horta de gente, peguei uma espiga bem grande, assei; eu tava com presa; coloquei a espiga no bolso do casaco pá ir comendo no caminho, eh. Quando eu ia sair, um senhor me deu uma dama pá dançar, ai, meu Deus; a espiga tava quente, tava saindo da brasa, me queimava, dançava, o milho me queimava a barriga, ah,ah,ah. Quando acabou a música, que eu ia sair, pediram bis. Era costume pedir bis quando a música agradava, não via a hora da música acabar; passei mal, não podia deixar a dama na sala, não esqueço até hoje. A gente comia talisca com toucinho, a gente não comia muito, não, porque a gordura saía tudo, molhava a calça, ah, ah, ah; quando a gente via alguém com calça molhada a gente sabia que tinha comido muito toucinho com talisca; a gente chamava de chulo, nas festas havia muita farinha de mandioca. A gente enchia o bolso de farinha e ia comendo no caminho; talisca é mandioca seca, a gente cortava a mandioca, botava no sol pá secar. A gente fazia caldeira com talisca, peixe seco, mandioca, inhame, batata doce. Quando a rapaziada queria fazer uma caldeirada, pegava um galo de alguém, entrava na horta do pessoal, pegava batata doce, mandioca, até o dono às vezes comia sem saber. Pá o galo não gritar, era um pulo só, pegava, enfiava a cabeça debaixo da asa, e metia por baixo do casaco, a gente andava no meio das pessoas, ah, ah, né, com o galo debaixo do braço; a rapaziada já sabia, todo o mundo ficava sabendo, a gente fazia muita pirraça. Não pegava porco, porque não dá, sabe! Mas a gente pegava cabrito, galo de vez em quando, eh, pirraça da garotada. Uma vez saiu cortiça no mar, a gente pegava pá cozinhar, fedia, saia óleo queimado, fedia, aonde caía queimava tudo, o óleo era preto. Um rapaz que meus pais criara chamava a gente de malandro; ele falou se vocês não ajudar a arrumar o milho, sabe, a gente colhia o milho, levava pra casa, arrumava em círculo, as espigas maiores, e os menores a gente ficava usando. Depois que secar, a gente tirava os graus e separava as inganhas; o pessoal ia ajudar pá poder levar as inganhas, fazia lenha, sabe. Ele falou: se vocês não ajudar, não dou batata assada pá vocês. Ele tava assando batata; pegamos cortiça jogamos nas batatas, ah, ah, ah, estragou tudo, aonde a cortiça caía estragava tudo, o óleo fedia. A gente achava muita coisa no mar, lata.

Você pensa voltar definitivamente a Cabo Verde?

Definitivo não, voltar pá Cabo Verde, não, tinha que começar tudo de novo, ter a vida que eu tenho aqui. Tinha que levar meus filhos, principalmente meu netinho que cuida desde bebê, ele é otário, a mãe é alcoólatra tinha que ter uma escola boa. Prefiro comprar um Cd original de Cabo Verde e um pirata brasileiro.

Porque o Sr. não passa as férias em Cabo Verde?

Eh, lá em Cabo Verde, as pessoas esperam lembrancinhas, tenho muita gente lá, tinha que levar lembrancinhas; dinheiro daqui é fraco, aí não dá não; não tenho mais nada a dizer.

Como foi criada a Associação Caboverdiana no Rio de Janeiro?

Criamos a associação com ajuda de patrícios, pá gente brincar, é na associação que a gente encontra pá ta junto, pá recordar nossas músicas, pá ta unido, tudo por igual, não tem essa, não, esse é de São Nicolau,

⁽¹⁶⁾ Pirraça: brincadeira que faz rir. No contexto do caboverdiano significa travessuras da juventude, pegar coisas do outro para comer em grupo, até o dono às vezes participava do jogo sem tomar conhecimento. Hoje, esta prática pode ser considerada extinta no país.

⁽¹⁷⁾ Assar milho e batata doce: a batata doce era assada próximo da brasa ou debaixo da cinza quente, enquanto que a espiga verde sem casca era colocado próximo ao fogo de lenha.

esse é de Santo Antão, esse é de São Vicente, tudo por igual, entendeu! É esse aí, até você pode ser presidente.

Observação:

É comum o imigrante caboverdiano levar “lembrancinhas” aos familiares e amigos próximos. Os que ficam nas ilhas esperam que estes tragam alguma “lembrança”, ou seja, um presente. Acreditam que os imigrantes “têm dinheiro” e que a vida no estrangeiro é “fácil. A palavra “lembrancinha”, em Cabo Verde, é usada como sinônimo de ligação entre os que imigram e os que ficam nas terras. A lembrança pode ser até um alfinete. Significa amor aos irmãos, significa não esquecimento das suas origens. As pessoas costumam dizer “fulano de tal não trouxe nada pá gente, fulano de tal é ingrato”. Não é o volume que conta, mas é a lembrancinha. Parece uma obrigação carregar lembranças e encomendas enviadas a familiares por patrícios. Quem se sente cobrado interiormente, geralmente não vai à Cabo Verde se não tiver uma vida boa no estrangeiro que lhe permita levar lembrancinhas e encomendas. É comum o imigrante reclamar dos gastos que tiveram para transportar as “lembranças e as encomendas”. No entanto, quando um imigrante com pouco recurso financeiro não quer levar encomendas, não avisa aos patrícios que está com a viagem marcada, evitando assim, que estes divulgam a informação, pois, na véspera da viagem os patrícios chegam com uma “lembrancinha”, pesando às vezes até um quilo, que juntando com outras acabam enchendo uma mala a ser custeada pelo viajante, na medida em que as pessoas não contribuem para o pagamento do excesso de peso na hora do embarque.

No dia da entrevista o Sr. Otávio fez caipirinha e preparou o feijão preto com farofa e carne à moda brasileira. Observa-se que a entrevista gravada em fita cassete é muito semelhante às conversas que o pesquisador vinha mantendo desde Junho de 2003 com outros integrantes da comunidade caboverdiana.

03. Transcrição de entrevista feita com o Sr. José⁽¹⁸⁾, imigrante caboverdiano.

O Sr. José trabalhou antes da sua partida para o Brasil?

Bem, em Cabo Verde, a gente trabalhava na plantação, mas eu não tinha profissão, quer dizer, ninguém tinha. Escola era fraco, a gente só estudava primário, então, é só ver.

Como foi sua inserção no mercado de trabalho?

Quando cheguei, aqui, fui trabalhar na obra particular como ajudante de pedreiro; como dinheiro era fraco, aí comecei trabalhando por conta própria. Daí, fui ganhando prática, comecei a pegar trabalhos e arrumava pessoal para me ajudar, até me tornar mestre de obra. Bem, eu não tenho escola, não, mas aprendi a fazer as coisas. É totalmente diferente você tem que trabalhar prá pessoa, não é? É só ver, hoje tenho minha casa, meu carro, minha família. Bem, aqui a gente vive bem, se ficasse em Cabo Verde talvez eu não tinha o que tenho hoje porque não melhorou muito, não.

Como foi sua adaptação no Rio de Janeiro?

Olha só, como sabe, caboverdiano adapta com facilidade. Então, eu não tive problema de adaptação, mas quando cheguei sentia muita saudade da minha terra, eu queria voltar, aí patrícios me aconselhou a dar um tempo. Bem, foi difícil porque saí de Cabo Verde sem uma profissão, aí eu tive que aprender a trabalhar na obra. Mas, como a vida foi melhorando, fiquei. Quando cheguei chovia quase todos os dias, agora não chove muito não, aí eu ficava pensando: porque essa chuva não dava em Cabo Verde, pois se Cabo Verde chovesse um pouquinho, eu ia embora, voltava pá minha terra.

Porque o Sr. fixou residência no Rio de Janeiro?

Eu não tinha intenção de ficar. Eu vim na intenção de ganhar algum dinheiro e voltar pá Cabo Verde, mas dinheiro daqui era fraco, desvalorizava todos os dias, 1000 (mil) cruzeiros tornava-se 1 (um) cruzeiro da noite para o dia. Então, a gente pegava o dinheiro e desfazia dele logo, então a gente comprava as coisas, comprava imóvel. Daí, falei que não dava pa viver aqui, pensando em Cabo Verde. A idade ia avançando, né, então casei e fiquei por aqui mesmo. Hoje não dá mais pá viver em Cabo Verde.

Porque o Sr. saiu de Cabo Verde para o Rio de Janeiro?

Bom, na realidade, não foi por causa de pobreza não, que eu vim parar aqui. Eu vim parar aqui por causa de trabalho, a gente ouvia falar de Brasil. Bem, aqui já tinha pessoal conhecido que mandava carta pá gente, falando do Brasil. Eu vim por influência, mas eu saí mesmo por causa de trabalho.

Que imagens você tem dos caboverdianos?

Imagens! Bem, aí você me pegou de surpresa... Bem, desde sempre, o caboverdiano tem muito essa coisa de lutar, de trabalhar, muito em cima da idéia de ganhar o pão nosso de cada dia, quer dizer, sempre é mais no sentido de melhorar de vida. Então, a gente sai à procura de um trabalho bem remunerado, e voltar para nossa terra, mas os anos vão passando, aí a gente acaba ficando, mas lá é gostoso mesmo. Caboverdiano é um povo amigo, tudo na paz, na alegria, gosta de festa, é solidário.

Qual o significado da cultura caboverdina para o Sr?

Acho que a dança, a culinária é expressão da nossa origem. A gente não pode esquecer nossa cultura, como muitos fazem. Assim, é uma coisa mais ligada à emoção, mas sempre a idéia de recordar nosso passado, nossa história.

Como são seus hábitos?

É as duas coisas, né, porque eu gosto muito da comida brasileira e da minha terra. A gente não pode negar nenhuma delas, a gente vive aqui, então, não tem como querer um mais que o outro. Então, sou brasileiro e caboverdiano porque lá é minha terra, mas vivo aqui, então, convivo com as duas. Meus filhos nos mandam fazer comida de lá, eles adoram comida de Cabo Verde, acham gostosa, meus filhos comem de tudo, comem tudo o que minha esposa faz aqui em casa, eles não têm problema, não, graças a Deus.

O Sr atingiu seus objetivos no Rio de Janeiro?

⁽¹⁸⁾ J. A., natural da ilha de São Nicolau, nasceu em 27/12/1937, 67 anos; chegou no Rio de Janeiro em 25/10/1960 com 23 anos; casou com uma caboverdiana no Rio; regressou a Cabo Verde em 01/10/1996, após completar 36 anos de permanência no Brasil. O Sr. José é diretor do patrimônio na Associação; residente no bairro Olinda, Nilópolis, Baixada Fluminense. Entrevista realizada em 08/05/04 e 15/05/04.

Considero realizado, tenho minha casa, minha família, meu carro, tenho uma casa alugada, vivo bem graças a Deus. Dou bem com todo o mundo, não arrumo problema com ninguém. O trabalho foi sempre meu objetivo, o trabalho melhora a vida de uma pessoa que saiu de Cabo Verde, naquele estado de pobreza, miséria, quer dizer, o problema da nossa terra é falta de chuva. A gente vivia de plantação, então, não tinha trabalho. Às vezes, o governo abria trabalho de estrada, mas pagava muito pouco, não dava pá nada. Quando eu cheguei no Brasil, eu queria trabalhar muito, comecei a trabalhar por conta própria, sem dependência de patrão, então, na realidade sou feliz aqui, mas foi com muita luta, muita garra. Às vezes, eu tive vontade de desanimar, igual a muitos que voltaram para Cabo Verde ou foram para Europa.

Você nota alguma diferença nos descendentes de imigrantes caboverdianos?

Bem, tem que gosta e tem que não gosta. Assim, sempre que possível, a gente faz uma festa, mas tem caboverdiano que não quer saber da nossa cultura. A gente sabe que é bom que os caboverdianos estejam juntos, conversando, brincando, para que nossos filhos acolhem a nossa cultura. Se não, isso vai acabar porque não vêm mais caboverdianos pra cá. É bom que haja boa convivência entre a comunidade e os estudantes, porque eles trazem a cultura original, nos fazem lembrar, e, por serem jovens estimulam nossos filhos. Imagina, se muitos descendentes não participam das festas, se os estudantes não participam, isso acaba, a gente tá ficando velhos, quem vai levar isso pá frente são eles, não é?

O que você acha do pouco envolvimento da descendência na vida da comunidade?

Claro que fica aquele ciclo vicioso. Se ele não frequenta, isso acaba, mas tem muitos descendentes que gostam, já teve até presidente da Associação, só prá ver, mas a participação é pouca.

Sr. José, em que você não se sente mais caboverdiano?

Aha, isso é uma coisa muito complicada. Eu vivo, aqui, há 44 anos. Cheguei com 21 anos e regressei a Cabo Verde depois de completar 36 anos, mas só fui uma vez. Então, muita coisa muda, tenho mais tempo daqui do que de lá. Eu acho que perdi muita coisa. Já não conseguia viver em Cabo Verde, a gente acostuma aqui que é muito diferente de lá. Bem, na verdade, nossa terra fica na lembrança. A gente não fica a mesma pessoa, mas a gente não perde nossas raízes. Aqui a gente tá sempre junto, convivendo, conversando. Então, não tem como esquecer.

O que mudou em seu comportamento, ou seja, em sua vida?

Bem, eu sou trabalhador, vivo bem aqui, a gente não esquece que no passado fomos pessoas pobres, que a gente vivia da agricultura, que tudo começou ficando seco por causa da escassez da chuva. Bem, na verdade, a gente dependia da chuva, mas aqui que é um país de comércio, a meu ver, uma pessoa que cortou laços com a terra, com a família, ele não continua sendo a mesma pessoa vivendo no Brasil. Então, a gente aprende a ser como brasileiro, a gente fica diferente. Se a gente voltar, a gente vai querer olhar nossa terra como se fosse brasileira, aí não dá, não. Então a gente muda, a gente não tem a mesma cabeça. A gente fica mais brasileiro que caboverdiano.

Sr. José, em que sentido Cabo Verde é diferente do Brasil?

Artur, há diferença. Por exemplo, você age de uma forma diferente quando você encontra um caboverdiano e um brasileiro. O tratamento é diferente, porque você sabe que são diferentes. Isso a gente aprende com o tempo. Bem, brasileiro leva tudo na desportiva, na brincadeira, mas caboverdiano é reservado, não gosta de brincadeira. Então, são diferentes, mas aqui a gente leva tudo na brincadeira, mas na nossa terra é bem diferente, entendeu? Quando saí da minha terra, educação era fraca, saúde era fraca. Então, a gente muda, são novos hábitos, é tanto que aqui ninguém vive de plantação.

Como a sociedade brasileira vê a comunidade caboverdiana no Rio de Janeiro?

Agora, você me pegou de surpresa, talvez até por ter ficado muito tempo aqui, que eu nem sei como a sociedade brasileira vê a gente. Bom, eu vejo assim: todo o mundo sabe que não somos brasileiros, até nos chamam de caboverdianos, mas no meio deles a gente passa como brasileiros. Bem, as pessoas daqui nos dão força, apoio. Muitos participam das nossas comemorações, dos enterros, das festas. Isso é uma garantia da boa convivência entre a gente e os brasileiros, e têm que come cachupa, tem que é casado com caboverdiano. Somos abertos, às vezes nossas festas têm mais brasileiros que caboverdianos, apesar da diminuição de caboverdianos, pois a maioria já morreu.

04. Transcrição de entrevista feita com Dona Armanda⁽¹⁹⁾, uma imigrante caboverdiana.

Dona Armanda, como são seus hábitos?

Bem, faço cachupa, faço muita comida típica, mas hoje em dia, faço pouco; meus filhos não comem, não! Bem, quando eram crianças comiam; eu fazia e dava para eles comer; mas agora, não comem não! Ah! filhos de caboverdianos não querem nada, não querem nada mesmo. As vezes faço comida típica, para eu e meu marido. Ah, filhos de caboverdianos não querem nada, tão afastados da Associação; meus filhos não querem saber das nossas raízes. Eu acho que vão ter sempre descendentes que não vão gostar da cultura, mas outros vão olhar com reconhecimento, mas eu acho, assim, que chegamos aqui, a gente fez a nossa parte, agora eles são maiores, a gente não pode fazer nada.

Como são as festas caboverdianas no Rio de Janeiro?

Primeiro, é que, se for na associação, geralmente cada caboverdiano leva um prato de casa. Eu costumava fazer uma panelada de cachupa, mas cachupa; bem, você é caboverdiano, você sabe, cachupa é muito trabalhosa, então, agora faço pouco; não dá mais pá carregar panela no ônibus, mas já fiz muito. Assim, quando temos um almoço comunitário, geralmente faço bolo de aipim, doce. Às vezes, a gente contribui com algum dinheiro, e aí, a gente faz churrasco que todo o mundo gosta e come a vontade. Aí, a gente dança nossas músicas, a gente dança morna, coladeira, morna, né; a gente dança músicas daqui, quer dizer, forró, pagode; assim, né, músicas daqui e músicas da nossa terra, né; como sabe, nossos filhos são brasileiros, então, a gente tem que cativar eles, né, imagina, já são afastados, então, a gente vive do nosso jeito, que é diferente de Cabo Verde.

Você fala o crioulo?

Não. Esqueci o crioulo, mas *lá é que di nós*⁽²⁰⁾. Quando os estudantes vinham prá cá, mais vezes, obrigava a gente a recordar nossa língua, porque eles só falam em crioulo, mas agora vêm pouco, então a gente esquece. Aqui a gente não fala o crioulo, não.

Dona Armanda, porque você esqueceu o crioulo?

Bom, né, a gente tá aqui; em Cabo Verde só se fala em crioulo, então, a gente tinha problema de português; e aí, a gente tinha que aprender o português, dominar a língua portuguesa pá evitar discriminação; tudo aqui é português; sabe, o crioulo é semelhante ao português, então o crioulo atrapalha; nossos filhos são brasileiros, eles têm os mesmos direitos que os nativos; Aha, a gente não queria que nossos filhos fossem discriminados na escola, na sociedade brasileira, né, então, optamos pelo português; sabe, como caboverdiano se adapta rápido, então não tivemos muitos problemas, né; Aqui a gente passa por brasileiro, mas para quem nos conhece desde que chegamos aqui, já sabe que a gente não é daqui, né. Bom, esqueci muita coisa, sabe, não lembro muita coisa, não.

O que você lembra de Cabo Verde?

Artur, eramos onze irmãos, meu pai dizia que quando morrer queria deixar cada um no seu cantinho; eu vim ao Brasil pá juntar com minhas duas irmãs. Eu era a casula, a mais novinha, como a gente vive de plantação, mas como chupa escasseou, aí eu falei para o meu pai que queria vim para o Brasil. Minha irmã mais velha tava aqui, aí ela me mandou carta de chamada, aí eu vim; tenho duas irmãs em Portugal, tenho nos EUA, e tem lá em Cabo Verde. Assim, cada um tomou seu rumo; eu tinha duas irmãs no Brasil, mas uma foi atropelada e a outra mora em Mesquita. Papai fazia criação de animais, mas menos vaca. Papai criava cabra, galinha, porco, menos vaca.

Porque seu pai não criava vaca?

Bem, papai fazia criação de vaca, mas uma vez choveu muito, veio ribeira e carregou todas as vacas; aí meu Deus, que tristeza; papai nunca mais criou vaca. Bom, né, papai criava cabra, galinha, porco, menos vaca, mas eu não comia carne fresca, nunca comi carne fresca; até hoje, não como carne fresca; não sei porque; até hoje não como carne fresca. Então, papai matava animais, ele sabia que eu não comia carne fresca, então, ele salgava carne, deixava secar ao sol, pá eu comer.

⁽¹⁹⁾ A. M. N., natural da ilha de São Nicolau, nasceu em 28/08/1939, 65 anos. Chegou no Rio de Janeiro em 07/11/1960 com 21 anos; casou com um caboverdiano no Rio; regressou a Cabo Verde em 1995; residente em Grajaú, cidade de Nova Iguaçu. Entrevista feita em 29/05/04.

⁽²⁰⁾ Lá é que di nós: este termo significa que Cabo Verde é a verdadeira pátria.

Em que a senhora não se sente caboverdiana?

Depende, olha só, eu sou caboverdiana, mas a gente esquece muita coisa, aqui a gente não fala o crioulo, então, eu acho que perdi um pouco de Cabo Verde, mas a gente nunca esquece nossa terra, aonde nascemos, crescemos; a gente não esquece nossas raízes; bem, lá em Cabo Verde os caboverdianos dizem que quem não fala o crioulo não é caboverdiano, a gente fica sem jeito, né. Mas, eu sou caboverdiana. Eu acho que a gente não perde nossas raízes, não sei se deu pra entender, aqui é nossa terra, nossos filhos são brasileiros, já viu, Cabo Verde fica na nossa memória. Deu pra entender? ou ficou confuso? Aqui temos nossa associação, é lá que a gente se junta pra recordar nosso passado, ou quando a gente faz uma festa em casa.

A senhora achou alguma diferença quando regressou a Cabo Verde?

Bom, né, saí de Cabo Verde novinha, e, quando voltei pela primeira vez depois de completar 35 anos no Brasil, encontrei tudo seco, não tinha chovido; Aha, meu Deus, que tristeza. A gente tinha muitas terras de regadio, como chuva escasseou, ficou tudo seco, já não havia plantação, né; a gente só via rochas secas, como as plantas morreram! Artur, aonde meu pai cultivava batata, mandioca, cana, tinha água de nascente, lá era verdinho, verdinho mesmo, mas achei tudo seco. Quando saí de lá, chovia pouco, mas dava para garantir uma colheita, então, deixei tudo verdinho; quando retornei de férias tava tudo seco, que tristeza; a gente só via rocha seca. Sabe, saí de lá muito triste, não sei se volto mais na minha terra. Bom, em Cabo Verde, as pessoas só falam em crioulo, eu ia falar em crioulo, mas saía o português; então eu desisti, e, falei só em português; achei estranho porque eu não conseguia falar igual a eles, sabe, quando saí de lá, eu falava do jeito deles, você não acha? Mas a gente esquece muita coisa, mas nossa terra é nossa terra. Os caboverdianos acham engraçado quando a gente fala brasileiro, eles entendem o português, mas não falam; lá é gostoso mesmo, tudo naquela alegria, naquela paz, ninguém pensa coisas erradas, lá é nossa terra, se nos expulsar daqui vamos prá nossa terra, né, mas a gente acostuma aqui, quer dizer Brasil é nossa terra, nossos filhos são brasileiros, mas a gente não esquece nossos hábitos, nossas comidas, nossas danças, aqui todo o mundo é amigo um do outro, sabe!

Você trabalhou antes da sua partida para o Brasil?

Não, vida em Cabo Verde tava difícil, mesmo, então, a gente tinha que procurar a vida fora de lá; a gente era onze irmãos, a gente vivia de plantação, quer dizer a gente dependia da graça de Deus, da chuva, como dizem lá; digamos assim, a chuva começou a escassear, a vida ficou difícil, aí, a gente tinha que procurar esse melhoramento fora da nossa terra. Os recursos que a gente tem na nossa terra são muito poucos também, né, porque a gente vive de agricultura, então, não tinha trabalho prá ninguém; sei lá, melhor, mas assim, sem condições nenhuma você acaba saindo, pá procurar um trabalho que desse possibilidade de crescer, de melhorar de vida, mas a gente acaba ficando, não só pela remuneração que é muito baixa, aqui, né, mas por ganhar pouco, não dá pá voltar pá Cabo Verde, imagina uma empregada doméstica.

Que motivos levaram a Sra. a fixar residência no Rio de Janeiro?

Artur, quando cheguei aqui, minha intenção era voltar pá minha terra, como sabe, a gente saiu da nossa terra sem uma profissão, escola era fraca, né, com sabe, sou analfabeta, né. Então, nosso salário era muito pequeno, porque uma empregada doméstica ela tem não só que sobreviver como ela tem também que se apresentar, se vestir, ir pró trabalho. Aí, vem os filhos, participar de coisas é difícil, é impossível quase você sair de casa, aí você casa e tem que cuidar do marido e dos filhos. Muito desestimulante, né. Os recursos que a gente tem são muito pequenos também, né, então a gente tem que comprar as coisas, construir a casa, botar os filhos pá estudar. Se você trabalha numa casa de família que você não ganha muito dinheiro, mas que você tem um lugar super agradável de você trabalhar você realiza coisas, você cresce materialmente, você pode até muitas vezes fazer paralelamente outras coisas prá poder, né ganhar dinheiro, então meu padrão me tratava que nem filha. Casei e fiquei cuidando da casa e ajudando meu marido que trabalhava numa oficina pública, e hoje têm pensão.

Você acha que seu comportamento mudou no Rio de Janeiro?

Sim, muita coisa muda na nossa vida; quando cheguei tinha medo de andar de trem, mas hoje não; muita coisa muda na nossa vida; a gente aprende hábitos daqui; bom, agora não passa pá cabeça morar em Cabo Verde, então, a gente esquece muita coisa. Quando cheguei aqui, não comia feijão preto, né, mas aprendi a comer. As realidades são diferentes, a forma de ser é diferente, né, então, a gente aprende a com os daqui, né; como sabe, aqui a exigência é outra, né, então, quando a gente tá com caboverdianos a gente sabe que é caboverdiano, mas quando a gente tá entre brasileiros, a gente já sabe que é diferente. Então, a gente passa por brasileira, né; que é diferente, né, então a gente vive hábitos daqui e de lá.

Você pensa em retornar para Cabo Verde?

Aha, definitivo nem pensar; não dá mais pá viver em Cabo Verde, aqui tenho minha família, meus filhos, meu marido, a casa; meu marido trabalhou numa firma, tem pensão. Agora não passa pa cabeça morar em Cabo Verde. Cabo Verde não tem o que temos aqui, a vida lá é muito difícil, a gente tinha que começar tudo de novo, então, tá vendo que não dá, mais pá viver em Cabo Verde. Bom, agora, Brasil é nossa terra; fui lá uma vez, saí de lá com muita tristeza, a gente vive de plantação, chuva escasseou, então não dá pá viver na nossa terra, é tão diferente daqui, né. Tenho uma irmã em Cabo Verde, ela já veio me visitar, ficou aqui três meses; já fui pá EUA e Europa visitar minha família. Bom, a gente não esquece nossos costumes, aqui a gente vive como se estivesse na nossa terra.

Observação social: A entrevistada fuma canhoto, ou seja cachimbo, assim como em Cabo Verde. Ela fala com sotaque da ilha de origem e usa alguns termos em crioulo como sendo português, dada a sua semelhança.

05. Entrevista feita com o Sr. Domingos⁽²¹⁾, um imigrante caboverdiano.

Sr. Domingos, o que te levou a sair de Cabo Verde?

Eu saí não porque era pobre, não! saí por influência, muitos estavam saindo, então eu saí; olha que eu não saí muito novo, não!

O Sr. retornou a Cabo Verde?

Ah, com certeza. A primeira vez que visitei minha terra foi em 1995; nem sei porque fiquei tanto tempo aqui; bem, na verdade a passagem é muito cara, dinheiro daqui é fraco, mas eu amo a minha terra, se quiser arrumar um inimigo é só falar mal de Cabo Verde.

Em Cabo Verde, você tinha alguma profissão?

Não, não tinha profissão; na verdade ninguém tinha, não; escola era fraco, mas eu fiz 2º grau (4ª série antigo), a gente vivia de plantação, a gente trabalhava na horta, mas a chuva escasseou, as coisas começaram a ficar pior, muita gente tava saindo, então eu saí. Eu não tinha pessoal de família aqui, mas conhecia muita gente, tinha amigos. Quando cheguei trabalhei na oficina, depois numa fábrica, hoje recebo minha pensão. Aqui eu me dei bem graças a Deus; tenho minha casa, minha família, tudo tá aqui.

Você achou alguma diferença quando retornou a Cabo Verde?

Muita coisa mudou; quando sai de lá, não tinha rua calçada. A gente andava a pé, de burro; hoje em dia tem carro, tem estrada boa, mas eu preferi andar a pé. Meu sobrinho tem carro, então, ele queria que eu andasse de carro, mas eu preferia andar a pé, porque assim, eu ia cumprimentando uns velhos amigos, conversando, assim, recordando o passado.

O que você lembra de Cabo Verde?

Saí de Cabo Verde, no dia 12/11/1960, cheguei no Rio de Janeiro, no dia 22/11/1960, nunca esqueci; foram sete dias de navio. Não lembro quase nada, mas eu amo a minha terra.

Em que aspecto você não se sente caboverdiano?

Ai, ai, ai, se eu considero caboverdiano; sou caboverdiano, caboverdiano; se alguém quiser arrumar um inimigo é só falar mal de Cabo Verde, não de caboverdianos. Às vezes, tem algum por aí que começa falando dum jeito estranho. A gente já sabe que vai falar mal, prefiro não continuar conversa, sai de lá; Bem, a não ser se saiu com raiva de Cabo Verde.

Você se naturalizou brasileiro?

Não, naturalizar para que? Tem muitos aqui que é naturalizado, mas aqui em casa ninguém naturalizou não; fui pá Cabo Verde, não tive problema com passaporte, então, para que naturalizar?

Na sua opinião, os filhos dos imigrantes assimilam bem a cultura caboverdiana?

Difícilmente, filhos de caboverdianos são afastados da associação, filhos de caboverdianos não querem nada, não querem nada; aqui em casa não querem saber da cultura de Cabo Verde. Bom, têm caboverdianos, aqui, que não querem saber de Cabo Verde, não vão nas festas, tem muitos aqui que parecem revoltados, parece que saíram com raiva de Cabo Verde.

O que mudou em seu comportamento, ou seja em seus hábitos?

Bem, aqui, a gente leva tudo na brincadeira, a gente não arruma confusão com ninguém, a gente leva tudo na brincadeira, assim como brasileiros. Aqui, dou bem com todo o mundo, todo o mundo me conhece, todo o mundo é meu amigo.

Aqui trabalhei numa fábrica, tenho diploma de bom comportamento, hoje tenho pensão; tá vendo, vivo aqui como brasileiro. Aqui a gente não fala o crioulo, mas a gente faz cachupa, não como antigamente que era todo o dia.

⁽²¹⁾ D. G. B., natural da ilha de São Nicolau, nasceu em 25/07/1926, 77 anos; chegou no Rio de Janeiro em 22/11/1960 com 24 anos; casou com uma caboverdiana no Rio; regressou a Cabo Verde em 1995; residente em Grajaú, cidade de Nova Iguaçu. Entrevista feita em 29/05/04.

Porque você não fala o crioulo?

Esqueci, a gente esquece, né; a gente vive no meio de brasileiro. Bom, na empresa aonde trabalhei, eu era o único caboverdiano, então, a gente esquece.

O que representa a Associação Caboverdiana para a comunidade?

Bom, a Associação foi criada por imigrantes. Agora, quem sabe mesmo, é José Beto; porque você não fala com ele? Ele é que sabe mesmo; bem, ele é antigo aqui, ele tem todos os documentos; associação tá registrado no cartório, como Associação Caboverdiana; o nome já diz tudo, é uma associação; não pertence a ninguém; é de caboverdianos; é de qualquer um; é só dizer que é caboverdiano, se não tiver lugar pá ficar, fica na associação, associação é nossa.

Como é que surgiu a idéia para criar uma associação?

Aha, bom, os antigos, quer dizer, os que chegaram, aqui, na década de 20, reuniam na casa de patrícios pá programar alguma festa, como sabe caboverdiano gosta de festa. Bom, quando cheguei aqui em 1960, os antigos já vinham se reunindo a muito tempo na casa de patrícios, pá programar alguma festa, pá comemorar a independência. Faziam festa na casa de patrício, mesmo, mas não ia para frente, começava acabava. Assim, começamos a pensar que precisávamos de um lugar para reunir os caboverdianos, pá não perdermos nossas origens. Aí, decidimos criar um lugar pá reunir os imigrantes, para recordar nosso passado; compramos terreno, capinamos, construímos o edifício com as nossas próprias mãos; como sabe, caboverdiano não tem medo de trabalho, todo o mundo é trabalhador, assim cada um fazia uma coisa. Lembro que um dia a gente tava capinando, saiu uma cobra; nunca esqueci, tinha muita cobra, lá era só mato, tinha muito capim. Por isso, a gente fala que a Associação é nossa.

Os imigrantes receberam ajuda do Governo para a construção do prédio?

Não, foi com ajuda de patrícios, cada um fazia uma coisa, uns capinavam, outros erguiam parede. Cada um fazia uma coisa, nada de ajuda de governo. Bem, ultimamente, era no período de campanha, o primeiro ministro veio aqui; viu que ainda temos muito trabalho a fazer, então ele deu uma ajuda de 2000 dólares, nada mais. Recebemos doações de muita gente, amigos, empresas, mas nada de ajuda de governo.

Que relações a Associação mantém com o governo de Cabo Verde?

Bom, aqui a gente vota pá eleger o Primeiro Ministro e o Presidente, geralmente eles só vêm aqui no período de eleições, mas não fazem nada pá gente, nem pá nossos filhos. Então no dia da eleição, os caboverdianos votam e a gente faz a contagem e envia pá Cabo Verde.

Porque construíram o edifício em Mesquita?

Porque a maioria dos caboverdianos mora em Mesquita; o terreno era mais barato, assim ficava mais fácil cada um contribuir com mão de obra.

Como fazem para eleger o Presidente da Associação Caboverdiana?

Não tem eleição; não tem um prazo fixo pá presidente; você fica até quando quiser, José Beto ficou quase 20 anos, ele é um dos fundadores da Associação. Os documentos estão com ele, depois dele veio o Raimundo, ele ficou 3 anos, mas demorava a organizar uma festa; associação estava acabando; Agora temos o Pedro, que é irmão de Ilda, casada com Antônio de Santo Antão, ele tem feito muita festa. Qualquer um pode ser presidente, até você; desta vez o presidente foi substituído.

Quais são os membros que constituem a Associação?

Tem o diretor do patrimônio, ele é responsável pela conservação do prédio, é responsável pelo patrimônio, ele é responsável por cada prego, qualquer coisa é com ele; lá é casa de Cabo Verde, é só falar que é caboverdiano que tem entrada livre; hoje vai ter uma festa caboverdiana, cada um leva um prato para ser vendido na barraca. O dinheiro arrecadado é para a festa da independência em Julho. Assim, ninguém precisa pagar nada. Em junho a gente está programando festa junina pá angariar fundos.

Esta festa é só para caboverdianos?

Não, não, é uma festa aberta, não tem essa não, vai muito brasileiro prá lá, às vezes tem mais brasileiro que caboverdiano, nossos filhos são brasileiros, né, então, é uma festa aberta.

Os imigrantes contribuem com alguma cota para o sustento da Associação?

Uma vez propomos 5 reais, mas ninguém contribuía, não. Muitos afastaram da Associação, assim acabamos com a cota. Quando a gente faz uma festa cada um leva um prato para ser vendido na barraca, é uma contribuição livre.

O que significa a Associação para a Comunidade Caboverdiana?

A associação já diz tudo, é uma associação, não é de ninguém, é registrado no cartório, no território brasileiro, como associação caboverdiana, no Rio de Janeiro, lá não acaba não, lá é dos filhos dos caboverdianos, dos netos, assim, aquilo não acaba não, é herança dos antepassados.

06. Transcrição de entrevista feita com Maysa⁽²²⁾, filha de imigrantes caboverdianos, juntamente com sua mãe Dona Francisca e seu pai Sr. João.

Maysa, que imagens você tem dos imigrantes caboverdianos e de Cabo Verde?

Imagens! Olha só! Eu não tenho medo de falar, não! Falo mesmo! Bom, né, na realidade eu sempre fui nas festas de caboverdianos; minha mãe criou a gente no meio de caboverdianos; fui criada no meio de caboverdianos. Eu não tenho vergonha não! Como cachupa, funguim, caldo de peixe, cuscuz, batata assada, ah, ah, não tenho vergonha não; gosto das comidas de lá, falo mesmo; eu sei fazer comida de lá, minha mãe, criou a gente na cozinha, a gente foi criado dentro de casa, minha mãe não trabalhava, bem! Trabalhava em casa, meu pai na loja; já fui muito para festas de caboverdianos, bem, né, atualmente tou afastada da associação; quer dizer, uma vez era melhor, os caboverdianos faziam festa, convidava a gente, era muito caboverdiano, a gente dançava; olha que eu sei dançar morna, coladeira, ah, ah; já dancei muito.

O que representa a Associação para você?

Associação! Nada, pra mim associação não existe; há dias o João da Associação, meu amigo de infância; criamos juntos, né; a gente sempre tava nas festas; a gente tava sempre no meio de caboverdianos; ele me chamou pra ir lá, pra dá uma força; falei pra ele que a associação podia ser melhor; tem muitos filhos de caboverdianos que estudaram; tem psicólogos, médicos, assistentes sociais, até advogados. Já sugeri pra eles, que a gente podia desenvolver ação social, só festa não dá, não! Então, faz tempo que não fui lá; bem; como eu tava falando, filhos de caboverdianos estudaram. A gente podia transformar a associação num espaço social, cada um podia dar uma consulta pra comunidade; só festa; já cansei de festa, pra mim associação morreu, acabou; meus pais não vão! Eles que são caboverdianos não vão, imagina!

Dona Francisca:

Mas sempre levei vocês pá festa de caboverdianos; tenho que cuidar da casa, lá é longe, sempre levei vocês.

Maysa:

Também, era só pra festa de caboverdianos; eu não tenho medo de falar, não! Falo mesmo, mamãe não deixava a gente sair; e meu pai! Nossa! A última palavra era dele; então, sabe, sei tudo das festas, a gente vivia no meio de caboverdianos, eles contavam histórias de lá, ficava recordando das festas; parece que é festa de santos, passavam até 3 dias na festa; olha só! Meus pais não se conheciam, não! Meu pai tava aqui, minha mãe lá; e olha lá, são de bairros diferentes, meu pai foi de fêria, encontraram numa festa, olha só!

Dona Francisca, o que você lembra disso?

O que eu lembro, muita coisa, muita coisa mesma, ah, bem! Conhecemos, mas não rolou nada; lá em Cabo Verde, tinha que pedir em casamento, não era como agora não! O namoro durava até 3 anos, sem relação, né. Fui criado com respeito, muita educação, com respeito mesmo. Aí, ele tava de férias, conhecemos na festa de Santo Antônio no Paul, era festa mesma. Vinha gente de todas as ribeiras (bairros), era três dias de festa, aí, ele voltou pra cá, eu fiquei lá; ficou escrevendo, todo o mês chegava carta, assim; o irmão dele vivia falando dele pra mim, não sei porque! Eu tava na flor da idade, garota ainda, então, ele ficava falando, falando dele pra mim; ele escrevia, mandava carta todo o mês, aí, casei por procuração e vim pra cá, tou aqui até hoje, nunca fui lá.

Dona Francisca, o que você lembra da festa de Santo Antônio?

O que eu lembro, a gente dançava, ia pra missa, procissão, assim, então, a gente vivia nossa juventude, daquele jeito, assim, todo o mundo na festa, naquela paz, amor, muito carinho, carinho mesmo. Você já foi ao Paul? Fica, fica pertinho de Janela, onde nasci, fica perto de lá, a gente andava a pé, não tinha estrada não, como agora, era só na rocha, a gente subia, descia; a festa de Santo Antônio, dia 13 de Junho, vinha gente de toda a ilha; conheci meu marido lá, ele é de Ribeira Grande, bem longe, a gente dançava, não lembro muita coisa não! Tou aqui; nunca fui lá, não.

⁽²²⁾ M. S. R., 30 anos, brasileira, separada de um estudante caboverdiano, filha de João J. R., casado por procuração, comerciante; natural da lha de Santo Antão, nasceu em 02/04/1929, 75 anos, naturalizado brasileiro; chegou no Rio de Janeiro em 22/02/1958 com 29 anos; regressou a Cabo Verde em 1966 e 1980. Filha de Francisca M. S., natural da ilha de Santo Antão, nasceu em 28/02/1940, 64 anos; chegou no Rio de Janeiro em 27/01/1967 com 27 anos. Maysa é moradora em Grajaú, cidade de Nova Iguaçu, nunca pensou em visitar Cabo Verde. Entrevista feita em 15/11/03.

Maysa, o que poderia ser feito pela Associação?

Oh, eu trabalho numa empresa, na área de recursos humanos, faço muita dinâmica; tou falando muito, meus pais falam que eu falo muito; bem, na empresa a gente tem uma atuação, interdisciplinar, né, quer dizer, é um trabalho que você, vários profissionais trabalham juntos, você sabe, você é psicólogo; bem, a gente podia fazer atividades com caráter social, entende! Assim, só festa não dá, tou cansada de festa, já dancei muito; caboverdiano mesmo tá afastado da Associação. Uma vez era festa em casa, mesmo; os caboverdianos faziam festas, convidada a gente; olha, são muito unidos, muito solidários; agora, tem uma coisa, caboverdiano é muito rígido, muito autoritário, meus pais criou a gente em casa; minha mãe tá aqui, ela sabe.

Dona Francisca:

Eu nunca gostei que minhas filhas fossem pá boate, essa coisa de boate não, sair a noite, nem pensar; criei minhas filhas com educação, nunca gostei dessa coisa de sair a noite, ir pá boate, então, fui criada assim; ensinei minhas filhas a fazer tudo, nunca trabalhei fora, mas trabalhava em casa, fui criada assim; meu marido na loja, eu ajudando ele, esperar as crianças crescer; eu sozinha, meu marido na loja, eu cuidando das crianças; levava pra escola, ia pegar de novo, a vida não foi fácil não, tá vendo!

Como é que eu ia pá Cabo Verde, muitos acham que estrangeiro é um mar de rosas, foi muito sacrifício, pra ter a vida que a gente tem hoje! Meu marido e eu trabalhando, criando os filhos, esperando eles crescer, como é que eu ia pá Cabo Verde.

Maysa:

Bem, mamãe trabalhava muito, olha aí (referindo ao tamanho da casa), eu falei pra eles que eu não vou criar minha filha assim, não! Daquele jeito não! Né, não assim; mais livre, do jeito de caboverdiano não, como me criaram, nem pensar; caboverdiano é autoritário, meu pai trabalhava em casa, minha mãe em casa, olha só! A última palavra era deles, até hoje; bem, já mudaram bastante. Eu fico conversando com eles; caboverdianos é a mesma coisa, são todos iguais; até que é legal, porque investiram na educação dos filhos, botaram os filhos pa estudar, até foi bom, filhos de caboverdianos estudaram, muitos cursaram uma faculdade; tem médicos, psicólogos, advogados, tem de tudo, ouviu, tou falando muito; como eu falei, a última palavra era do meu pai; bem, são solidários, muito unidos, as pessoas aqui notam e falam.

Quando um caboverdiano morre, como os imigrantes se comportam?

Tou falando muito, nossa conversa não vai acabar; são muito solidários, ficam de luto, olha só! Vestem de preto, não sai de casa, não vão pra festa da associação, por isso que associação ta acabando, ninguém vai não, não adiante chamar; minha mãe fica até 6 meses de luto; engraçado, quando morre uma pessoa que ela não viu há 40 anos, ela chora, não sai de casa, fica de luto. Os caboverdianos choram muito; não adianta chamar, incrível, são todos iguais, são cabeça dura, ninguém vai; o pior é que todas as vezes que programa uma festa, morre alguém, aí fica até três meses pá programar outra festa. Casei com estudante caboverdiano, mas sou separada.

Você notava alguma diferença entre ele e você?

Diferença, ah, ah; já falei que caboverdiano é muito diferente da gente; há muita diferença, sim, de comportamento nem se fala; como eu falei são autoritários, última palavra é deles, não adianta, comigo não rola não; começou traição, bem, né; a gente não dava mesmo, eu não ia suportar, sou brasileira, caboverdianos são eles, minha mãe ta aqui; tenho uma filha, ela tá aqui oh! Muitos estudantes tiravam onda com a nossa cara; a gente perguntava pra eles, porque não trabalhavam, só viviam na gandaia; sabe o que falavam! A gente ganha pá estudar, enquanto a gente tava ralando pá cursar uma faculdade, trabalhando ainda; Cabo Verde nunca fez nada pá filhos de imigrantes, como fazem pra vocês; vocês têm bolsa, tem estudante que vinha pra cá e ficava tirando onda com a nossa cara; sabe, tirando onda, é brincadeira, tirava onda, tem que chegava falando! Vocês ralam pá caramba; a gente ganha pá estudar; quando cortou a bolsa deles, muitos vinham pra cá pedir ajuda; bem, né, caboverdiano é assim mesmo; não guarda rancor, então vinham comer aqui, fica até semanas aqui; alguns vinham passar férias aqui; meus pais ainda faziam pra eles; bem! Caboverdiano não guarda rancor, então, meus pais ainda os ajudavam; vinha pra cá comer e passar férias aqui; bem, caboverdiano é amigo de patricio.

O que você acha que poderia ser feito para os filhos dos imigrantes caboverdianos?

Olha só, Cabo Verde podia dar bolsa para filhos de imigrantes; você não acha? Eles são de lá, não vejo diferença não; vocês nasceram lá, a gente nascemos aqui, né, então, para mim é mesma coisa, não faz diferença não.

Você já pensou em conhecer Cabo Verde?

Ir pra Cabo Verde; nunca pensei, nunca pensei, interessante; olha só, minha mãe nunca foi, quase 40 anos aqui; meu pai foi lá duas vezes, nem sei falar o crioulo, eles não falam. Minha mãe nunca falou de lá pra gente, eles não falam não, só falam das festas deles, ficam recordando, a gente escutava, riam.

Dona Francisca:

Esqueci Cabo Verde, esqueci o crioulo, nunca voltei lá, ah, ah, o que vou fazer lá, meus pais morreram, eu tou aqui, então! Toda minha família morreu, bem, tenho uma irmã lá ainda, minha família acabou; caboverdianos esperam lembrancinhas. Vida aqui não é fácil não, meu marido trabalhando na loja, eu cuidando da casa, educando meus filhos, esperar eles crescer; Cabo Verde nunca deu nada pra gente, aqui, nunca fez nada pá gente, nunca, nunca mesmo; eu tinha que levar meus filhos pra escola, mandar pá cursar faculdade, sacrificando mesmo; caboverdianos acham que estrangeiro é um mar de rosas; agora, não esqueci as comidas, ao mesmo tempo em que fazia comida de lá, aprendia a fazer a fazer comida daqui, fazia daqui, fazia de lá; ensinei minhas filhas a fazer tudo.

Sr. João:

Para que entrevistar a gente! Para que Cabo Verde quer isso! Nunca fizeram nada pra gente. Saí da minha terra sem nada, vim parar aqui com ajuda de amigo, cheguei aqui, mandei telegrama de Santos pro Rio de Janeiro; quando tou no Rio, então, cheguei no Rio, patrício tava me esperando, vim pra cá, tou aqui até hoje; quando cheguei fiquei na casa de patrício, trabalhei na oficina, então, dinheiro daqui era fraco, mas era melhor; não tinha ninguém de família aqui, não conhecia ninguém, vim pra cá; agora, antes de vim pras cá, eu já tinha ido pra Angola, antes de vim pra cá, né, entendeu! É esse aí, voltei pra minha terra com intenção de ficar, né, mas vida tava difícil pá caramba, aa, nunca esqueci, plantei 40 litros de milho, quando plantação tava bonita, cheia de flores, botando espiga, ai meu Deus! Veio mau tempo, no dia seguinte não tinha nada, destruí toda plantação, de noite tava bonita, no dia seguinte não tinha nada; foi um desgosto tão grande, então, eu falei, aqui não fico; o problema da nossa terra é, quer dizer, é bruma seca, chove pouco, quando chove, vem aquela chuva de gavanhote, e, acaba com a plantação. Saí de lá, vim pra cá; na época tava aberto imigração pro Rio, alistei, vim pra cá, daqui, até morrer.

Sr. João, como foi o trabalho aqui no Rio de Janeiro?

Bem, lá em Cabo Verde, eu já trabalhava no comércio, então, quando eu cheguei, trabalhei seis meses na oficina, pagava pouco, eu não tinha profissão; morei na casa de patrício, depois morei sozinho, bem, vida era melhor, né, aluguel era barato, tempo de cruzeiro, o dinheiro não valia nada, a gente pegava o dinheiro hoje, tinha que desfazer dele logo, porque amanhã valia metade, desvalorizava da noite pro dia; então, o negócio era comprar imóvel; aí, comprei meu terreno e fui fazendo esta casa; montei meu negócio, ainda, casa em construção, né; quando minha esposa veio pra aqui, ainda a casa tava em construção; a gente era trabalhador, então, patrício ajudava patrício, assim, fui fazendo pouco a pouco, e, tá vendo, é isso aí; daqui é até morrer, essa casa tem mais de 40 anos. Eu falei, que não ia trabalhar para os outros não; montei meu negócio, trabalho autônomo. Cabo Verde não fez nada pra gente, saímos da nossa terra, com aquela saudade de lá, aquela convivência, mas, fazer o que; a gente ainda era português, depois da independência, em 75, Portugal deu mais 10 anos pá Cabo Verde organizar, a gente aqui sabia que até 84 a gente podia saí de Cabo Verde, como Portugueses; vocês lá não sabiam, não! A gente aqui não tinha nada com consulado de Cabo Verde, e, em 84, o consulado de Portugal no centro, chamou a gente e falou, oh, a gente tá entregando Cabo Verde, vocês devem optar, pá Cabo Verde, Portugal ou Brasil. Conversei com minha família, e, naturalizamos brasileiros, somos brasileiros, tá vendo, agora voltar pá Cabo Verde, já não, daqui não saio; meu irmão mais velho morreu, acabou comigo, entrei em depressão, até hoje, meu único irmão; foi um desgosto, ainda choro quando lembro. Eu mandei carta de chamada pra ele vim pra cá, a esposa dele mora na outra rua. Cabo Verde ajuda você; no nosso tempo não tinha essa não, de bolsa, mas sou feliz de filhos de caboverdianos que vem pra cá estudar, a gente não teve essa oportunidade, sou orgulhoso mesmo, dizem que lá melhorou bastante.

Maysa, o que você acha sobre a questão da bolsa?

Bem, Cabo Verde podia dá bolsa pá filhos de imigrantes, eles são caboverdianos, meus pais tinham possibilidade, mandou a gente pá faculdade, eles ralaram muito; têm caboverdianos, aqui, que não tinham não; pagar faculdade não é mole não! Ta vendo, ela não pára de te oferecer um lanchinho, caboverdiano é assim, enquanto você não fizer um lanche, eles ficam insistindo.

Você acha diferença entre o comportamento dos filhos dos imigrantes e dos cariocas?

Para aí, eu sou carioca, caboverdianos são eles! Agora, há diferença sim; bem, filhos de caboverdianos estudaram, diferentes de brasileiros, muitos vivem na rua, não chega na faculdade; você não vê filhos de caboverdianos envolvido com problema de polícia; você não escuta dizer que ta envolvido com droga; assim, né, são na deles, como eu falei, caboverdianos criaram os filhos com muito rigor, com educação de lá. Eu acho até legal, porque se a gente olhar pá brasileiros! Eles ralaram muito, meus pais ralaram muito mesmo, pá dá tudo pá gente, olha que eu estudei na Gama Filho, pagando faculdade, não é mole não!

Maysa, seus pais guardam alguma lembrança de Cabo Verde?

Lembrança, eles tinham muita coisa aqui em casa, joguei bastante coisa fora, aa, a gente tem que mudar, né, não pode ficar assim, do mesmo jeito não, eu mesmo falei pra eles pá desfazer de muita coisa, ainda têm muita coisa aqui, um dia quando você vier com mais calma, mostro pra você, agora não, tou cansada, tou chegando do trabalho; eles recebiam carta quase todo o mês, de família, eles escreviam muito, mesmo, carta vinha, carta ia; agora não, acho que as pessoas morreram, pararam de escrever, agora é pouco, hoje tem telefone, né, escrever já não.

07. Transcrição de entrevista feita com José Eugênio⁽²³⁾, imigrante caboverdiano, sua esposa Maria Ana, o filho André e a filha Andréa.

Em que ano você chegou no Rio de Janeiro?

Bem, cheguei aqui em 1972, depois de mim não veio mais ninguém, bem disseram que depois de mim não veio mais ninguém.

O que você pensa sobre a comunidade?

Artur, a comunidade ta enfraquecendo, tem morrido muita gente. Os mais velhos, os antigos já morreram. Os que levavam a comunidade para frente morreram, isso vai acabar. Todas as vezes que programamos uma festa, morre alguém.

Qual a sua profissão antes de chegar no Rio de Janeiro?

Eu trabalhava na brigada quando o governo abria alguma obra de construção de estrada, mas eu não tinha profissão.

Você guarda alguma lembrança de Cabo Verde?

Aqui, eu tenho urim que mandei trazer de lá em 1999, mas falta o tabuleiro prá gente jogar; estou pensando mandar trazer um de Cabo Verde ou mandar fazer aqui mesmo. Vou mandar fazer um pequeno que dá pá fechar, assim como o de Eurico.

Quem é Eurico?

Eurico é um caboverdiano que mora por aqui mesmo. Antigamente, ele vinha aui sempre jogar urim, mas depois que a esposa dele morreu, ele deixou de vir, quer dizer ele vem poucas vezes.

O que você lembra do urim?

O uri é de uma planta que dá nas rochas. A gente não sobe nas rochas porque é muito alto, então, a gente deixa os bagos cair e pega. Muita gente tomava banho de mato pá defender da bruxa, mas aqui a gente não acredita mais não.

Você se considera caboverdiano?

Eu caboverdiano, mas gosto do Brasil, cheguei aqui com 15 anos, é só ver, tenho mais tempo daqui do que de lá. Bem, se Brasil joga com Cabo Verde, sou caboverdiano, mas se joga com Portugal sou brasileiro

Você acha alguma diferença entre o comportamento dos caboverdianos e dos cariocas?

Aqui, convivo com todo o mundo, trato todo o mundo bem, nunca arrumei problema com ninguém; sou uma pessoa de respeito, gosto de brincar que nem brasileiro. Ainda podemos confiar no patricio, sei que se eu arrumar problema com patricio, ele não vai me esperar na esquina, mas com brasileiro é diferente; a gente não pode confiar, eles são traiçoeiros se a gente arrimar briga.

Maria Ana dos Santos Mota⁽²⁴⁾, imigrante e esposa de José Eugênio

Você acha alguma diferença entre o comportamento dos imigrantes e dos estudantes?

Acho que há pouco entrosamento entre os estudantes e a comunidade. A gente já sabe que eles são caboverdianos porque chegam nas festas sempre em grupo, eles chegam e ficam nos seus cantinhos, formam panelinhas

O que você lembra de Cabo Verde?

Não lembro nada, pois vim de lá com 3 anos.

⁽²³⁾ J. E., natural da ilha de Santo Antão, nasceu em 03/01/1957, 47 anos; chegou no Rio de Janeiro em 07/02/1972 com 15 anos, casou com uma caboverdiana no Rio. Nunca regressou a Cabo Verde. Entrevista realizada nos dias 02/06/03 e 12/06/03. Teve a participação da esposa, e, dos filhos André e Andréa. Morador em Grajaú, cidade de Nova Iguaçu.

⁽²⁴⁾ M. A. S. M., natural da ilha de Santo Antão, nasceu em 24 de abril de 1965, chegou no Rio de Janeiro em 5 de março de 1969 com 3 anos. A avó mandou carta de chamada para a mãe. Nunca foi a Cabo Verde, no entanto considera mais caboverdiano que brasileira talvez devido a convivência com os caboverdianos.

Você tem alguma imagem a respeito de Cabo Verde?

A imagem que tenho de lá, é que os caboverdianos são muito solidários, muito unidos. Aqui, quando um morre todo o mundo vai no enterro, todo o mundo vai dar sentimentos de pêsames. Eles se juntam, coisa que no Brasil não tem. Eles ficam de luto, vestem de preto e não vão nas festas. Os brasileiros acham bonito, alguns dizem que os caboverdianos são solidários.

Você se considera caboverdiana ou brasileira?

Sou brasileira, cheguei aqui com 3 anos, mas me considero mais caboverdiana que brasileira, talvez porque fui criado entre os caboverdianos. Eles faziam muita festa, agora é pouco porque a maioria já morreu. Eu tenho nome dos meus avós.

Como são as festas no Rio de Janeiro?

Gosto de dançar músicas de dá, mas não tão agarradinho como os estudantes. Bem, como eu vim criança, não sei se no tempo dos meus pais eles dançavam assim. Acho que a dança evolui porque os caboverdianos não dançam tão agarradinho, parece uma dança sexual para quem tá de fora.

Você pensa em retornar a Cabo Verde?

Um dia vou lá, tenho familiares que moram na ilha do sal e em Santo Antão. Antigamente, minha mãe mandava dinheiro para o tio dela; todo o mês recebia cartas. Hoje em dia, quase que não escrevem porque os mais velhos morreram, além disso fica mais fácil falar por telefone.

Andréa, filho do casal

Talvez os estudantes estão trazendo a cultura de origem, porque os caboverdianos não dançam tão agarradinhos; talvez a música evolui em Cabo Verde e os caboverdianos ficaram para traz; gosto de dançar mas os estudantes dançam muito apertados. Gosto da cachupa, mas não com aquele montão de caldo, gosto dela guisada.

André filho do casal: Jogo uri e gosto da cultura de lá; gosto da cachupa guisada. As vezes vou nas festas, mas acho estranho como os estudantes dançam, os caboverdianos não dançam muito colado como os estudantes, parece uma coisa sexual.

08. Entrevista com José Beto⁽²⁵⁾, e dois descendentes (Raimundo e Antônio) durante a festa Junina na Associação.

O que você lembra de Cabo Verde?

Bem, vim pra cá ainda criança, servi militar e foi visitar minha terra depois de 40 anos, apesar de ter condições para ir de férias, até agora não consigo entender porque passei tantos anos aqui, sem visitar minha terra. Mas nunca deixei de reunir o pessoal para programar alguma festa, a gente sempre esteve juntos.

O que te levou a Cabo Verde depois de 40 anos no Brasil?

Fui visitar minha terra pela primeira vez em 1997 depois de ter vivido 40 anos aqui. Um dia tive um sonho que eu estava na Praia Branca aonde eu nasci. Quando acordei, senti tanta saudade que resolvi ir para Cabo Verde, falei a minha família que eu ia de férias para Cabo Verde, mas eles não acreditaram porque eu já tinha recebido passagem gratuita, mas neguei. Olha que eu nem sabia com chegar na minha terra. Como era período de férias, eu contatei os estudantes em Niterói e fui com eles. Quando cheguei no aeroporto internacional na ilha do Sal, eles me deram dicas como chegar em São Nicolau. Chorei e ainda choro quando me lembro de ter passado 40 anos aqui sem visitar minha terra. Para quem não me conhecia, ia me conhecer, para que me conhecia eu ia revê-lo. Depois de 1997 fui duas vezes.

Como foi essa iniciativa de criar uma associação?

Sempre pensei num local aonde pudéssemos reunir maior número de caboverdianos pá brincar, pá recordar nosso passado. A gente já vinha se reunindo na casa de patrícios, mas não ia para frente, começava e acabava. Sempre teve associação. O primeiro nome foi Associação Africana, mas havia muito confronto entre os imigrantes. Assim, decidimos para Associação Caboverdiana porque a nossa cultura é diferente dos africanos. No início propomos uma cota de cinco reais, mas a maioria não contribuía. A contribuição tinha como objetivo financiar as festas, mas para evitar que os caboverdianos afastassem da associação, cancelamos a cota.

Vocês receberam financiamento para a construção da obra?

De Cabo Verde não. Saímos pedindo ajuda a comunidade. Recebemos doações de amigos, colegas. Compramos o terreno em 1982 e foi construído em 1883, está registrado no cartório como Associação Caboverdiana no Rio de Janeiro. Tenho toda a documentação. Fiquei como presidente por 20 anos, mas como estou ficando velho, cansado, passei para o Raimundo, filho de caboverdianos.

Raimundo⁽²⁶⁾:

Como são seus hábitos e costumes?

Bem, eu sou brasileiro, mas considero caboverdiano, talvez por ter criado junto de caboverdianos. Geralmente os mais velhos consideram caboverdianos enquanto que os mais novos não.

Porque esta diferença?

Antigamente, os caboverdianos se reuniam mais vezes e, a gente estavam sempre no meio deles, hoje quase que não fazem uma festa. Também a maioria já morreu, meus pais vivem aqui há mais de 40 anos e nunca visitaram a terra de origem. Os descendentes que deveriam levar isso para frente estão se afastando.

Como foi sua experiência como Presidente da Associação?

O pessoal cobra muito, eu fazia muita festa com cunho mais tradicional pa tentar resgatar a cultura, eu queria tornar a Associação num espaço cultural, mas felizmente trabalho. Elaborei o estatuto da Associação e atribui o presidente o cargo de dois anos, mas eu fiquei por três anos. Na minha gestão havia mais mulheres que homens.

⁽²⁵⁾ J. B., natural da ilha de São Nicolau, 75, um dos líderes fundadores da Associação Caboverdiana do Rio de Janeiro, casou com uma caboverdiano no Rio. Chegou aqui com ainda criança e serviu militar no Brasil. Foi a Cabo Verde em 1997 pela primeira vez após 40 anos de permanência. Entrevista realizada no dia 21/06/03 durante a festa Junina na Associação, morador em Carmar, cidade de Nova Iguaçu.

⁽²⁶⁾ Raimundo, descendente de imigrantes caboverdianos, casado com uma brasileira, ex-presidente da Associação Caboverdiana do Rio de Janeiro, 45 anos, morador na cidade de Nova Iguaçu.

Quais são seus vínculos com a comunidade?

Estou afastado das festas porque não posso conciliar o trabalho com a comunidade, mas continuo apoiando. Hoje não fui trabalhar para prestigiar a festa Junina. É só ver, aqui tem mais brasileiros do que caboverdianos, se a gente não incentivar a descendência, isso acaba porque ao vem mais imigrantes para o Brasil. Os estudantes são temporários, não podemos contar com eles. Além disso, eles têm as festas deles em Niterói. Meus filhos são brasileiros, mas estão aqui.

Que imagem você tem dos caboverdianos?

Caboverdianos são reservados, muito observadores, não falam muito da terra deles. Parece que saíram de lá revoltosos, com raiva da terra. Meus pais estão aqui há mais de 40 anos e, nunca foram lá. Não falam do país, parece que têm vergonha da própria terra. Não consigo entender uma coisa, aqui em Mesquita tinha muitos caboverdianos, a maioria morreu sem regressar à terra. Meu pai ta com 80 anos e na cama, vai morrer aqui. A gente sabe que gostam de festas, são amigos um do outro. Quando morrem um caboverdiano entram de luto, ninguém vai às festas.

Antônio:

Os meus colegas dizem que meus pais têm sotaque e que eu também tenho sotaque, mas eu não percebo isto, talvez por ter sido criado no meio deles. Minha mãe, às vezes faz cachupa, mas não gosto dela com aquele montão de caldo, gosto dela guisada. Cachupa demora pá cozinhar, cachupa é muito trabalhosa.

10. Entrevista com Elizangela⁽²⁷⁾, brasileira.

Como deu esse entrosamento com os caboverdianos?

Bem, esse convívio com os caboverdianos deu através da vivência de meu marido que é moçambicano. Então, há uma interação muito grande entre os estudantes oriundos da África.

Você acha alguma diferença entre o comportamento dos caboverdianos e dos cariocas?

Para falar dos caboverdianos especificamente, eu gosto demais das festas. Eles são muito alegres, acolhedores. As músicas são muito boas, e, como nós brasileiros temos uma questão sensual devido a cultura, mistura de raças, brancos, negros, eu percebo muito da cultura brasileira junto com a cultura caboverdiana. Então é uma festa maravilhosa.

Você participa das festas?

Eu tou numa festa, claro, então, eu não posso perder essa oportunidade. Então, danço bastante funaná, uma música bem alegre, rápida, tem que tem muito fôlego.

O que você percebe no modo de dançar as músicas de Cabo Verde?

Eu percebo uma dança sensual, não sei porque. Já convivo bastante tempo com os caboverdianos; não penso nada de mal. Para quem ta de fora, é uma coisa bem sensual, sexual, então, uma dança juntinha, colada. Que vem de fora acha que é um ato sexual em si, então a gente explica que é uma dança como qualquer outra. É uma dança muito longa, mas a mulher ao pode deixar o par na sala, tem que dançar até o final da festa. A gente percebe que há uma regra que não pode deixar o par na sala. A gente que é brasileira, a gente adapta ao modo de dançar quando convivemos com os caboverdianos. A mulher caboverdiana é muito esperta, pois quando percebe alguma diferença, má intenção, sacanagem, ela dá um jeito de sair da situação sem deixar o par na sala, coisa que a gente não percebe, ela muda de ritmo, embora seja uma dança sensual.

Você acha alguma diferença entre o comportamento dos imigrantes e dos estudantes?

Bem, há diferença. Os imigrantes por estar aqui há muito tempo, eles pegaram a cultura daqui, eles convivem com as duas culturas. Eles dançam agarrados, mas um pouco diferente dos estudantes. Tiveram que moldar a dança à cultura local. Talvez quando chegaram perceberam que aqui era diferente, deve ter encontrado alguma resistência da população local porque quem vem de fora percebe um ato sexual. Isso causa um certo impacto, mas eu já sou brasileira e africana, é tanto que já fui à África com meu marido, e lha que eu gostei, é um povo alegre.

Que mais te chama atenção na cultura caboverdiana?

Bem, os imigrantes não falam em crioulo. Agora, quando os estudantes começam a falar o crioulo eu fico doída, não entendo nada, é uma língua nacional, eles preservam a língua. A cachupa é um prato nacional, é um traço da cultura. A cachupa é para o caboverdiano, assim com o feijão é para o brasileiro. É uma festa quando comem a cachupa, é uma coisa assim, nem sei explicar. Com relação aos imigrantes, eu acho que a gente nunca esquece nossa língua, se voltar para lá aprende de novo, é porque ficaram aqui e aprenderam o português.

⁽²⁷⁾ Elisangela, brasileira, casada com um imigrante moçambicano. É secretária do Programa do curso de Mestrado em Psicologia Social na Universidade Gama Filho, bairro Piedade, cidade do Rio de Janeiro. Entrevista realizada em 5 de setembro de 2004.